

Xarles

O PRÍNCIPE

Jason Jair Frutuoso

Brasília/DF
Maio de 2008

Copyright © 2008 Jason Jair Frutuoso

Xarles, o Príncipe

Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, desde que citada a fonte e após comunicação com o autor.

Projeto Gráfico e Capa: Fábrica de Criação (www.fabricadecriacao.com.br)

Ilustrações: Allan de Lana Frutuoso

Revisão e orientação: Margarida Drumond de Assis - tel.: (61) 9252-5916

Frutuoso, Jason Jair,
Xarles, o Príncipe, / Jason Jair Frutuoso, – Brasília : Ed. do Autor,
2014.

181 p. : XX : 21 cm.

ISBN 978-85-908755-3-6

1. Literatura brasileira - ficção, I. Título.

CDU 82-3(81)

Ficha elaborada pela Formatum Consultoria
25/10/2011

Obra revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor a partir de janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados ao autor.

Contatos com o autor: *E-mail: Jasonfrutuoso@gmail.com*

Tel: 3346-8067 e 3245-4653

www.jasonfrutuoso.com.br

Jason Jair Frutuoso nasceu no interior de Minas Gerais e passou as dificuldades e alegrias de uma vida rural na fazenda ou na cidade de Vermelho Novo, lugarejo muito pequeno da Zona da Mata daquele estado.

Além do trabalho duro e precoce, e apesar de todas as dificuldades, se esforçou para ter uma vida melhor, entendendo o lugar que a educação teria em sua jornada.

Aos 18 anos se mudou para Belo Horizonte e passou por um grande choque cultural. Nunca tinha estado em uma cidade grande, onde encontrou costumes muito diferentes dos seus, objetos desconhecidos e um ritmo de vida completamente novo.

Anos depois, mudou-se para Brasília, casou-se, começou a trabalhar na área da saúde e formou-se em psicologia na década de 80, profissão com a qual trabalha até hoje.

Esse é o panorama resumido de sua vida, que lhe trouxe muitas histórias, algumas vezes leves, outras vezes dramáticas, e que servem de inspiração para o roteiro de seus textos. Em “Xarles, o príncipe”, seu terceiro livro publicado, podemos desvendar um pouco do escritor notando influência de sua vasta experiência com a psicologia, e conhecer um pouco de seu espanto com hábitos, influências, doenças e a violência da sociedade contemporânea.

Cheio de vontade e prazer de escrever, Jason ainda terá muitas boas histórias para nos contar!



Dedico este livro em primeiro lugar aos meninos de todos os cantos do Brasil, especialmente àqueles que tiveram que protagonizar esta e outras histórias, nem sempre com o mesmo final feliz registrado na vida da maioria daqueles que tiveram a oportunidade de viver em um lar harmônico; à minha família por ter me dado a oportunidade de viver para contar esta e outras histórias; à minha esposa Lúcia, companheira na alegria, na tristeza, na saúde e na doença; e a meus filhos Alex, Rodrigo e Allan, por serem nossas testemunhas do dia a dia, mês a mês e anos...

RÍNCIPE II O primeiro degrau para o trono III
esperada IV A primeira crise de Maria V José
dança de endereço VI Outra caminhada para o
es passa a noite fora VIII José Neto muda seu
stal IX Uma imagem do futuro rei X Dois anos
Xarles se excede na cocaína XII Pedro atinge a

SUMÁRIO

a maioria XIII Xarles entra para o mundo do c
Xarles arruma uma jovem mulher XV Nasce Charl
XVI Reviravolta na facção de Pedro XVII O casame
Maria XVIII Charles Júnior dá os primeiros passos
Xarles é preso com papelotes de drogas XX Agrav
problema de saúde de Xarles XXI Como ficou Cha

Apresentação

Prefácio

I - Xarles, o príncipe

II - O primeiro degrau para o trono

III - Uma visita inesperada

IV - A primeira crise de Maria

V - José anuncia mudança de endereço

VI - Outra caminhada para o trono

VII - Xarles passa a noite fora

VIII - José Neto muda seu endereço postal

IX - Uma imagem do futuro rei

X - Dois anos mais tarde

XI - Xarles se excede na cocaína

XII - Pedro atinge a maioria

XIII - Xarles entra para o mundo do crack

XIV - Xarles arruma uma jovem mulher

XV - Nasce Charles Júnior

XVI - Reviravolta na facção de Pedro

XVII - O casamento de Maria

XVIII - Charles Júnior dá os primeiros passos

XIX - Xarles é preso com papelotes de drogas

XX - Agrav-se o problema de saúde de Xarles

XXI - Como ficou Charles Júnior distante do pai

XXII - Mais problemas na família Oliveira e Silva

XXIII - Pedro é pego em emboscada

XXIV - A história de Júlia e Paulo Gomes

XXV - Na trilha do futuro

XVI - Operação chacoalhada

XXVII - Antônio Filho chega da América do Norte

XXVIII - Minha viagem ao sul do Brasil

XXIX - Charles Júnior desponta para a vida profissional

XXX - Júlia renascente

em ter feito da experiência das ruas – usando delinquindo-se ou praticando outros tipos de atos para construírem algo de importante para outros muitos, entretanto, certamente entraram túneis sem volta e, ao final da experiência, por causa das drogas ou pela vingança dos traficantes

Ao repousar em um dia de domingo, num momento que, na verdade, pretendia apenas relaxar, tive minha mente invadida por lembranças dos meninos de rua e de outros meninos, meninos estes que, por uma ou outra razão, acabaram por ingressar em determinados meios, nos quais iniciariam suas caminhadas insanas.

APRESENTAÇÃO

Ao repousar em um dia de domingo, num momento em que, na verdade, pretendia apenas relaxar, tive minha mente invadida por lembranças dos meninos de rua e de outros meninos, meninos estes que, por uma ou outra razão, acabaram por ingressar em determinados meios, nos quais iniciariam suas caminhadas insanas.

Muitos deles devem ter feito da experiência das ruas – usando drogas, delinquindo-se ou praticando outros tipos de ilicitudes – tijolos para construírem algo de importante para suas vidas. Outros muitos, entretanto, certamente entraram em verdadeiros túneis sem volta e, ao final da experiência, por causa dos efeitos das drogas ou pela vingança dos traficantes ou, ainda, pela ação da polícia, acabaram tendo uma morte trágica. Outros não morreram literalmente, não tiveram as certidões de óbitos com os clássicos motivos do falecimento como “parada cardiorrespiratória”, “insuficiência respiratória”, “falência múltipla dos órgãos” ou mesmo outros males, transformaram-se, sim, em mortos vivos. Então, nunca foram aqueles saudáveis meninos e meninas, nascidos sob o signo dos desejos de pais ávidos por filhos predestinados ao tão esperado “futuro promissor”.

Como a idealização é um jeito fantástico de pintar o filho que queremos ter, ela sempre falha. Nunca nosso ser amado, seja menino ou menina, terá êxito na tarefa de corresponder, exatamente, às expectativas dos pais. Pode até ultrapassá-las, ir além do esperado – o que também é quase impossível, uma vez que sempre os pais querem mais – mas nunca será exatamente aquele fruto da idealização.

Em *Xarles, o Príncipe*, quero mostrar, da forma mais direta possível, os caminhos de Xarles, um menino que nasceu com a “responsabilidade” de transformar a vida de sua família que, embora muito difícil, não chegava a ser caótica; deveria proporcionar aos seus uma situação mais confortável, dando-lhes melhor nível socioeconômico. Mas Xarles, como qualquer outro menino, não fora capaz de realizar tamanha

proeza, principalmente porque, quando lhe atribuíram a grande tarefa, esqueceram-se de que as façanhas da criança dependem de como é construído o suporte familiar.

Xarles conseguiu protagonizar, ao modo dele, a história dos meninos de rua, dos meninos da Candelária e dos meninos de todos os cantos e “mocós” espalhados por este Brasil.

Este livro não tem destinação específica, mas, com certeza, servirá de reflexão a todos aqueles que tenham interesse pela história de meninos que, como Xarles, acabam protagonizando as pesadas histórias de família que, neste e em todos os momentos, estão ocorrendo no mundo, histórias que vão além da capacidade cognitiva e psicoemocional deles.

Apresento-lhes agora: *Xarles, o príncipe*.

Jason Jair Frutuoso

Brasília, maio de 2008

nasceu em 1981, numa das mais promissoras da família. O fracasso que em outras ocasiões da vida familiar cedera espaço à esperança de nova situação. Naquele momento já pensavam para algum lugar que lhes oferecesse melhor vida. Então, por que não irem para a cidade? O

I XARLES O PRÍNCIPE

O Príncipe não presenciou a luta dos pais no cotidiano da fazenda, mas os outros filhos iniciaram o trabalho no roçado a partir dos sete anos de idade. Os que ainda não conseguiam puxar as grandes enxadas nos becos eram obrigados a carregar pesadas gamelas de comida que alimentavam os peões. Os trabalhadores rurais

O Príncipe nasceu em 1981, numa das mais promissoras épocas de sua família. O fracasso que em outras ocasiões fizera parte da vida familiar cedera espaço à esperança de alcançar uma nova situação. Naquele momento já pensavam em partir para algum lugar que lhes oferecesse melhor qualidade de vida. Então, por que não irem para a cidade? O pai e os irmãos do Príncipe trabalhavam de sol a sol, empunhando ferramentas próprias dos trabalhadores rurais daquele tempo. Sua família plantava as sementes e dividia a colheita com meus pais. Esse modelo de relacionamento dos trabalhadores rurais com os donos das terras os fazia viver à mercê do clima e do humor dos patrões.

O Príncipe não presenciou a luta dos pais no cotidiano da fazenda, mas os outros filhos iniciaram o trabalho no roçado a partir dos sete anos de idade. Os que ainda não conseguiam puxar as grandes enxadas nos becos do café eram obrigados a carregar pesadas gamelas de comida que alimentavam os peões. Os trabalhadores rurais faziam uma espécie de troca de dias de serviço: quando terminavam os trabalhos no roçado de Seu Antônio, este e seus filhos iam ajudar no roçado dos outros peões. O príncipe não chegou nem mesmo a perceber como viviam os peões, pois ainda era bebê quando sua família se mudou para uma cidade de maior porte na Região Leste de Minas Gerais, Governador Valadares. A cidade despontava como “a terra prometida” da família Oliveira e Silva, e o Príncipe, caçula e temporão, havia sido idealizado pelos pais, mesmo antes do seu nascimento, como um futuro profissional com melhor formação que seus irmãos, os quais, na época da mudança para Valadares, sabiam apenas capinar, como fazia o pai.

Suas irmãs, Marina e Maria, também chegaram a trabalhar duro ao lado da mãe, às vezes no campo ou fazendo comida para alimentar peões. Marina dominava o cavalo, único animal que o pai possuía, como poucos homens o faziam, e era ela quem ia para a cidadezinha de Santa Bárbara comprar alguma coisa que o roçado não produzia, como, por

exemplo, sal, querosene e, às vezes, até tecidos de baixo preço para vestir toda a família.

Os filhos tinham apenas o sobrenome do pai, pois era assim que acontecia naquela região; com algumas exceções, o homem dominava toda a família. Era um modelo patriarcal. O sobrenome da mãe sequer era lembrado ao registrarem os filhos, e, com isto, o sobrenome da família materna ia aos poucos desaparecendo até se perder ao longo dos anos.

Seu Antônio de Oliveira e Silva, a exemplo de outros pais da região, era quem colocava os nomes nos filhos e registrava-os na cidade; ele ganhava as certidões de nascimento dos filhos como pagamento das promessas que os políticos faziam em troca dos votos do casal. Era quase uma norma comum às famílias que o filho mais velho tivesse o mesmo nome do pai. Assim ocorreu com o primogênito que recebeu o nome de Antônio Oliveira e Silva Filho e, como em outras famílias, o menino deveria ser uma espécie de retrato do pai ou, pelo menos, corresponder ao que o pai esperava dele. Normalmente, isso ocorria com o apoio da mãe, o que vigorava quase como uma lei familiar naquela parte do interior mineiro.

José, que geralmente era nome do primeiro filho, nesta família ficou para o segundo: José de Oliveira e Silva Neto, ou Neto. Coube a José homenagear o avô que nem o conheceu. Morreu de uma febre até então desconhecida, que matara a muitos naquela redondeza; disseram-me que era febre tifo, mas eu não tinha como saber direito se aquilo era verdade, pois, na data de sua morte, eu estava com oito anos de idade. Meu pai era um dos fazendeiros para quem o Sr. Antônio trabalhava. Em nossa fazenda ele teve seu último emprego no campo e, quanto a mim, muito cedo fui estudar na cidade de Valadares, exatamente para onde se mudou a família do Sr. Antônio e tantas outras que nem conheci direito.

O Príncipe quebrara todas as regras comuns àquele canto do país, talvez por haver nascido homem, caçula e, ainda por cima, temporão, ou seja, dez anos mais tarde que Maria Oliveira e Silva. Por esse fato, ela viveu

uma espécie de “meia glória”, prejuízo decorrente do fato de ela ser mulher e ainda filha de um homem pobre e treinado para ser muito machão.

O nome verdadeiro do Príncipe deveria ser Charles, mas seus pais, de pouco estudo, levaram o nome escrito num papelzinho, mas com X, o que foi aceito, ficando, então, Xarles com X mesmo. Tratava-se de uma homenagem ao príncipe inglês, de quem seu Antônio Oliveira e Silva ouvira falar no rádio e lia em jornais que ficavam expostos numa banquinha quando ele passava na calçada de uma das ruas da cidade de Caratinga. Mas devo ressaltar que Seu Antônio chegou a frequentar aulas na Escolinha de Dona Sebastiana, uma professora que até era inteligente, porém de pouco estudo. Sequer chegou a lhe ensinar direito a cartilha da infância; algumas pessoas diziam ser ela uma professora leiga, pouco preparada para tal tarefa.

Com o fato de Xarles chegar a esta vida, naquele tempo, ganhou, logo ao nascer, uma rival: Maria. Ela não aceitou a ideia de perder seu posto que, embora não lhe desse muitas regalias, deixava-a sempre ao lado da mãe, aprendendo as tarefas do lar para, mais tarde, ser sua imagem e semelhança como as meninas deveriam ser em relação às mães. A vantagem que Xarles obteve foi o desejo despertado em Maria de aprender a ser mãe, o que fazia dela uma constante babá do caçula; assim, ela também o ajudava na tarefa de “ser príncipe”, pois o superprotegia, embora o maltratasse por causa do ciúme que ele lhe provocava, ou seja, amava-o e odiava-o com igual intensidade. Como o ódio de Maria falava mais alto e Xarles não estava sendo preparado para lidar com as frustrações da vida, os dois viviam brigando.

Xarles, de fato, foi crescendo e sendo preparado para um principado sem rei, porque seu pai era um simples agregado das fazendas onde trabalhava. Aquele modelo de educação só deveria ser usado pelos fazendeiros da região e nunca por um simples trabalhador braçal como era o caso naquela família. Seu Antônio não chegara a ser rei nem mesmo do seu meio familiar, como ocorrera com seus antepassados, pois

sua mulher é quem de fato dominava não só os filhos, mas também o esposo. Então, o que restou foi o Seu Antônio e filhos aceitarem Dona Gorete como matriarca; assim, se algum filho se transformasse em príncipe, sê-lo-ia por descender de uma rainha, não de um rei. Entre um conflito e outro com o esposo, Dona Gorete tocava a ferro e fogo o destino de cada filho. Diga-se de passagem que quem programou a mudança para Governador Valadares foi ela, ignorando as ponderações de seu esposo.

Xarles, o Príncipe, era o filho preferido de Dona Gorete que, em seus inflamados discursos, o reverenciava: ele seria uma espécie de salvador, capaz de tirar a família daquela vida quase miserável. O pai preferia ser imparcial, não manifestando apoio aos discursos da mulher, e Antônio Filho, o irmão mais velho, muito cedo aprendeu a odiar as atitudes da mãe, que sempre colocava Xarles em evidência. Aliás, foi Antônio Filho quem usou pela primeira vez o nome “Príncipe”, referindo-se ao irmão caçula, para mostrar o quanto se sentia incomodado por aquele sistema familiar complicado. Perturbava-o imaginar seu futuro e o dos demais naquele meio.

José Neto era meio alheio a tudo, pelo menos é o que parecia. Talvez fosse um modo de lidar com tantos conflitos familiares, conflitos esses que aumentaram muito após a mudança para a cidade. Sem nenhum preparo para vencer, o pai procurava emprego na construção civil, enquanto a mãe lavava roupas para ajudar no orçamento, tempo em que o ambiente familiar ia se tornando cada vez menos suportável. A vida daquela família, para quem via de fora, parecia cruel, mas, se comparando com a forma em que viviam na roça, era como a concretização do sonho de morar no paraíso. Só o Sr. Oliveira e Silva tinha lá suas restrições, embora também gostasse da ideia de fugir da crueldade às vezes representada pelo clima – sol, frio ou chuva exagerados – outras vezes pelo mau humor dos patrões.

Com seis anos de idade, cinco deles morando em Valadares, o Príncipe ainda não ia para a escola, mas seus pais achavam-no intelligen-

te o suficiente para aprender a ler e a escrever à hora que bem entendesse. Acreditavam que, no momento exato, ele aprenderia tudo, podendo até mesmo galgar um posto acadêmico mais alto, diferentemente de todos os membros da família Oliveira e Silva. Poderia inclusive ultrapassar até mesmo a um de seus primos que estudara muito, formando-se em Contabilidade. Xarles era visto pelos pais como um garoto “inteligente demais”, como sempre frisava a mãe.

a atitude da mãe, ficava decretada a primeira vez que eu colocaria Xarles a caminho do trono. De seu lado, ele não fez nenhum gesto de desgosto, mas sentira-se fortalecido quanto um monarca, ao saber de que ao seu lado existe um exército. E o exército era ela, sua mãe! Com as mesmas mãos de ferro que

II O PRIMEIRO PASSO PARA O TRONO

Na outra escola, lembro-me bem, Xarles chegara de que sua força maior estava na voz da mãe que se tornando, de fato, a principal autoridade dos filhos, pois o pai, Sr. Oliveira e Silva, morrera ao cair do sétimo andar de um prédio em construção. Agora era ela quem tinha a força da autoridade, embora, mesmo antes

O Príncipe foi elevado ao primeiro degrau de seu trono, aos sete anos de idade, quando do primeiro tropeço acadêmico, no primeiro ano do curso primário, ao ser repreendido por uma professora. Então, ele teve ao seu lado a sua mãe, e com todo o arsenal que lhe era peculiar; ela se enfurecera com a escola, dizendo palavras de ordem: “Quem são vocês para castigarem meu filho?”

Fato é que D. Gorete pegou Xarles pelo braço e rumou para casa, dizendo-lhe: “Ninguém vai judiar de você, não, meu filho, vou arrumar uma escola que te mereça”.

Com aquela atitude da mãe, ficava decretada a primeira medida para colocar Xarles a caminho do trono. De seu lado, Xarles não sorriu nem fez nenhum gesto de desgosto, mas certamente se sentira tão fortalecido quanto um monarca, ao tomar consciência de que ao seu lado existe um exército. E o exército era sua mãe! Com as mesmas mãos de ferro que fazia calar os outros filhos, D. Gorete fazia agora aquela promessa a Xarles. Utilizava os mesmos recursos para fortalecer o filho caçula contra uma das principais instituições do mundo, a escola.

Na outra escola, lembro-me bem, Xarles chegara seguro de que sua força maior estava na voz da mãe que acabou se tornando, de fato, a principal autoridade dos filhos, pois o pai, Sr. Oliveira e Silva, morrera ao cair do sexto andar de um prédio em construção. Agora era ela quem tinha a força da autoridade, embora, mesmo antes do falecimento, o esposo já se sentisse anulado, mediante toda uma estupidez, com a qual ele não queria medir forças. Dona Gorete parecia sentir prazer em dizer que era, ao mesmo tempo, mãe e pai de seus filhos, mas o que estava claro é que ela usava de sua figura autoritária para fazer calar os outros filhos, quando esses reclamavam do comportamento de Xarles. Ela não usava a força duplicada de autoridade para repreender Xarles, usava-a, sim, para repreender qualquer pessoa que tentasse conter seu filho temporão. Isso ficava mais evidente na escola, onde o menino costumava mostrar suas

garras. Chegou a um ponto em que a escola também não conseguia mais conter Xarles que, aos nove anos, já era temido por alguns colegas de sua idade. O “Pequeno Príncipe” tinha a certeza de que em sua retaguarda havia força suficiente para elevá-lo ao próximo degrau da fama.

Então, com apenas nove anos de idade, Xarles já passara por três escolas, não deixando boas lembranças em nenhuma delas. Sempre que chegava a uma nova escola, ia logo escolhendo o lugar onde queria sentar-se e, para evitar complicações, os professores arrumavam um jeito de aceitar sua imposição. Devo lembrar que Xarles não levava boas recomendações do colégio, no momento da transferência; uma diretora, ao ser consultada, ia logo prevenindo a outra sobre a insensatez do menino, sempre apoiado por sua mãe.

Se aos sete anos já era conhecido como um grande valentão, aos nove chegara a brigar com um colega de seu porte físico, deixando-o com três dentes quebrados, culminando com um processo na delegacia contra sua mãe que se exaltara no momento em que a diretora tentava discutir a questão com as duas famílias. A briga teve início exatamente quando Xarles, em sua valentia, queria se apossar do lugar que outro “ferinha” já ocupava havia muito tempo. A bem da verdade, ele nem era bom de briga, mas covarde o suficiente para estar logo logo, ao lado de seu desafeto e identificado com ele. Foi assim que se comportou após a briga na qual quebrara os dentes de Ivo. Juntos, os dois já aprontavam muitas confusões, quando as famílias nem mesmo haviam feito as pazes pelo lamentável episódio que originara inclusive boletim de ocorrência na delegacia.

As repetidas suspensões escolares já não surtiam mais efeito, porque em cada suspensão ele e seu colega de travessuras mentiam em casa dizendo que estavam indo para a escola quando, na verdade, iam fazer suas travessuras pelas ruas da cidade, e, pior, Dona Gorete endossava toda essa fala, junto à mãe de Ivo. Com o passar do tempo, as famílias deixaram de ser inimigas, o que ocorrera após acordo na delegacia. O pai de Ivo ainda era vivo e morava em casa, mas, sem muita iniciativa,

preferia deixar que Dona Mariléia, sua esposa, resolvesse os problemas dos filhos. De seu lado, Gorete fazia vistas grossas, fingindo não saber do distúrbio de comportamento do filho, com isto minando as resistências de Mariléia em se opor à mãe de Xarles.

Dona Mathilde, a diretoria da escola onde Xarles estudava por esses tempos, era muito paciente. Era suficientemente boa para cuidar de Xarles e, apesar de tantos desaforos praticados por ele e por sua mãe, manteve-se em sua postura elegante e bastante didática.

Aos dez anos de vida, Xarles terminou o terceiro ano primário na escola de Dona Mathilde, logo seguindo-se a mudança de Governador Valadares para a capital mineira, época em que se encerrava um período muito difícil para a família. A nova etapa selava de vez o compromisso assumido por dona Gorete de ser ela mesma o pai e a mãe de Xarles e de seus irmãos. Decidiu rumar com os filhos para Belo Horizonte, embora sem nem mesmo saber o que de fato iriam fazer numa cidade tão grande, ela e seus filhos, muito jovens e tão desqualificados para assumir empregos e ajudá-la a sustentar a casa. “Casa? Onde? Será que iremos ter de fato uma casa?”, perguntavam os filhos. Contudo, tal questionamento não se passava na cabeça de Dona Gorete que, por sentir-se poderosa, era incapaz de fazer tais análises. A preocupação vinha especialmente do filho mais velho, pois aquilo poderia ser uma desventura para ele. Antônio filho foi idealizado pelo pai como seu sucessor, caso viesse a faltar, mas o primogênito sequer chegara a assumir quaisquer compromissos nesse sentido, pois a mãe foi tratando de encampar a parte da autoridade que deveria ser herdada pelo filho.

Mas a família Oliveira e Silva chegou a ter sua casa em Belo Horizonte, não a casa sonhada por dona Gorete, mas uma casa muito pobre e situada numa área que eles próprios achavam muito perigosa: foram morar no Morro do Minério.

A primeira iniciativa de dona Gorete, na capital, foi procurar uma escola para matricular o caçula, pois continuava a pensar firme-

mente em fazer dele um profissional respeitado, talvez até mesmo um médico ou um engenheiro, quem sabe? Primeiramente percorrera as escolas públicas da região, mas achou que nenhuma delas estava à altura de seu filho, matriculando-o então em uma escola particular de um bairro vizinho.

Não houve nenhuma novidade nesse recomeço. A atitude da dupla foi a de sempre. Em primeiro lugar dona Gorete lançou um olhar de desconfiança sobre o colégio e principalmente sobre a professora que, provavelmente, teria seu filho como aluno. A escola era diferente daquela de D. Mathilde, a começar pela professora que não costumava perdoar falhas como as que Xarles cometia. Na primeira reunião com a mãe, a relação não foi nada amistosa, e a professora Ingrid procurou enquadrá-la, explicando-lhe todas as regras que faziam parte do estatuto da escola, documento que era entregue a todos os responsáveis pelas crianças que ali estudavam. Gorete andava de um lado para outro questionando aquelas normas e esbravejando na presença da professora e na de Xarles que a tudo assistia, encaixado numa cadeira almofadada, como se fosse apenas um espectador daquela situação. Ingrid colocou um ponto final na reunião, enquanto mãe e filho foram para casa confabulando como sempre. D. Gorete perguntou se ele havia entendido tudo que fora tratado na reunião, ao que ele respondeu: “Nem escutei direito. Estava pensando em umas coisas que eu e meu novo amigo combinamos, mas aceito tudo que a senhora combinou com a professora. Só que não gostei nada dela; ela parece ser a dona das crianças que estudam naquela ‘escolinha’, mas vou tentar estudar lá”. E pronunciara o termo, como que desdenhando tudo o que vira.

A mãe, como era de se esperar, disse a Xarles: “Tá bão meu filho. Qualquer coisa que acontecer você me comunica que vou lá e converso com a professora. No começo é assim mesmo. É muito difícil esta mudança, mas você é muito inteligente e vai tirar tudo de letra. Sabe o que estou dizendo?”

Xarles não respondeu que sabia o que era “tirar de letra”, mas eu mesmo havia assistido a uma de suas conversas com alguns amigos lá na cidade de Valadares e percebi que ele conhecia muitas coisas que nem mesmo sua mãe e seu irmão mais velho sabiam. Fiquei surpreso com a desenvoltura do moleque naquele grupo de crianças. Muitas delas passavam a maior parte do tempo na rua e algumas já até usavam as chamadas drogas lícitas, como o cigarro e o álcool. Se eles usavam outras drogas eu não sei, mas era bem provável. Não sei também se Xarles ingeria álcool ou fumava tabaco, mas me doeu vê-lo no meio de garotos tão experientes para a idade, com tão rico vocabulário de gírias.

Enquanto a mãe andava à procura de uma escola “à altura” de Xarles, Antônio Filho andava pela cidade de Belo Horizonte procurando serviço, já nem pensando em estudar. Teria que ajudar a formar o irmão caçula, de quem até ele mesmo pensara tornar-se-ia no futuro salvador da família, tirando-a daquela vida quase miserável, ali no Morro do Minério.

Seis meses depois do início das aulas, Xarles já chamava a atenção de todos. Era considerado o garoto “pinta brava” da escola e a família já pensava em se mudar do Morro do Minério para o Bairro onde Xarles estudava. Mas Xarles não queria saber de lá e já fizera um pacto com um amigo que conhecera, há seis meses mais ou menos; os dois combinaram que seriam os mais respeitados do bairro e, pelo que vi e ouvi, eles já formavam um pequeno grupo do qual José de Oliveira e Silva Neto, o irmão segundo, desconfiava muito, a ponto de um dia encarar um dos moleques e dizer que ele não entraria mais em sua casa. José era bem parecido com seu avô: quando defendia alguma coisa, o fazia com unhas e dentes, pouco se importando se tivesse que agredir fisicamente qualquer pessoa.

A irmã Marina já trabalhava como empregada doméstica em um bairro chique de Belo Horizonte, enquanto Maria, a caçula a quem Xarles sucedera, ainda continuava preferindo trabalhar em casa, e, a esta altura, já parecia muito com a mãe, gostava de conseguir tudo “no grito”.

A família brigava abertamente e os vizinhos já se inquietavam com tanta confusão, mas dona Gorete ainda não conseguira perceber que a dinâmica de sua família não andava nada bem. Fato é que, em todo aquele clima, para Antônio Filho e os outros irmãos de Xarles a vida passava dolorosamente rápido. Antônio já estava com 26 anos de idade, José com 24, Marina com 22 e Maria com 20.

“Tudo passou voando”, como dizia Antônio Filho aos seus familiares. Ele não conseguiu reestruturar a família e assumir um pouco da autoridade de que ela precisava. Sua mãe continuava irredutível, Marina continuava empregada doméstica, ainda sonhando com os estudos, mas já estava quase indo embora para os Estados Unidos com uns homens que diziam emprestar dinheiro para a viagem e para os primeiros meses em que ela ficaria desempregada lá. Certamente iria ser empregada doméstica, mas a família estava resistente ao fato; Maria, embora parecida com a mãe, já não suportava mais tanta pobreza e tantos conflitos familiares.

bem recebida por Gorete, mas, quando tudo tranquilo, chega porta adentro o menino Xarles a compra de um carro movido a baterias, um zinho dirigido por controle remoto e que raras súiam devido a seu alto preço. D. Gorete disse teria dar aquele presente, mas ele não gostou



UMA VISITA INESPERADA

D. Malvina era muito amiga de nossa família, e um contou à minha mãe que andava muito preocupada com o menino Xarles, porque dona Gorete não parecia perceber os rumos que ele estava tomando. Certa vez ponderou sobre o comportamento do sobrinho: “Ele é mesmo inteligente, mas nem tanto; ele é também carinhoso, mas nem tanto; ele é também carinhoso”

Numa manhã escurecida do mês de janeiro, com jeito de chuva, chega à casa de dona Gorete, no Morro do Minério, em Belo Horizonte, D. Malvina, irmã do Senhor Antônio Oliveira e Silva, seu falecido marido.

A visita fora bem recebida por Gorete, mas, quando tudo parecia tranquilo, chega porta adentro o menino Xarles exigindo da mãe a compra de um carro movido a baterias, um automovelzinho dirigido por controle remoto e que raras crianças possuíam devido a seu alto preço. D. Gorete disse que não lhe poderia dar aquele presente, mas ele não gostou da negativa e ficou indo e vindo, chamando atenção da mãe que tentava disfarçar, uma vez que tinha visita e uma visita que um dia alertara Gorete sobre a falta de disciplina de Xarles quando esse tinha apenas seis anos de idade, o que terminou em briga das duas; dona Gorete teria sido brusca com Dona Malvina, chegando até a convidá-la a se retirar de sua casa.

Contaram-me alguns vizinhos que, naquela ocasião, o casal Oliveira e Silva tivera um grande conflito por causa do episódio e que só dois ou três anos mais tarde as duas cunhadas voltaram a conversar. E mais: D. Malvina nunca mais voltara à residência deles, sendo, portanto, esta a primeira visita após o episódio que acabo de relatar.

D. Malvina era muito amiga de nossa família, e um dia contou à minha mãe que andava muito preocupada com o menino Xarles, porque dona Gorete não parecia perceber os rumos que ele estava tomando. Certa vez ponderou sobre o comportamento do sobrinho: “Ele é mesmo inteligente, mas nem tanto; ele é também carinhoso, mas de vez em quando perde o controle da emoção e, nesta hora, ninguém na casa consegue contê-lo. O pai até parecia preocupar-se com o futuro de Xarles; porém, não lhe era fácil agir, porque a esposa interferia quando ele tentava colocar o garoto nos trilhos”. E D. Malvina continuava naquela fala que parecia não ter fim.

Ela falava sobre Xarles, da infância à adolescência, e revelou acontecimentos sobre a gestação de Gorete quando ela esperava o garoto. “Xarles nasceu por um descuido da mãe. Gorete tentou evitar filho tomando umas pílulas e houve um tempo em que o conflito entre ela e meu irmão aumentou muito. Então ela acabou se esquecendo de tomar o anticoncepcional, ficando grávida de Xarles. No começo, rejeitou-o, chegou a pensar em abortar, mas, depois de tanto Antônio pedir, resolveu ter a criança. Depois que o menino nasceu, Gorete virou outra pessoa; em vez de continuar rejeitando ou então regular seus sentimentos pelo menino, começou a protegê-lo tanto que chegou a quase endeusá-lo. Seu forte desejo de matar a criança cedeu espaço a uma proteção medonha. Com estas atitudes, creio, a minha cunhada está mesmo é querendo pagar pelo tanto que rejeitou a criança. Ninguém mais suporta esta situação e eu tenho muito medo de que o Xarles se desvie e passe a ser um fora da lei. Cruz credo, comadre, nem gosto de pensar nestas coisas”, foi o que ouvi dona Malvina dizer.

Antônio Filho veio a passeio a Governador Valadares e nos procurou. Afinal, ele era filho de um homem que fazia um trabalho tipo escravo para meu pai, mas temos quase a mesma idade e éramos bem amigos na infância e na adolescência. Depois fui galgando os postos comuns a um filho de fazendeiro: e ele, seguindo os rumos esperados para uma pessoa desprovida de recursos, como era seu caso. Mesmo que quisesse estudar, ser-lhe-ia muito difícil, por duas razões: uma, porque era mesmo pobre e estava sujeito à seleção injusta pela qual passamos, vivendo em um país com tantas desigualdades sociais; a outra, porque sua mãe havia fechado na ideia de que Xarles deveria ser levado ao grau acadêmico máximo, mesmo que isto custasse o sangue dos outros filhos. Ademais, Antônio, sendo o filho mais velho, teria muito mais responsabilidades que os outros.

Na viagem a Valadares, Antônio disse-me que a visita de Dona Malvina foi “uma bomba”, não porque ele e seus irmãos não gostassem dela, mas porque D. Gorete a recebeu com o comportamento qual o de uma galinha choca que recebe qualquer um que tenta se aproximar de seus filhotes. Disto todo mundo já sabia, mas o que desconhecíamos era de tantas histórias comprometedoras reveladas por D. Malvina e que envolviam a matriarca.

O ambiente foi se esquentando e no final da conversa, na realidade mais uma briga do que conversa, Malvina destacou o que achava mais relevante na vida do irmão e na de D. Gorete, a começar pelo casamento dos dois. Destacou Antônio, na ocasião: “Ficamos sabendo que meu pai, desistira de se casar quando faltavam apenas dois meses para o evento. Os pais dele, meus avós, eram veementemente contra o casamento, porque já sabiam do temperamento de minha mãe. Meu avô paterno, sempre que se referia àquele casamento, alertava para o fato de meu pai estar casando com uma pessoa “geniosa”. Ele dizia que, antes de os dois se casarem, havia tempo para se arrepender, mas, depois do casamento, seria muito mais difícil e que mais difícil ainda seria quando tivessem filhos. Vovô dizia que filhos amarram o casal para sempre. Tia Malvina disse até que mamãe já estava grávida de mim quando se casou com papai. Seu medo de ser abandonada era tanto que deixou ocorrer a gravidez antes do casamento”. Da conversa de D. Malvina com D. Gorete, aquele filho primogênito citou as palavras da tia: – “Quando Antônio recebeu a notícia de que você estava grávida, ele ficou tão chocado que teve até uma depressão. Ele sumiu de sua casa por aquele tempo, que você bem sabe, porque queria mesmo é desistir do casamento, e papai bem o alertara quanto ao seu temperamento; Antônio, porém, não quis mais ouvi-lo. Afinal, ele se casou com você, foi apenas por Antônio Filho, porque, na nossa família, filho é sagrado e merece todo o respeito do mundo. Você, Gorete, desculpe-me a franqueza, não merecia se casar com um homem tão bom quanto ele”.

Antônio Filho foi aos poucos me contando tudo que sabia e parecia que não ia mais parar. Cheguei a ter uma certa aflição e pensei cá comigo: “por que fui mexer neste assunto, meu Deus? E agora?” Mas resolvi enfrentar, assim mesmo, aquela conversa por mais tempo. Ao final, Antônio pôs-se a chorar e disse que não voltaria mais para sua casa em Belo Horizonte, que pretendia viajar para qualquer lugar do mundo. Talvez fosse para os Estados Unidos da América. Fora convidado por um amigo de infância que morava lá, havia quatro anos mais ou menos. Eu o conheci também. Era um daqueles aventureiros que viajam para lá sem qualificação profissional e com pouco estudo. José Ventura era muito corajoso e garantiu que Antônio Filho não passaria dificuldades, ajudá-lo-ia, com certeza. Mas Antônio não estava mais ligando para detalhes. O que ele queria mesmo era se livrar de tantos conflitos familiares.

Antônio tinha pela mãe um sentimento estranho: dizia gostar dela, mas tinha muito ódio quando se lembrava de tudo que ela fazia com ele e com seus irmãos; até mesmo o jeito de Dona Gorete proceder em relação a Xarles lhe causava ódio. Ele sabia que, embora seu irmão caçula fosse tratado como verdadeiro príncipe, tudo aquilo poderia terminar mal. Ele parecia antever o futuro quando dizia: “Xarles vai ter muita dificuldade para enfrentar as adversidades da vida. Ele não está acostumado a receber um “não”. Minha mãe o trata como se ele fosse um príncipezinho”. E Antônio sabia, como ninguém, do que estava falando, porque a vida lhe havia dito “não” inúmeras vezes. Quando me disse tudo aquilo, ainda se lembrava do quanto lhe era duro procurar emprego todos os dias recebendo sempre a negativa dos empresários. No mínimo o empregador lhe perguntava qual era seu grau de instrução. Esta pergunta já estava gravada em sua mente e ele a recebia como um bofetão; também sabia que contra a realidade não havia o que fazer.

Antônio Filho era uma pessoa treinada para não ter sucesso na vida: o tempo todo fora desqualificado pela própria mãe; o tempo todo lutava para mudar o funcionamento de sua família e quase sempre se sentia impotente. Aquela família não mudaria facilmente, até porque aquele conflito familiar, já crônico, parecia normalidade. Ninguém mais sabia como viver de outra forma; a família precisaria aprender um novo jeito de viver.

Antônio Filho queria, na verdade, era fugir do conflito. Parecia não perceber que indo para longe não adiantaria tanto, porque deixaria de participar do conflito no cotidiano da família, mas levaria, e bem dentro de si, seus próprios conflitos para os Estados Unidos e não teria uma só noite de sono tranquilo; ele estava condicionado a sentir aquela ansiedade cortante todos os dias e não era lá que iria elaborá-la. Antônio já guardava em si a imagem clara de uma dinâmica familiar conturbada, Antônio era um prisioneiro do conflito familiar.

Marina, mais esperta que seu irmão Antônio, partira para a América, mas ninguém sabia como faria para se livrar da polícia americana quando chegasse à divisa do México com os Estados Unidos. Naquela fronteira precisaria de muita sorte para não ser pega pelos agentes americanos, e ainda precisaria de sorte redobrada para acertar, a contento, com os coyotes, homens que facilitavam a entrada dos migrantes ilegais naquele país, mas que eram implacáveis na hora do acerto de contas. Marina, todavia, como Antônio Filho, acreditava que era possível e preciso distanciar-se da guerra familiar. Também ela não suportava mais viver ali no Bairro Vera Cruz, para onde sua família se transferira após um período difícil morando no Morro do Minério.

Como Antônio Oliveira e Silva Filho fora por mim convidado a permanecer em Governador Valadares até resolver se iria ou não para os Estados Unidos – o que dependeria de seu amigo aventureiro – sua mãe ficou apenas com José, Maria e Xarles numa casa de três quartos

e um quintal bastante grande onde plantava hortaliças, no intuito de assim, matar a saudade dos tempos de meeira nas fazendas da Região Leste de Minas Gerais. Na fazenda do meu pai, onde moravam, a única regalia da família Oliveira e Silva era poder plantar horta sem ter que dividir a colheita.

Mas, voltemos à visita de Malvina à Dona Gorete:

Ao final da tarde, segundo Antônio, Malvina e Gorete haviam passado toda a história pregressa a limpo e quase “não ficou pedra sobre pedra”. À noite, nada mais foi revelado, porque D. Malvina estava exausta e preferiu tomar um ônibus noturno e retornar a Valadares. Pelo que Antônio me contou, não havia clima para a tia pernoitar em sua casa. D. Gorete manifestara uma enorme crise de enxaqueca, quadro já conhecido da família e, Malvina, mulher de temperamento forte, não deixou transparecer que estava abalada com toda aquela discussão, fingia que estava apenas cansada. Ela deve ter saído de lá com uma leveza incrível, pois, pelo que sabemos, os assuntos tratados naquele dia – o sexo e a gravidez antes do casamento, a rejeição ao Xarles, a rejeição a D. Gorete pelos sogros, dentre outros conflitos – eram um tabu para toda a família. Por outro lado, com a morte de Seu Antônio, isto parecia ter se amenizado; afinal, não haveria mais jeito de Gorete deslocar sua agressividade para o esposo, como sempre fazia quando discutia com um de seus familiares. Ele agora estava morto.

O tempo se passou, e José, muito deprimido e sem recursos internos para dar a volta por cima, passou a ser o alvo das reclamações de D. Gorete. Ele continuava sem perspectiva de poder sair daquele ambiente familiar como fizeram Antônio e Marina que já haviam partido para os Estados Unidos.

Maria, embora rivalizando sempre com o irmão Xarles, não pensava em sair, pois, apesar de tudo, a mãe gostava dela por ter a personalidade parecida com a sua. Xarles continuava a assistir tudo

de camarote e, a esta altura, pré-adolescente e com muito mais vigor físico do que antes, já liderava o grupo que formara em parceria com um de seus amigos no Bairro Vera Cruz e com amigos antigos do Morro do Minério, estando, assim, cada vez mais forte. A liderança de Xarles não era tão consistente e tudo o que ele precisava era de um grupo como aquele; ali, era aceito com o seu jeito – de pouca inteligência, muita inquietação e a força física misturada com a impulsividade – um menino fruto da cegueira emocional. Até então só conhecia aquele mundo construído por dona Gorete, percebido com a mesma visão de um cavalo de carroça, que usa aquela viseira para não ver o que ocorre ao lado. Então, o mundo era apenas o que os familiares tinham à frente, e à frente só dava dona Gorete. O mundo de Xarles era apenas Dona Gorete.

Embora sonhassem com o filho doutor, os pais de Xarles não conseguiram estimulá-lo adequadamente para trilhar os caminhos que traçaram para ele, assim como não estimularam nem encorajaram os outros filhos para que pudessem buscar algo melhor na vida. Antônio Filho era exemplo disto. Ele só sabia pensar em algo relacionado à sua subsistência, só procurava trabalho, mas nunca pensava que um homem detentor de maior conhecimento acadêmico pudesse sair-se melhor na vida. O próprio Xarles, sempre preparado para ser o Príncipe da família, não havia recebido nenhuma formação para esta realização.

José era um garoto muito desligado, mal relacionava com uns dois ou três amigos. Parecia viver pensando e ninguém sabia em quê, talvez nem ele mesmo. Era um túmulo ambulante. Viver em outro mundo era um jeito de fugir daquele ambiente sem ter que viajar para longe como acabou fazendo mais tarde Antônio Filho.

Fiquei sabendo que, após a visita de Dona Malvina, aquela família nunca mais foi a mesma. Foi como se alguém pisasse em algum ponto de um formigueiro e assanhasse todas as formigas. Então, a comunidade

das formigas teria que se reestruturar, e a família de Gorete, também.
Agora ela era um formigueiro pisado.

que Maria relata, nossa casa agora tem mais mas a mamãe nega que sabe de onde vem o a mordomia. Claro que ela sabe que isto vem itos feitos por Zé Neto. Mamãe disse também pensa em se mudar para um bairro de classe s ele ainda não sabe quando e nem para qual

IV A PRIMEIRA CRISE DE MARIA

Maria teve uma crise emocional, como nunca: um desses, segundo ela própria, desmaiou várias vezes começou quando ela pôs-se a pensar em nossa fa na própria vida que nunca melhorava. Pensou tam num dia em que teve uma decepção com papai, b com ele, xingou-o bastante e nunca pediu desculp

Maria, a caçula das mulheres, identificava-se muito com a mãe e parecia viver naquele meio sem muitos problemas. Em certa ocasião isto chegara a causar ciúme em Marina e até mesmo em Xarles. Maria dava a entender que compreendia mais as razões da mãe para suas exacerbações do que as razões para uma grande mudança tão necessária na família Oliveira e Silva. Mas não era bem assim. Ela também sofria naquele ambiente e, para melhor compreensão do que estou dizendo, exponho o que Antônio me contou em carta, algum tempo depois de se mudar clandestinamente para os Estados Unidos da América.

“Prezado Francisco,

A coisa lá na casa de minha mãe continua preta; Zé Neto prossegue como aquele túmulo que você bem conhece. Atualmente faz negócios ilícitos para ganhar dinheiro, comprando e vendendo bois. De vez em quando vende bois que não comprou.

Minha mãe ainda se enfurece quando não consegue as coisas que quer dos filhos. Hoje, são apenas três pessoas dentro daquela casa.

Segundo o que Maria relata, nossa casa agora tem mais conforto, mas a mamãe nega que sabe de onde vem o dinheiro para a mordomia. Claro que ela sabe que isto vem dos negócios ilícitos feitos por Zé Neto. Mamãe disse também que José já pensa em se mudar para um bairro de classe média, mas ele ainda não sabe quando e nem para qual bairro vai. Isto é mais um de seus mistérios.

Xarles está com a idade de treze anos e foi reprovado novamente na escola, e nossa mãe está desolada com a situação. Ele já fala em parar de estudar. Está cada vez mais inquieto, parece viver procurando alguma coisa que ninguém sabe o que, nem ele mesmo parece saber. Maria acha que ele pode estar fumando maconha, porque anda chegando em casa com os olhos vermelhos, nariz destilando e com humor bastante alterado.

Maria foi ao médico, mas ele nada encontrou em seu organismo que pudesse justificar aquela crise. Parece com uma doença que nosso primo teve, chamada epilepsia, mas o doutor disse que não é esta tal doença. O médico disse que é estresse. Estresse? O que será isto, amigo? Mamãe, hoje, anda atordoada com o problema de Maria, mas Xarles ainda a preocupa muito, está botando a perder tudo que minha mãe investiu nele, e o pior, sacrificando os outros filhos.

Com os negócios ilícitos de Zé Neto, ela ainda não se mostra preocupada; talvez seja porque ele está “mudando a vida da família”, dando o dinheiro que a família precisa para continuar almejando o paraíso. Com isto eu me preocupo, e muito. Como me inquieto com José! Será que ele vai se dar bem lidando com coisas tão ilegais como anda fazendo? Mas tem hora que o problema de Maria é que me faz ficar mais angustiado. Você tem uma dica, Francisquinho? Você tem ideia do que ela está tendo? Por que será que o médico não deu nenhum remédio a ela? Aqui de longe, finjo não estar sofrendo, mas, seja lá como for, sou fruto daquele meio, e, por mais que me entristeça com tudo de ruim que minha mãe ainda nos faz, não posso negar que gosto dela.

Tchau Francisquinho.

USA, 10 de março de 1994.

Antônio de Oliveira e Silva Filho”

A carta do amigo Antônio me faz refletir sobre a situação pela qual passava Maria. A verdade é que ela se identificava muito com a mãe, e é certo que D. Gorete tivera também suas crises quando era mais jovem. Conta minha mãe que, quando o casal Oliveira e Silva foi morar em nossa fazenda, o Senhor Antônio passava seus apertos com a esposa. De vez em quando ela tinha ataques semelhantes ao que Maria teve, sendo levada às pressas para um Hospital, na cidade de Caratinga, mas sempre vol-

tava sem indicação de medicamentos. Fiquei até sabendo que em uma das muitas internações que tivera, o médico mandou aplicar nela uma injeção de água destilada. Ele acreditava que se a submetesse a muita dor a crise passava. O doutor parecia acreditar que D. Gorete fazia apenas um teatro com aquilo que lhe ocorria, o que hoje estamos chamando de crise. Mas crise de quê? Ainda não consigo entender como uma pessoa pode cair, esticar-se e ficar tão transtornada sem ter nenhum problema de saúde verdadeiro, uma doença, sabe como?

Na adolescência, Maria tornou-se aparentemente calma, e não era de se esperar que ela tivesse o que uma pessoa lá do hospital de Caratinga chamou de crise emocional. Mas como a emoção pode detonar uma pessoa? Então perguntei a mim mesmo: “Será que Maria vai ficar com esta doença por muito tempo? Será que isto vai atrapalhar seu futuro?” Para dizer a verdade, eu até pensava em tentar namorá-la, mas o obstáculo não era seus ataques e sim a diferença que havia entre nós. Eu, rico, filho do dono da fazenda, não ficaria bem aos olhos da comunidade namorando a filha de um ex-agregado e certamente meus pais não aceitariam de forma nenhuma. Não cheguei a concretizar o sonho que passou pela minha cabeça e depois fiquei fazendo perguntas ao vento sobre aquilo que consegui apenas chamar de crise, a mesma crise que ocorrera com D. Gorete em sua juventude. Como Maria, então de temperamento tão diferente da mãe, podia ter algo tão parecido com o que a mãe teve na juventude? Fato é que Maria, embora de aparência calma, vivia em meio a um turbilhão de xingamentos e isto era ruim para qualquer pessoa.

Àquele tempo, Xarles havia se tornado mais estúpido do que antes, mas era meigo às vezes, carinhoso também, sentimental outras vezes, e, quando via qualquer pessoa chorar, desestruturava-se. Era assim que fazia nas crises de Maria. Chorava e pedia para ela parar de sofrer. Dizia que quando Maria sofria, ele sofria também, mas quando Maria não estava sofrendo com suas crises, ele a fazia sofrer com seus comportamentos agressivos.

Xarles sofria, também perdidamente, quando via seu irmão José tão calado, talvez por imaginar que o silêncio dele fosse puro sofrimento; desconhecia que José arquitetava uma forma de ganhar dinheiro sem ter que trabalhar muito como fizera seu pai e como faziam os irmãos Antônio e Marina, trabalhando nos Estados Unidos. Sonhavam em enriquecer, porém, com um trabalho honesto, ainda que houvessem entrado ilícitamente naquele país. Mas, o que seria lícito para aquela família? Dona Gorete conquistou o esposo e casou-se com ele de forma ilícita; José ganhava ilícitamente seu dinheiro, e muito dinheiro. Será que Maria estava sendo lícita com ela própria, tendo aquelas crises que o Doutor falava que não era nada? Xarles ainda cedo deixou de ser lícito e andava angariando meninos para o seu grupo com o objetivo de os dominar.

A atual casa de Dona Gorete foi comprada e reformada com algum dinheiro enviado pelos filhos moradores na América do Norte, e a maior parte do pagamento foi feita com o dinheiro de José que a mantinha refém de seu recurso financeiro. Claro que José, tão ilícito, precisava de alguém ao seu lado. E ele sabia da força que possuía sua mãe, pois assistiu por muito tempo a atuação de Dona Gorete em favor de irmão Xarles, a quem até ele mesmo, como Antônio Filho, chamou de Príncipe para mostrar à mãe o protecionismo exagerado que ela cometia. E Dona Gorete não tinha como escapar daquela situação. Tinha mesmo é que se manter ao lado de José, ilícitamente.

que sua mãe continuaria, como dizem alguns á-lo, José anunciou que mudaria de endereço. Mais aceitar os comportamentos de Xarles, a ava constantemente de vagabundo, mas sabia asse ofendendo o caçula, sua mãe também se la e poderia retirar-lhe o apoio. Além do mais,

V JOSÉ ANUNCIA MUDANÇA DE ENDEREÇO

Também, segundo o que Antônio me confidenciar precisava se mudar para um lugar onde não ficari exposto como ficava na casa da mãe. Afinal, havia transformado em homem de negócios e tinha me "dar sopa" num bairro que para ele era meio perigoso. Perigoso sim, porque ele estava ficando muito co

Seguro de que sua mãe continuaria, como dizem alguns mineiros, a açoitá-lo, José anunciou que mudaria de endereço. Ele não queria mais aceitar os comportamentos de Xarles, a quem chamava constantemente de vagabundo, mas sabia que, se ficasse ofendendo o caçula, sua mãe também se sentiria ofendida e poderia retirar-lhe o apoio. Além do mais, ele não conseguia conviver com o sofrimento e a decepção que acometeram D. Gorete. José tinha extrema necessidade de livrar seus ouvidos de tantas reclamações. O que também contava naquele momento era o fato de ele ter muito dinheiro, o que justificava sua mudança para um bairro de classe média. Além do mais, ele estava decidido a comprar um apartamento – um “Ap” como ele dizia – no bairro Cidade Jardim. Entendia que, já detentor de uma excelente situação financeira e em tão pouco tempo, não deveria ficar morando no Bairro Vera Cruz.

Também, segundo o que Antônio me confidenciara, José precisava se mudar para um lugar onde não ficaria tão exposto como ficava na casa da mãe. Afinal, havia se transformado em homem de negócios e tinha medo de “dar sopa” num bairro que para ele era meio perigoso. Perigoso sim, porque ele estava ficando muito conhecido por lá. José chegou a dizer à mãe que Xarles não dava para ser nada na vida. Ela se zangou e questionou o porquê de uma fala tão cruel como aquela, e disse ainda: “Você não consegue entender o coração de uma mãe. Você não é pai, muito menos mãe. Você é um ingrato! É bom que saia de casa mesmo; fica só interferindo na educação que estou dando para seu irmão, poxa!”

José mudou-se para a Cidade Jardim sem deixar o endereço. A única pessoa que sabia onde ele morava era o corretor, porque dele não havia como esconder. As correspondências iam todas para a casa de sua mãe, no bairro Vera Cruz. José dizia que o distanciamento era apenas porque não suportava mais ver a mãe endeusando o caçula. Assim, D. Gorete ficou com a família ainda mais reduzida, mas continuava pensando no fu-

turo acadêmico e profissional de Xarles, como se estivesse com os olhos vendados, enquanto os vizinhos faziam os piores tipos de comentários sobre o Príncipe.

Embora em endereço desconhecido pela família, José aparecia de vez em quando e não deixou de colocar na conta de Dona Gorete o dinheiro necessário para ela viver e com status de classe média. Àquela altura, os vizinhos já começavam a jogar piadinhas, como que censurando a forma diferenciada que vivia a família Oliveira e Silva.

Em certa ocasião, uma vizinha chegou a desconfiar que aquela diferenciação se relacionasse com alguma coisa no tocante a Xarles que, com 15 anos de idade, já causava espanto na comunidade. Alguns vizinhos até pensavam que Xarles estivesse fazendo negócios ilícitos, que estivesse traficando drogas e dando parte do lucro para a mãe custear aquela vida de classe média. O que eles não sabiam era que Xarles não tinha inteligência suficiente para conseguir tanto no ramo das drogas, tampouco tinham certeza de que Xarles usava ou vendia drogas. Na verdade, ninguém sabia por que o José havia se mudado de bairro e, menos ainda, o que ele fazia. Aquela história de comprar bois só convencia sua mãe. Ela precisava acreditar em algo que algum filho falasse, ela precisava ter algo que a tirasse daquela ideia fixa de que transformaria Xarles em Doutor. D. Gorete estava cada vez mais desorientada. Afinal, Xarles atingira os 15 anos de idade sem passar da quinta série do primeiro grau, e isto aos trancos e barrancos como ela dizia.

A família era cheia de ilicitudes e isto era notável também na relação de Dona Gorete e Xarles e, por que não dizer, entre toda a família e Xarles? Sobre ele pesou o sonho da família. Concentraram tanto as atenções sobre o garoto que não conseguiram pensar em mais nada. Enquanto Antônio e Marina tentavam vencer, indo à procura de emprego sem poder estudar, José realizava negócios ilícitos, Maria dava mostras de estar doente e a família, como um todo, estava cada vez mais esfacelada.

Mas, enfim, José continuava a sonhar cada vez mais alto, e a mãe já não sabia como era a vida dele naquele mundo de negócios, negócios que ela não tinha a menor ideia de como fossem. Chegara a imaginar que aquilo que José pintava como mundo dos negócios fosse, na verdade, o submundo onde o filho praticava seus crimes, negociando mercadorias que não havia comprado, mas não deu a isso a devida importância. E José mesmo ia se acostumando tanto com aquela vida que já parecia convencido de que agia corretamente.

Certo dia José disse à mãe que estava mudando de ramo, que ia deixar de negociar gado para trabalhar com materiais importados. “Agora vou comercializar produtos do ramo da eletrônica. O negócio com gado não está muito bom. Conversei com meus sócios e eles me convenceram de que devemos comprar e vender importados”. De novo Dona Gorete não sabia do que José estava falando, aquilo tudo era uma incógnita para ela. Certo é que se sentia cada vez mais vazia, agora morando apenas com Xarles e Maria, e já estava com medo de tudo voltar à estaca zero. Já imaginava que José poderia se dar mal com aquelas coisas obscuras das quais falava e Xarles já não lhe dava a menor certeza de que se transformaria em alguma coisa na vida, Xarles se transformara em sua maior frustração. Afinal, não conseguira realizar o sonho familiar e agora ele seria um protagonista do mal.

Em uma manhã, após uma noite na qual não conseguira dormir, dona Gorete, pensando na possibilidade de Xarles estar mesmo usando drogas, no risco de José se dar mal em seus negócios, de a América do Norte não ser a terra prometida para seus filhos Marina e Antônio e de Maria ter ainda mais agravada aquela coisa que não era saúde nem doença, chamou Xarles e lhe disse: “A partir de hoje você vai arrumar o que fazer. Não quero mais você dentro de casa sem fazer nada, vai estudar e trabalhar pra aprender a dar valor às coisas”. Xarles, que já andava zangado com tanto fracasso escolar e com a falta de prestígio no meio familiar, foi logo soltando um palavrão em cima da mãe. Afinal, fora treinado

para ser príncipe. Somente então é que Dona Gorete começou a se dar conta da realidade na qual vivia. Agora era o começo de outro capítulo cruel em sua vida. Gorete chorou e lamentou, enquanto Xarles ficara atordoado porque não suportava ver o sofrimento da outra pessoa.

Enquanto isso, a mudança de José para outro endereço transtornara D. Gorete e a fizera imaginar que toda aquela aparente evolução, passando de uma vida miserável para a posição de classe média, pudesse ser como um castelo de areia, vindo a desabar na primeira tempestade. Passou a descontar tudo em Xarles, porque agora ele não era mais o protagonista do bem. Já, Maria, tinha aumentadas as suas crises emocionais, e eu ficava cada vez mais intrigado com aquela história familiar.

ava sem a aprovação da mãe, uma vez que a não combinava muito com a família Oliveira e sto, o moço era um obstáculo para Xarles. No um mês do namoro, ele e Xarles já haviam se ido o suficiente para deixá-lo atordoado, e até que não pertencia à família, mas de tudo era

VI OUTRA CAMINHADA PARA O TRONO

Xarles... é... o Xarles talvez fosse uma pedra no sapato de qualquer cunhado, aliás, de qualquer pessoa; esse nunca foi fácil, embora meigo às vezes como eu já disse. Ele era muito instável: seu humor mudava de um para outro; bastava causar-lhe uma frustração, por que fosse, e então se tornava agressivo. Segundo

Xarles ficara entre sua mãe e a irmã Maria, ele parecia feliz. Com José sua relação era muito complicada, mas, com Maria, embora os dois não combinassem, isso não representava obstáculo; o fato de Maria ser mulher dava a ele a certeza de que poderia reinar absoluto. Ele, porém, não contava que Maria encontraria seu primeiro namorado, Vanderley, um rapaz muito enérgico e por que não dizer valente mesmo.

Maria namorava sem a aprovação da mãe, uma vez que a família do rapaz não combinava muito com a família Oliveira e Silva, e, além disto, o moço era um obstáculo para Xarles. No final de um mês do namoro, ele e Xarles já haviam se desentendido o suficiente para deixá-lo atordoado, e até mesmo a mim que não pertencia à família, mas de tudo era informado. A verdade é que eu já gostava deles. Antônio há muito me confienciava todas as verdades, todos os fatos de que sabia. Maria, deve se lembrar disto o leitor, chegou a ser de meu interesse. Não fosse aquela meio doença, de que até hoje é vítima, teria me casado com ela, quem sabe, mas se ela quisesse, é claro.

José não era uma pessoa confiável e nem era de meu interesse tê-lo como amigo; poderíamos viver um pra lá outro pra cá como diziam meus pais.

Xarles... é... o Xarles talvez fosse uma pedra no sapato de qualquer cunhado, aliás, de qualquer pessoa; esse Xarles nunca foi fácil, embora meigo às vezes como eu já disse. Ele era muito instável: seu humor mudava de um segundo para outro; bastava causar-lhe uma frustração, por menor que fosse, e então se tornava agressivo. Segundo me contara Antônio, Xarles dissera que iria torcer o pescoço de Vanderley, namorado de Maria, só porque pensava que ele fosse interferir em sua vida – “tirar minha tranquilidade aqui dentro de minha própria casa”, dissera o próprio Xarles.

em que Xarles passa uma noite inteira fora de casa sem que a mãe soubesse onde estava e, ao ser perguntada por Maria para que ele dissesse onde pernoitara, ficou zangado e, pela primeira vez, foi direto em sua reação: mandou que fosse “tomar no lugar que não bate sol”, expressão que denotava ainda uma forma de não ser tão

VII XARLES PASSA A NOITE FORA

Xarles usava o momento vigoroso da vida para inventar tudo em um sonho que nada tinha a ver com o sono de sua mãe; já se sentia quase senhor de si e de toda a casa, era ele quem prometia destroçar a irmã Maria, por natureza sua rival. Afinal, sua chegada ao mundo atrapalhar Maria, ela que já se considerava a caçula.

Chega o dia em que Xarles passa uma noite inteira fora de casa sem que a mãe soubesse onde estava e, ao ser interpelado por Maria para que ele dissesse onde pernoitara, ficou muito zangado e, pela primeira vez, foi direto em sua reação: mandou que fosse “tomar no lugar que não bate sol”, expressão que denotava ainda uma forma de não ser tão espevitado com a irmã como desejara naquele momento. Aos poucos ele ia rompendo a barreira do respeito à família; aos poucos ia subindo os degraus de seu principado – estava se tornando um príncipe sem monarquia.

Dona Gorete ao ouvir as palavras proferidas por Xarles ficara chocada, mas, ainda assim, repreendeu Maria antes de o repreender. Dissera a ela que o dever de impor ordem na casa era da mãe e não de uma filha caçula.

A mãe chamara Xarles e dera a ele os conselhos de sempre. “Meu filho, você me deixa muito mal. Estou adoecendo por causa de seu comportamento. Os vizinhos estão ouvindo as desavenças que acontecem em nossa casa. O que as pessoas vão pensar de nós? E tem uma coisa, rapazinho: vou cortar a mesada que José tem lhe mandado. Bem que o José anda falando que você é um vagabundo!” Quando Xarles a olhou assustado, ela retrocedeu e disse: “Ah, meu filho, me desculpe! Acho que não estou bem. É melhor irmos procurar uma religião para nós; você tem que rezar! Ainda hoje vou numa igreja em busca de conselhos e de uma religião”.

Mas Xarles não respondera que sim nem que não, ele já andava tão impregnado com tantas ideias que sequer ouvira o que a mãe lhe dissera. Agora, já era um “homem de negócios”. Passava boa parte de seu tempo confabulando com os colegas, muitos colegas que, em sua maioria, seguiam seu comando; como já sabemos, ele impunha a liderança pela força física que aparentava ter. Agora não poderia sequer desviar a atenção para conselhos maternos, e dizia: “A minha mãe não tem nada para me dar; meus colegas me entendem muito melhor”. E lá se vai Xarles,

mais uma vez, à procura de seu grupo; lá se vai de novo e agora com suas próprias pernas, em busca de seu trono e, desta feita, sonhado por ele próprio; já tinha força física e mental para galgar coisas mais altas; estava entrando para um mundo que lhe parecia diferente, uma diferença maior que a compreensão que ele tinha de si mesmo e do que realmente era. Sentia-se compreendido por todos os elementos do grupo, seu grande grupo. Entretanto, o sonho de sua família de o colocar num ponto de destaque ia sendo ofuscado pela nebulosidade do tempo – não o tempo que conhecemos – e sim o tempo em que se deixa a saia da mãe, galgando o mundo dos adolescentes, um mundo a princípio obscuro e que Xarles rompe com os mecanismos que, até então, giravam em torno dos desejos de sua mãe. Ele quer ir além.

Xarles usava o momento vigoroso da vida para investir tudo em um sonho que nada tinha a ver com o sonho de sua mãe; já se sentia quase senhor de si e de todos; agora era ele quem prometia destroçar a irmã Maria, por natureza sua rival. Afinal, sua chegada ao mundo viera atrapalhar Maria, ela que já se considerava a caçula da família e não esperava ter que lidar com nenhuma frustração. E agora Maria via um Xarles crescido e com força total, agora ele tem a força máxima do adolecer.

Com o tempo, me afeiçoei um pouco a Xarles e, apesar de seu jeito rebelde, não me importava de estar com ele boa parte do meu tempo para investigar melhor aquela coisa da família Oliveira e Silva, que também fugia de minha compreensão. Como as crises de Maria, aquilo não era para mim nem saúde nem doença, mas era algo estranho ver um garoto tão protegido, transformar-se naquela pessoa tão complicada e tão instável como eu o percebia.

Tive que refrescar muito a minha memória para entender melhor todo aquele comportamento do menino. Por que tudo aquilo se tornara tão confuso para meu limitado conhecimento? Então, passei grande parte de uma noite revendo tudo que eu havia conversado com a mãe de Xarles. Agarrei-me àquele trabalho e senti uma vontade maior ainda

de colocar em um livro aquela intrigante história. O fato de eu ter sido criado por uma família tão tradicional e tão rígida, limitava-me bastante neste entendimento. Por isto, tive que me agarrar a tudo que recebia de informações para não deixar de relatar o que julgava mais importante naquela história. Fui direto aos apontamentos que tinha sobre uma longa conversa com D. Gorete e após tanto diálogo com Antônio Filho.

Dona Gorete, na realidade, rejeitara os outros filhos; eles tinham sido apenas a razão para conquistar seu marido. Já quando esperava Xarles, após rejeitá-lo, intensamente, mudou de atitude e agarrou-se à gravidez com unhas e dentes; passou a investir tanto na gestação que quase não saía de casa, a não ser para ir ao médico, com quem costumava consultar naquele período. Quando Xarles nasceu ela estava toda disponível para ele, e sua relação com o esposo, que já não era lá boa coisa, piorara ainda mais. Quanto à relação com os outros filhos, também insatisfatória, cedera espaço a quase uma espécie de abandono velado, à exceção de Maria que nunca lhe dera trabalho. Era-lhe fácil conquistá-la.

Quanto a Xarles, pensei que não houvesse em dona Gorete, sentimento de culpa, embora ela cuidasse tanto dele em detrimento dos irmãos. Porém, constatei que ela assim agia porque a princípio até quisera fazer um aborto. Enquanto na gravidez dos outros filhos tinha enjoos horróridos, na de Xarles tal não acontecia.

Ao nascer, Xarles não a decepcionara em nada; parecia mesmo o menino idealizado por ela, mais uma razão para, então, imaginá-lo bem dotado e capaz de superar os mais incríveis obstáculos da vida. Ser no futuro um grande um profissional e letrado era, no entender de Gorete, algo mínimo para ele. Embora entregue completamente à suposta educação que dava ao filho caçula, outras questões eram muito difíceis para ela discutir com o grupo familiar; suas imposições eram intransponíveis.

Xarles nascera de parto normal e sua saúde física era impecável; cresceu, segundo a mãe, sem problemas, a não ser coisas pequenas e sem importância para os pais. Mas o que era discutido com frequência

era o fato de a criança ser muito inquieta, e, por algumas vezes, isto ser observado por professores, mas sobre isto a mãe nunca concordara; a idealização provavelmente a impedia de ver. Pelo pouco que conheci de Xarles, ele era muito inquieto e dispersivo; seu papo com outras crianças nunca passava dos sofridos cinco minutos; jogava bola muito bem, mas quando os outros meninos tentavam discutir os acertos e os erros do time ele saía de perto ou agia com impaciência e inquietação; parecia não ouvir direito as regras normalmente impostas pelos grupos de crianças, e, se alguém tentasse fazê-lo perceber, ele saía do grupo ou parava o que estava fazendo ou, ainda, brigava quando sentia que o colega era mais fraco do que ele. Xarles parecia ter convicção de que seu jeito de agir, mesmo quando não havia sintonia com o grupo, era correto. Como eu andava muito por perto, devido à minha amizade com Antônio filho, notava que Xarles era muito isolado por seus irmãos; D. Gorete fazia-se suficiente para a vida daquela criança.

Após ler atentamente minhas anotações, resolvi avançar e pedi a Xarles para conversarmos um pouco mais. Embora já demonstrasse alguma amizade por mim, sua primeira reação foi me mandar “tomar no cu”, me chamar de “filho da puta” e dizer que eu era muito intrometido. “Você não tem nada a ver com minha vida, seu veado”. Mas, como já havia entrado na vida dele e com bom acesso ao contato com D. Gorete, resolvi me empenhar mais e mais para conseguir as informações e satisfazer minha curiosidade, o que para mim era quase visceral. Então continuei a insistir naquele caminho: “Xarles, me diga uma coisa: se eu quiser, você aceita ser entrevistado? Estou fazendo jornalismo e preciso me exercitar para aprender a fazer direito meu trabalho como jornalista. Você entendeu?” “Não entendi nada seu veado; não sei nem o que é isto que você está falando e não quero saber também, seu filho da....!”, respondia-me nervoso. “Eu explico: todo estudante de jornalismo precisa entrevistar as pessoas para montar suas reportagens. Você nunca viu na TV ou no Rádio como é que eles fazem? Você já leu um jornal?” E ele:

“Jornal eu nunca li, mas televisão eu já assisti. Só que nunca gostei destas coisas, não, porra!!!” Procurando facilitar, eu lhe dizia: “Tá, você nunca gostou, mas eu já me considero seu amigo, bicho. E, além do mais, você também pode exercitar para ver se fica bem sendo entrevistado por um jornalista”. “Então diga lá o que você quer, seu jornalista de meia tigela!” Firme, eu pontuava: “É o seguinte: faço a entrevista naquele lugar onde você fica conversando com seus amigos, lá no pé do morro, entendeu? Aí você vai dizer como é a vida de adolescente, como é que vocês vivem, o que está sendo mais difícil para você depois que parou de estudar e o que você pretende ser quando se tornar adulto, entendeu?” Então reagia feroz: “Você tá é querendo mexer nos meus segredos, seu filho da puta! Mas, se isto acontecer, eu parto sua cara em duas, seu veado!”

Então mostrei ao Xarles que eu sabia as regras do jogo, e ele apenas exigia que eu as respeitasse, não passando seus segredos para ninguém. Decidia: “Vou pensar nessas merdas que você tá dizendo, ô palhaço!”, obtendo de mim a concordância: “Tá ok, Xarles! Acho que você vai ficar muito bem na entrevista; você já parece um líder e os líderes precisam treinar a dar entrevistas. Garanto que vou guardar todos os seus segredos e na minha reportagem não constará seu nome, ok?”

Xarles parecia gostar da ideia de ser entrevistado e seu rosto denunciava isto. Seus olhos diziam do seu orgulho de ser o único do grupo a ser procurado para uma entrevista, mesmo que fosse por mim, apenas um aluno de primeiro ano da Faculdade de Comunicação. No final de minhas indagações ele me disse: “Tá bão, Francisco Júnior; vou pensar nesta sua história!”

Dois dias após, nos encontramos e, antes que me xingasse, perguntei se havia pensado em minha proposta, ao que ele respondeu que não se lembrava de que proposta eu estava falando; parecia falar sério, mas não acreditei; não achei possível um garoto daquela idade se esquecer tão rápido de uma coisa que havia ocorrido há tão pouco tempo. Voltei a insistir e ele me chamou de boiola. Era quase sempre muito irônico.

Fui saindo de mansinho, pensando em esperar com paciência para a entrevista. Àquela altura eu estava entre o medo e o prazer de realizar uma entrevista pela primeira vez, talvez como ele, que parecia caminhar entre o medo e o prazer em dizer coisas de sua intimidade. Também eu me sentia com medo, pois temia ser mal interpretado por sua família, embora soubesse do consentimento, ainda que indiretamente. “Tchau, Xarles, depois a gente se encontra”, eu disse. “Venha cá, seu veado, desistiu de me entrevistar? Tá pensando que nego fogo, cara? Quando faço um compromisso eu cumpro”.

Confesso que não gostava da forma desrespeitosa com que Xarles se dirigia a mim, mas, naquele momento, tudo que eu queria era fazer meu treinamento de jornalista “Está bem, ô frango galo! Então, vamos marcar nossa entrevista”. Acabei descobrindo que ele gostava de ser tratado mais grosseiramente e não com delicadeza e educação; assim ele se aproximava mais de mim. Parecia gostar das gírias e dos palavrões que seu interlocutor falava. “Amanhã tá bão, cara? Amanhã às oito da noite”, disse. “Não, prefiro durante o dia, pode ser?”, retruquei. Eu preferia durante o dia, porque, a bem da verdade, tinha um pouco de medo daqueles pivetes com quem ele andava. Mas aceitei. “Tá fechado, Xarles. Amanhã venho às oito da noite”.

E ele, no seu jeito gozador, ainda disse: “Então tá, ô jornalista de meia tigela. Ah! me esqueci: vem só ou vai trazer alguém com você?” Respondi que viria sozinho, mas, se ele quisesse, eu traria alguém. E, atrevido, ele disse: “Se quiser trazer aquela sua irmã eu aceito. Vou mostrar a ela o que é um homem de verdade. Ela é cabaço!” “Ó moleque, me respeite!!! Até amanhã”, respondi incisivo.

Fui ao encontro de Xarles e, confesso, tremi nas bases ao avistá-lo ao longe. Ele estava com mais ou menos uns oito garotos ao seu lado, mas, quando me viu chegando, parece ter dado ordem e eles se retiraram; até o fim da entrevista não os vi mais.

Convidei-o para um lugar onde pudéssemos ficar mais bem acomodados e lá conversamos por quase duas horas. Este tempo exagerada-

mente grande se deveu ao fato de ele ser muito reservado e falar sempre como se tivesse pisando em ovos. Afinal, não havia de sua parte, nenhum interesse em que sua mãe soubesse de seus segredos. Xarles ainda era principiante daquela vida que já chegava bem próximo ao centro do submundo. Como ele nunca demorava mais que alguns minutos em cada atividade que executava, fiquei admirado de ele ter ficado tanto tempo naquela conversa.

A seguir mostro como foi o diálogo inicial na entrevista:

-“Então, vamos lá? Você pode escolher como quer a entrevista. Prefere que eu pergunte ou apenas lhe dou o assunto e você fala como quiser? Se for assim, lhe peço apenas para falar devagar para que eu possa anotar tudo direitinho, ok?”

- Comece Francisco, se eu não gostar do seu jeito, peço para mudar.

- Então vai lá minha primeira pergunta: é verdade que você é o líder de uma turma de uns vinte garotos do Morro do Minério e do Bairro Vera Cruz?

- Não, esta história foi inventada pelo Matheus, porque queria me ver castigado pela minha mãe, depois que briguei com ele. Dá licença quero mijar!

- Tudo bem – respondi.

Fiquei esperando por uns vinte minutos e confesso que achei que ele não voltaria mais; quando o fez, veio com um de seus amiguinhos do Morro do Minério. Esse era novo como ele, mas já estava quase da minha altura, um metro e oitenta, mais ou menos. Era um garoto chamado Pedro, que se apresentava como Pedro dos Anjos. Aquele mocinho foi logo me interpelando e perguntando: “O que você vai fazer com esta entrevista?” Quase sem voz, eu disse: “Nada, nada demais, estou apenas treinando para ser jornalista. Acho que vai ser bom treinar bastante para quando eu me formar já saber como entrevistar, entende?” Mas ele estava irredutível e perguntou logo o que Xarles havia falado. Este estava um pouco amarelo e foi respondendo em meu lugar: “Ainda não disse quase

nada. Fui te chamar para ver sua aprovação”. Mas o tal Pedro era linha dura e foi logo puxando o caderno de anotações da minha mão, dizendo: “Deixe-me ver o que tá aí?”

Ali ficara confirmado o que eu já havia dito nestes meus escritos; Xarles não era mesmo inteligente e corajoso o suficiente para liderar uma turma tão grande. E nem pequena!

Pedro foi franco comigo e com Xarles, e sua proposta foi a seguinte: “Podemos falar com você e você pode até escrever, mas se sair nome de algum garoto do nosso grupo você vai se arrepender”. Concordei e disse a ele que poderia jurar que seus nomes seriam mantidos no anonimato; prometi também que, antes de realizar qualquer trabalho com o que me falassem, mostraria tudo para ele, ou melhor, para ele e para Xarles.

Percebi que Xarles era um mero comandado de Pedro dos Anjos; pareceu-me que seu status era mantido pela quantia em dinheiro que levava quase todos os dias para o grupo. Ele simplesmente repassava tudo que ganhava de seu irmão José Neto para aquele grupo que já estava se transformando numa facção. Descobri, por meio de Xarles, mas sem que Pedro soubesse, que havia um estatuto bem elaborado e firmado no grupo, embora só verbalmente. Segundo aquele estatuto, eles não poderiam contar a ninguém o que se passava no grupo; o dinheiro que entrasse deveria ser mantido por Pedro e por Xarles; os gastos com drogas e com outras coisas de interesse do grupo seriam planejados por três pessoas da escolha de Pedro dos Anjos; estaria expressamente proibido o vazamento de informações para qualquer pessoa ou jornal. A falta do cumprimento dessas regras daria o direito de o grupo estabelecer uma espécie de castigo que deveria ser dado por todos os seus membros. “Recentemente, me disse Xarles: um de nossos sócios desobedeceu às normas do grupo e levou uma chibatada de cada associado; por sorte dele, naquele dia havia apenas seis pessoas presentes”.

De alguma forma, eu também estava desobedecendo ao que dissera Pedro naquele dia da entrevista. Estava entrevistando Xarles, aos

poucos, para ver se completaria meu relatório que era, na verdade, para mim mesmo e não para um jornal. Se utilizaria aquele material para desenvolver algum trabalho na Faculdade, nem eu mesmo sabia.

A imagem que eu guardava da infância de Xarles avivava-se a cada momento em que eu conversava com ele. Sua inquietação, que vinha num crescendo, era quase insuportável para o interlocutor e, em meio a um assunto que eu julgava interessante, ele pulava fora e resmungava como se conversasse com ele mesmo ou com alguém de seu imaginário. Houve um momento, inclusive, em que pensei que ele se comunicava com seres de outro mundo; essa crença me veio à mente após conversar com um pai-de-santo, pois este me dissera que Xarles poderia estar possuído por demônios. Não acreditei, mas um dia questionei minha própria convicção; Xarles parecia estar constantemente fazendo negócios; estava quase sempre andando depressa e o tempo que tinha para quem o interpelasse era apenas um minutinho, o suficiente para ele responder de pronto, e a sua resposta quase sempre não tinha nada a ver com a interpelação.

Embora muito inquieto, Xarles era carinhoso, e, assim, em meio a tantas loucuras que cometia e a bobagens que falava, tinha sempre um lampejo de lucidez. Então vinham-me lembranças do tempo em que ele aceitava o carinho da mãe; minha mãe também gostava de acariciá-lo quando bebê – ela dizia que ele era um bebê “tranquilo”. As aspas ficam por conta das minhas dúvidas, porque ele intercalava momentos tranquilos e gritos desesperados, como se estivesse desamparado, gritos de medo, medo que o fazia apresentar uma voz diferente como a voz dos filhotes de passarinhos quando acuados no ninho; ele era mesmo intrigante e, compreendê-lo não era fácil. Como se tornara complicado em seus quinze anos! Como seu corpo e sua mente cresciam juntos! Como ele se abrutalhara de corpo e de alma naquele período de adolescência!

Fato é que Xarles se acostumou a dormir fora de casa e nenhuma vez explicava para a mãe onde pernoitara. Eu sabia onde, mas havia jura-

do não quebrar nosso contrato e preferia que ele mesmo falasse para sua família o que estava acontecendo. No entanto, ele sempre desconversava ao ser questionado.

As férias passaram rapidamente. Xarles roubara o tempo que eu tinha para descansar, mas não liguei muito para esta subtração, pois eu precisava descobrir incontáveis coisas com as quais, na verdade, eu nem sabia direito o que fazer. Tive algo parecido com uma crise emocional, não como a que acometeu Maria, mas alguma coisa que tirava meu sossego; aquela tarefa que arrumei tomava quase todo o meu tempo; eu só pensava em desvendar aquela história; meu sono estava ficando como o de Xarles. Assim, eu passava a noite escrevendo e pensando sobre os acontecimentos da família Oliveira e Silva. Eu vivia um momento de obsessão e só dormia de dia, e quase o dia inteiro; minha mãe chegou a questionar sobre o que me acontecia, mas, como Xarles, fiz ouvidos de mercador. Ela se zangou e eu continuei fazendo de conta que não a ouvia. Foi aí que meu pai entrou e quis me fazer explicar tudo o que estava me acontecendo; entretanto, nem para mim mesmo eu conseguia tal explicação.

ersar com D. Gorete e ela me contou tudo que a na relação dela com o filho José. Em um dos a conversa, ela disse entender que José estava arçando ao mudar de endereço; que talvez ele er muito perigoso continuar vindo à casa dela, intervalos de dois meses como estava ocorrendo;

VIII JOSÉ NETO MUDA SEU ENDEREÇO POSTAL

De um minuto para outro, foi aumentando meu d aproximar mais e mais da história de Xarles, e e me enfiando para dentro da casa de Dona Gorete era a hora para inquirir mais um pouco, uma vez parecia confiar em mim o bastante para contar n alguma coisa de sua família. Então perguntei se e

Passados dois anos do dia em que José jurou abandonar Xarles não dando a ele nenhum centavo de mesada, José não mais veio à casa da mãe. Agora havia mudado seu endereço postal, as cartas e outras correspondências não iam mais para a casa da mãe e sim para a residência de um de seus sócios, e, pelo que fiquei sabendo, José fora convocado pela justiça para explicar sobre sua participação em um crime envolvendo verba pública. Todavia, ele constituiu dois bons advogados e com isso não foi preso; ficou respondendo pelo crime em liberdade.

Voltei a conversar com D. Gorete e ela me contou tudo que acontecera na relação dela com o filho José. Em um dos trechos da conversa, ela disse entender que José estava apenas disfarçando ao mudar de endereço; que talvez ele pensasse ser muito perigoso continuar vindo à casa dela, mesmo em intervalos de dois meses como estava ocorrendo; talvez já desconfiasse que ele tivesse muito dinheiro e corresse o risco de alguém molestar um de seus familiares. Mas Gorete, certamente, já não acreditava tanto no que pensava a respeito de José. Um rapaz que era pobre, até tão pouco tempo, teria tanto dinheiro a ponto de se preocupar até com sequestro de familiares? Mas eu acreditava, porque José era o tipo de pessoa que não batia um prego numa barra de sabão sem ganhar alguma coisa; ele era, sim, calculista ao extremo.

De um minuto para outro, foi aumentando meu desejo de aproximar mais e mais da história de Xarles, e então fui me enfiando para dentro da casa de Dona Gorete – aquela era a hora para inquirir mais um pouco, uma vez que ela parecia confiar em mim o bastante para contar mais alguma coisa de sua família. Então perguntei se ela poderia me conceder mais informações “para meu trabalho de Faculdade”. Procedi como procedera com Xarles, e ela aceitou: logo ajustou o corpo dentro de seu vestido de seda, certamente presenteado por José, foi ao quarto, penteou-se, como se fôssemos fazer reportagens com fotografia, e veio sentar-se bem perto de mim em torno de uma mesa moderna, possivel-

mente comprada há bem pouco tempo. Certamente tratava-se de mais um presente de José ou, quem sabe, de Antônio ou de Marina. Todos sabemos que, uma vez nos Estados Unidos, várias pessoas mandam, de lá, muitos dólares para seus parentes. Certo é que Gorete já andava com ares de pessoa de “classe média boa”.

Agora, apresento-lhe o diálogo que estabeleci com D. Gorete:

– Então vamos lá, Dona Gorete, posso começar a entrevista?

– Sim, meu filho, mas me explique esta história de jornalista. É sério que você estuda jornalismo? Você vai ser como aqueles homens da televisão?

– Ainda não sei, dona Gorete, neste momento estou entusiasmado com o meu curso. Já entrevistei duas pessoas e agora a senhora. Mais tarde devo escolher uma destas entrevistas para realizar meu trabalho de fim de ano e, se ficar bom, poderá servir de base para meu trabalho final, quando eu terminar o curso, entende?

Tive que mentir um pouco e omitir que já havia entrevistado Xarles. Era perigoso D. Gorete se zangar comigo, e eu a conhecia bem, de quando nesse estado.

–Então vamos lá, meu filho! Estou doida para ver você feito um jornalista; me lembro do dia em que nasceu, parece que foi ontem e agora já fazendo jornalismo. Vou torcer pra você, meu filho. Pode perguntar que eu respondo.

– Como a senhora via o Xarles, quando pequeno? Ou melhor, como era... o Xarles...?

Embaralhei-me na minha pergunta, dado o medo enorme daquilo não dar certo. Lembrei-me de algumas vezes em que D. Gorete perdera a linha, o que acontecera até mesmo para com minha mãe, de quem ela gostava muito. Mesmo assim, segurei a barra e continuei. Afinal, que jornalista seria eu se não levasse aquela conversa até o fim?

– Tá bão, filho, o que é que houve? Fique à vontade, tenho prazer em poder ajudar neste trabalho.

A princípio, nem acreditei que de fato Gorete quisesse me ajudar, uma vez que era tão temperamental. Talvez estivesse dando a entrevista por vaidade.

– Acho melhor que a senhora fale sem que eu tenha que fazer perguntas, Dona Gorete. Conte-me como foi para a família o nascimento de Xarles.

Então, D. Gorete, interrompendo-me, foi logo dizendo uma porção de coisas as quais fui anotando, mas, de vez em quando, eu me perdia em meio a tantas informações.

– Quando Xarles nasceu, nós já pensávamos em mudar para Valadares. Fomos informados de que aquela cidade estava crescendo bastante; estavam construindo muitos prédios por lá; você sabe que na fazenda de seu pai as coisas não andavam boas para o nosso lado. Trabalhávamos de sol a sol e, no fim de cada colheita, ficava mesmo grande parte do que colhíamos para o patrão. Seu pai... sabe? Fico até envergonhada de falar dessas coisas, afinal ele é seu pai, você também era nosso patrão, já que é filho dele. Sua mãe foi uma mãe pra nós, entendeu? Quando fiquei grávida de Xarles, já não havia mais esperança de melhorarmos de vida e nossa ida para Governador Valadares era um jogo perigoso, porque Antônio não tinha instrução quase nenhuma, os filhos ainda muito novos. Eu sabia que era uma aventura, e você deve se lembrar bem que, em Valadares, também as coisas não foram boas para nós. Mas pelo menos demos o primeiro passo. Isso já era bom porque não havia mais como viver daquele jeito. Cê desculpe, Francisco, falar disto me deixa sem jeito, mas, já que estamos falando em segredo, vou dizer o que penso do seu pai e de outros fazendeiros daquela região. Sei que seu pai não é o único; é o jeito dos fazendeiros tratarem as pessoas... ele não tem culpa. Quer dizer, culpa ele tem, mas ele acompanhava o jeito de todos tratarem os empregados. Nem sei se éramos empregados dele, pois não tivemos nem mesmo o Instituto pago para aposentarmos ou para levarmos um menino ao médico quando adoecesse. A vida era as-

sim. Quando me casei, achava que tudo iria melhorar, mas meu marido não tinha expediente para tocar qualquer negócio e eu fiquei ainda mais doente do que já era.

Até então, eu não acreditava que D. Gorete pudesse fazer confissões sobre a dura relação que tivera com o patrão, sendo ele meu próprio pai, mas, naquele momento mostrou-me seu lado sensível, antes nunca apresentado.

– Peraí, Dona Gorete, isto me interessa. A senhora pode me falar um pouco desta tal doença que a senhora disse?

– Posso falar sim, eu não falava disto porque achava feio contar esta coisa para as pessoas. Hoje acho que já posso falar por me sentir uma pessoa mais madura. É o resultado da experiência de vida, né meu filho? Eu chamo de doença, mas nem mesmo o doutor confirmou isto pra nós. Um dia um médico lá de Caratinga achou que eu estava fazendo manha ou coisa assim e me destratou, usando palavras que não entendi muito bem; apenas sei que ele mandou aplicar em mim uma injeção que doeu muito. Mais tarde, fiquei sabendo que aquela injeção era de água destilada; ele achava que, se me causasse muita dor, minha crise passava. Maria também tem uma coisa parecida com aquilo que eu tive, mas ela evita falar sobre isto; estou encucada com esta história e, de vez em quando, fico me sentindo mal por achar que a doença de Maria e seu sofrimento saíram de mim. Agora ela vai se casar e muitos falam que, após o casamento, a mulher melhora dessas crises. Espero que seja verdade para ela.

Quanto ao Xarles, a gestação dele foi meio que por acidente, eu não esperava ficar grávida; Antônio andava meio devagar, e a vida estava muito monótona; por várias vezes pensei que um filho poderia me ajudar a quebrar a monotonia. Talvez tenha sido por isso que fui deixando de usar as pílulas, e veio a gravidez. Mas pensei em abortar, vindo-me, daí, um forte arrependimento e então me apeguei à gestação e só pensava em ter aquele filho. Ele seria pra mim a solução de todos os problemas pelos

quais passávamos. Quando nos mudamos para Valadares, Xarles ainda era bebê, coitado. Ele nem imaginava o que nos esperava, mas eu... eu queria que ele fosse mais do que uma criança, que fosse um salvador da nossa vida. Ainda acho que ele um dia vai dar a volta por cima e buscar tudo que almejamos para ele. Antônio era mais realista do que eu, mas isto porque ele era muito deprimido, e o deprimido só pensa em coisa ruim. Agora eu, não, eu só penso em coisas boas para Xarles. Meus outros filhos também vão se dar bem na vida, tudo é uma questão de paciência, o que estou aprendendo a ter. Agora estou frequentando uma igreja lá perto de casa e tenho certeza que Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vai nos socorrer. Xarles já foi umas três vezes comigo e acho que ele um dia, e não vai demorar muito, mudará completamente, vai ser aquele filho sonhado. Quem sabe até um doutor? Estou sendo clara, meu filho?

Mais uma vez me surpreendi com as confissões de D. Gorete, mas pensei, cá com meus botões, que há momentos em que as pessoas precisam falar de seus problemas, de coisas que as atormentam e, embora eu fosse muito jovem e ainda filho de um ex-patrão seu, ela extravasava. Sua fala saía por força de uma grande necessidade interna de desabafar, acredito.

Quase cochilei – havia passado uma noite sem dormir direito – mas minha curiosidade foi mais forte do que o sono. Mantive-me acordado. Aqueles fatos que D. Gorete relatava eram para mim uma repetição de muitas coisas das quais eu já sabia; aquele relato me dava a convicção de que não era fácil dialogar com ela. Por um instante me senti na pele de Antônio Filho que, há muito, desistira de tentar mudar sua mãe; desistira de dizer a ela que, com aquela criação, Xarles não poderia mesmo dar em nada. Até o próprio Xarles já não suportava mais discursos tão longos como ela fazia, ele se desorientava; era-lhe então mais fácil mandar todo mundo ir “tomar no lugar que não bate sol”.

– Bom, dona Gorete, agora me fale um pouco de Antônio, como foi o Antônio Filho quando criança? Ele era muito diferente de Xarles?

De novo dona Gorete desabou-se e começou a contar sobre o casamento dela com Seu Antônio. Eu tinha conhecimento de muita coisa, mas não podia falar nem pedir desconto de tudo que eu já sabia e que ela ainda nem havia começado a falar. Então a ouvi pacientemente, ou melhor, persistentemente.

- É, meu filho, já que você vai ser um jornalista acho que vou te contar tudo, mas peço que não escreva meu nome em seu trabalho. Se for apresentar as coisas que vou te contar, no jornal ou na Faculdade, deixe-me no anonimato. Tá combinado?”

Confesso que tive vontade de desistir de tudo aquilo e dizer a ela que compreendia o constrangimento que estava lhe causando, mas apenas pedi para continuarmos a entrevista no dia seguinte. Já me sentia meio arrependido, muito cansado e sem saber como ia guardar tanto segredo. Onde será que os jornalistas guardavam tanta coisa sigilosa? Como os jornalistas poderiam trabalhar se não pudessem revelar nomes de ninguém? Se isto acontecesse, tudo que publicassem pareceria mentira e nada poderia ser validado; o editor-chefe não aceitaria a matéria. Foi aí que comecei a pensar no meu próprio futuro; foi aí que me lembrei, pela décima vez, do que me dissera Xarles quando tentava lhe entrevistar: “Seu jornalista de merda!” Aquela lembrança vinha à minha cabeça para me dizer o quanto Xarles havia se tornado estúpido, mas, desta vez, veio para colocar em xeque meu futuro como jornalista. “Jornalista de merda!” – por alguns minutos eu mesmo repeti esta frase.

dos Anjos pilotava uma lambreta pelas ruas
eles corria para lá e para cá buscando dinheiro
porar com o grupo, assim como os “mulas” ou
mo diziam; eles se desdobravam em busca de
a pagarem a taxa de permanência no grupo. A
complicada: os meninos pagavam pedágio para

IX UMA IMAGEM DO FUTURO REI

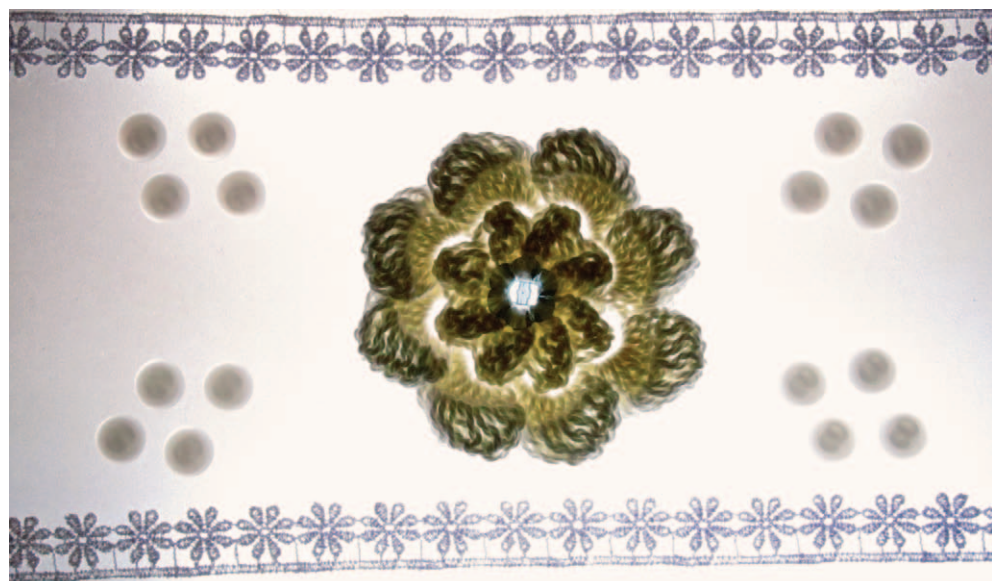
Pedro assumia uma postura de um verdadeiro di
nunca dispensava tempo para dar importância às
pequenas coisas das quais um jovem de sua idade
costumava compartilhar; era um adolescente tra
de adulto e não era um adulto qualquer. Na presen
grande público, ele era um perverso dissimulado

Enquanto Pedro dos Anjos pilotava uma lambreta pelas ruas do bairro, Xarles corria para lá e para cá buscando dinheiro para colaborar com o grupo, assim como os “mulas” ou “aviões”, como diziam; eles se desdobravam em busca de grana para pagarem a taxa de permanência no grupo. A situação era complicada: os meninos pagavam pedágio para entrar no grupo, pagavam para nele permanecer, recebendo garantia de segurança por parte do líder, e, se quisessem sair, haveriam de pagar também um certo valor para dar baixa. Mas esta situação era ainda mais complicada, porque, por mais que pagassem, sempre ficavam devendo, uma vez que a contabilidade era feita por Pedro, e Pedro era linha dura, não voltava atrás quando estabelecia uma regra. Eram regras unilaterais, e, como costumam dizer, “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Ter juízo era evitar as represálias prometidas e por várias vezes cumpridas por Pedro.

Pedro assumia uma postura de um verdadeiro ditador, nunca dispensava tempo para dar importância às pequenas coisas das quais um jovem de sua idade costumava compartilhar; era um adolescente travestido de adulto e não era um adulto qualquer. Na presença do grande público, ele era um perverso dissimulado; e um tirano, quando se encontrava em seu território no comando de seus liderados.









anos, Xarles está cada vez mais defasado em
le. Sua mãe, de tão desiludida, quase não fala
história de fazer dele um doutor. Agora ela já
que fazer para tirá-lo da companhia daqueles
egas, mas sua atitude é simplesmente rezar e
rmináveis conselhos dos quais Xarles procura

X DOIS ANOS MAIS TARDE

Houve um momento em que a situação complicara
mais. Xarles conquistara o almejado posto de vice-
em sua turma e, dificilmente, deixaria o grupo. Su-
a única pessoa que o apoiava, agora já maldizia a
ter que vivê-la ao lado Xarles e mostrava-se
profundamente arrependida de não o ter obrigado

Ao completar 17 anos, Xarles está cada vez mais defasado em sua escolaridade. Sua mãe, de tão desiludida, quase não fala mais naquela história de fazer dele um doutor. Agora ela já pensa no que fazer para tirá-lo da companhia daqueles inúmeros colegas, mas sua atitude é simplesmente rezar e dar aqueles intermináveis conselhos dos quais Xarles procura sempre estar longe – ele nunca resistiu a falatórios e até mesmo rezar era para ele algo interminável e que o irritava profundamente.

Houve um momento em que a situação complicara ainda mais. Xarles conquistara o almejado posto de vice-líder em sua turma e, dificilmente, deixaria o grupo. Sua mãe, a única pessoa que o apoiava, agora já maldizia a vida por ter que vivê-la ao lado Xarles e mostrava-se profundamente arrependida de não o ter obrigado a trabalhar como ocorrera com seus irmãos. Ela precisava do apoio dos outros filhos, mas eles não estavam mais disponíveis para ajudá-la, não só porque guardavam profundo ressentimento pelas suas atitudes, mas também por estarem, agora, num momento em que a vida lhes exigia decisões mais adequadas, que os levassem a um futuro mais promissor. A escola do mundo os havia ensinado a pensar assim.

José estava cada vez mais rico com seus negócios, porém seu dinheiro já não resolvia as necessidades de Gorete. O que ela precisava era do apoio moral e afetivo dos filhos, além de uma figura de autoridade mais adequada que a ajudasse a colocar limites para a vida de Xarles, contudo, isto hoje já não era fácil para um pai, quanto mais para os irmãos.

Antônio e Marina não pensavam mais em voltar para a casa da mãe; já estavam bem adaptados nos Estados Unidos da América. Marina até já conseguira seu Green-Card, e, sendo cidadã americana, não voltaria para enfrentar de novo aquela dinâmica familiar tão conturbada como fora, quadro este que ainda permanecia. Ela já pensava, inclusive, em ajudar Antônio a legalizar sua situação por lá.

Dois anos se passaram e eu esperava que Dona Gorete tivesse mudado de atitude, mas nada; ainda criava barreiras para quaisquer condutas que fossem criadas para levar Xarles a mudar de vida. Quando tentavam convencê-la disto, ela reagia como se fosse um atentado contra seu filho; mostrava-se uma verdadeira galinha de pintos novos.

Xarles chegou a abandonar a maconha, e, quando a mãe soube dessa notícia, se alegrou, entendendo que o filho deixara de usar drogas, mas não era bem assim. É que a maconha não servia mais para satisfazer a sede de suas células pela droga, havia agora a procura de um prazer que a maconha já não proporcionava. Como ocorrera ao usar o tabaco e o álcool, com o aumento sucessivo da quantidade que consumia, ele ia tendo a ilusão de que aquela escalada iria lhe proporcionar o prazer eterno. Mas, não. A cada dia a felicidade se lhe tornava ainda mais distante. Agora Xarles mistura todas as drogas e, conseqüentemente, misturam-se até os componentes de seu “eu”. Entre tantos alucinógenos, Xarles já não se dava conta de seu próprio ser.

Frágil como já o sabemos ser, não poderíamos esperar que Xarles lograsse êxito naquele meio que requeria do participante muita coragem, inteligência e sangue frio; isto quem parecia ter era o jovem Pedro dos Anjos. Pedro era um tipo de líder que não precisava despende muita energia para conquistar seus comandados; com poucas palavras ele colocava tudo em seus devidos lugares, ou melhor, nos lugares onde ele desejava. Pedro não gostava de humilhar as pessoas; suas ações mais agressivas eram realizadas sem muito alarde. Às vezes era violento, mas para sê-lo não ficava ameaçando o outro, dava ordens claras e, quando elas não eram seguidas à risca, tomava uma atitude. Não era como Xarles que compensava sua fraqueza com gritos e ameaças, pois, este, em relação aos colegas de grupo, agia da mesma forma como se dera no seio da família. Em casa, Xarles tinha a cobertura da mãe, e, lá no morro, onde se reuniam, a de Pedro. Intrigava-me saber que Pedro o protegia tanto, apesar de sua fraqueza; talvez Pedro se sentisse mais à vontade deixando

Xarles como vice-comandante, pelo fato de não correr o risco de ser ameaçado em seu posto maior. Com a inteligência que possuía, sabia que Xarles por si mesmo não passaria de uma mula, avião, enfim, um dos conectores de sua organização com os consumidores. Os fregueses ainda eram poucos; até aquele momento Pedro estava apenas realizando treinamento para, mais tarde, ser como José Neto que se transformara num grande negociante; suas mercadorias eram ilícitas com certeza, mas sua habilidade para negócios era indiscutível.

Resolvi ser mais ousado e perguntei a Xarles se eu poderia assistir a uma de suas reuniões com Pedro; então ele me contou que na reunião estariam presentes, além de ambos, mais dois meninos e uma mocinha escolhidos por Pedro. Disse-me, também, que, como em outras ocasiões, não arriscaria me autorizar a comparecer ali sem as ordens de Pedro dos Anjos. Xarles já o conhecia bem e não pisaria na bola facilmente; talvez esta tenha sido uma característica que o elevou àquele posto; neste caso seu medo lhe era útil. Foi então que eu lhe disse para conversar com Pedro dos Anjos e que depois me desse uma resposta, e ele então disparou: “até amanhã, jornalistazinho!”

Xarles e eu já estávamos mais ou menos sintonizados. Era-lhe prazeroso me receber, porque ele entendia que aquilo o fazia importante frente a Pedro e a outros meninos do grupo. De meu lado, também me sentia orgulhoso daquele feito, porque, por vários momentos, me sentia como um jornalista, e me ver assim era já uma vitória. Certo dia cheguei até a contar para um amigo e confidente sobre a proeza que pensava estar realizando, ocasião em que cometi meu primeiro pecado, embora não houvesse dado nomes de meus entrevistados. Entretanto, a partir de então, o tal amigo começou a me inquirir, e o fazia todo dia; passei até a evitá-lo, pois ele se mostrava cada vez mais curioso. Na verdade, nunca mais me senti completamente livre dele.

Em três dias Xarles me ligou e eu cometi o segundo pecado, porque acabei dando a ele o número do telefone da casa de meus pais que,

embora não morassem em Belo Horizonte, tornaram-se objeto de chantagem de integrantes daquele grupo. Não demorou nem mesmo uma semana e veio uma ligação telefônica atormentando-nos. Quase fracassei em minha missão e tive medo de que tudo acabasse muito mal. Minha sorte foi que, apesar de sua fragilidade, Xarles gozava de prestígio junto a Pedro, e este pediu ao menino que fizera a ligação para nunca mais se lembrar daquele número: “A partir de agora você está com amnésia, tá bão, meu filho?”; e, desse menino, sequer sei o nome. Quase me transformei no tal “jornalista de merda”, conforme ouvira de Xarles e de mais alguém do grupo daqueles adolescentes.

Afinal, fui autorizado e compareci ao morro onde os meninos realizariam a reunião. Antes que os outros associados chegassem, Pedro cochichou em meu ouvido, ordenando-me que ficasse atrás do muro. Disse-me que nem todos podiam saber que eu estava autorizado a escutar aquela conversa. “Por aqui rondam não só nossos colegas, mas também, sei lá, alguém que não gosta de nós. Eu lhe peço para ter cuidado, entendeu?”, dissera.

O leitor poderá questionar como é que um líder de negócios tão ilícitos pode aceitar a presença de um jornalista em suas reuniões, mas os líderes também possuem desejo de se tornar famosos, e todos sabemos que a fama para eles vem mais depressa quando há participação da imprensa. Ademais, sempre fiz questão de dizer a Pedro que deixaria o nome dele e os de seus comandados fora de minhas reportagens, caso elas acontecessem

A conversa teve início com algumas exposições de Pedro aos colegas da cúpula, e ele começou dizendo o seguinte: “Tudo que dissermos aqui ninguém está autorizado a contar nem mesmo para a mãe! Se espalharmos nossos planos para outras pessoas, eles nunca vão dar certo, pois o segredo é nosso principal instrumento, sem ele nada poderemos fazer, não teremos futuro, vocês entendem não é?” Mas um dos meninos resolveu que deveria dar uma volta no espaço que circundava

o local da conversa e, por um instante, ameacei sair correndo para ele não me encontrar como que espionando aquela estratégia. Felizmente, Pedro colocou a mão sobre ele e disse: “Você mesmo já fez o trabalho do castigo” – referindo-se às chibatadas que o tal menino havia dado em um colega que transgredira as regras do grupo. Então me acomodei de novo e eles começaram as discussões, o que mostro a partir do diálogo que se iniciou com Pedro:

– Andei em outros morros para aprender como os outros grupos fazem para se sentirem seguros e para realizarem seus negócios sem que ninguém os perturbe.

Xarles fez uma intervenção:

– Então pode dizer, Pedro, qual é a estratégia que devemos adotar para termos essa segurança.

Uma menina levantou a mão e disse que gostaria de ser mais efetiva no grupo, e frisou:

– Se for preciso eu vou nos morros conversar com quem possa nos ajudar; conheço alguns caras por aí.

– Calma lá, garota! – respondeu Pedro – vamos devagar com o andar que o santo é de barro. Este trabalho deve ser feito por mim mesmo; no máximo levo Xarles comigo.

Xarles ficou tão orgulhoso que não cabia em si. Disse:

– Eu agradeço por saber que tenho sua confiança chefe, estou à sua disposição.

Pedro prosseguiu sua fala:

– Amanhã vamos sair à procura de aviões para distribuírem nosso produto; no máximo até o fim do mês a mercadoria chega pra nós; ainda não vamos comprar “arroz”, porque, por enquanto, não temos a confiança dos fornecedores, mas isto é uma questão de tempo. Agora só vamos negociar alguns bagulhos; temos que aprender a negociar para não pintar sujeira, falou Xarles? Só tem uma coisa que preciso dizer a Xarles: homem que trabalha ao meu lado não pode ficar de cabeça feita

todo dia, não; não podemos misturar as coisas, ou você é comerciante ou você é freguês. Pense bem nisto, seu Xarles. Isto vale para todos vocês; se não conseguirmos seguir esta norma vamos acabar dançando. Cada um deve ter seu mocó, e aquela mercadoria que foi entregue deve ficar sob a responsabilidade de quem pega para negociar. A partir da hora que a pessoa pega o bagulho, ela deve saber que tem apenas dois dias para me pagar; não interessa receber nenhum bagulho de volta. Ouviram? Regras são regras!”

A reunião terminou sem que eu ouvisse mais ninguém pedir a palavra. Ficou claro para mim que aquele momento era apenas de Pedro, e simplesmente para ele dar ordens aos seus súditos. Vi que, se alguém tinha algum prestígio com ele, esse alguém era Xarles, mas muito pouco. Via-se pelo agir de Pedro que, ali, estava nascendo um ditador implacável.

em sua casa, tamanha era minha aflição por mas ele sinalizou que ali era perigoso; então, se se descuidou, ele passou raspando em mim "Te encontro na praça, às 15 horas". Praça era lugar onde eles faziam as tais reuniões e, às 15 mente ninguém estaria lá para espionar. Fui ao

XI

XARLES SE EXCEDE NA COCAÍNA

Outro problema me atordoava e uma pergunta vinha sempre à minha mente: como trabalhar de jornalista sem ter formação nem experiência? Eu sabia que não era fácil, mas minha curiosidade se misturava a meu profissional e a outras tantas coisas; assim, já não mais para deixar de fazer minhas investidas. Foi

O **prestígio de Xarles** estava em xeque, porque se constatou que ele estava usando drogas na hora do trabalho. Foi descoberto que ele comprava cocaína de um rapaz de outro grupo que tratava do mesmo ramo de negócio, o que desagradara terrivelmente a Pedro. Assim, seu prestígio estava em baixa, e agora estava correndo o risco de perder o segundo mais alto posto daquela facção, se é que posso chamar aquilo de facção.

Procurei Xarles em sua casa, tamanha era minha aflição por novidades, mas ele sinalizou que ali era perigoso; então, quando sua mãe se descuidou, ele passou raspando em mim e disse: "Te encontro na praça, às 15 horas". Praça era exatamente o lugar onde eles faziam as tais reuniões e, às 15 horas, certamente ninguém estaria lá para espionar. Fui ao seu encontro e cometi meu terceiro pecado, porque um policial que passava por lá nos abordou e nos pediu documentos. Apresentados os documentos, o policial foi embora, mas achei que ele não esqueceria nossa cara, e aquilo, se tivesse que complicar, complicaria mais para mim do que para Xarles, porque ele era menor de idade.

Naquele momento vi que ser jornalista tem lá seu preço e pior ainda se o jornalista fosse como eu, ainda um estudante universitário. Cravava cada vez mais em minha mente aquela frase mencionada pelos meninos do grupo: "Jornalista de merda!" Eu insistia naquela tese de que deveria treinar naquele caso para ser mais tarde um bom jornalista, mas o maior pecado que cometia era que eu fazia uma coisa parecida com as que Xarles também fazia: estava misturando as coisas, sendo jornalista, amigo da família com quem já era envolvido emocionalmente e até já me tornara admirador de Pedro – eu gostava de ver sua atuação; tinha pena de Xarles e dos outros meninos do grupo e, ainda por cima, morria de vontade de mudar a vida da família Oliveira e Silva.

Outro problema me atordoava e uma pergunta vinha sempre à minha mente: como trabalhar de jornalista sem ter formação nem experiência? Eu sabia que não seria fácil, mas minha curiosidade se

misturava a meu desejo profissional e a outras tantas coisas; assim, já não dava mais para deixar de fazer minhas investidas. Foi aí que resolvi separar as coisas para não continuar cometendo tanto pecado, enquanto tentava trabalhar. Trabalhar? Sim, eu achava que estava trabalhando, embora sem saber o que fazer com o produto do meu trabalho. Poderia mesmo servir para minha monografia de final de curso, como eu dissera à dona Gorete, ou, quem sabe, serviria só mesmo para me dar experiência. Ou ainda para escrever um livro sobre o submundo das drogas. Até àquele momento estava apenas correndo riscos, enganando os meninos com aquela ideia de que eles ficariam importantes com as intermináveis entrevistas, e isto, aos meus olhos, já parecia um estímulo para que se tornassem ainda mais veementes naquele ofício sujo que tanto me desagradava.

Tive uma noite inteira a pensar no Xarles bebê, no Xarles adolescente, no Xarles puro como eu o conheci. E agora o Xarles estava indo, cada vez mais, rumo a um mundo desconhecido, temido por mim e negligenciado por ele. Minha cabeça pesou terrivelmente, minha confusão se tornou tamanha que tentei abandonar aquela ideia obsessiva que a cada dia mais se firmava em mim.

Enquanto isto, no grupo, Xarles, mesmo tendo sido alertado por Pedro sobre os tipos de castigo que receberia se andasse fora da linha, continuava a usar cocaína comprada do tal moço de quem falei. Sua família já não sabia mais o que fazer; ele chegava em casa cada vez mais agressivo. Toda a agressividade que ele não tinha coragem de dirigir a Pedro, que o pressionava, dirigia à Mãe e à Maria. Agora já passava duas, três noites por semana em lugares totalmente desconhecidos de dona Gorete. O único recurso de que Maria e ela se valiam era rezar, rezar e rezar, sem nunca conseguir tomar uma posição mais sólida e mais sábia. Xarles ia se distanciando da família que já se tornara pequena com a saída dos irmãos Antônio Filho, Marina e José. A única irmã que permanecia em casa, Maria, estava com a firme ideia de se casar; embora

não gostasse muito do namorado, precisava escapar daquele meio que há muito se tornara insuportável também para ela.

Fiquei tão envolvido com aquela situação que, em alguns momentos, chegava a pensar que aquela família era minha também. Afinal, cresci ao lado de Antônio filho, Marina e Maria; Xarles era como se fosse um sobrinho, um irmão, sei lá. Mas procurei segurar a barra e continuar escrevendo sobre o caso; prossegui nas entrevistas com os meninos.

homem feito, homem muito forte de mente e a academia e, segundo ele, meditação; queria tranquilidade de que precisava para tocar seus pois suas táticas eram complicadas para serem cabeça quente. Já falava em fazer o curso de ia abandonado a escola ainda no primeiro ano

XII PEDRO ATINGE A MAIORIDADE

Afastei-me um pouco dos meninos, mas não da Dona Gorete; aliás, como já disse, eu me sentia como membro daquela família. Ao final de um ano ver Pedro, fiquei observando de longe as atitudes Xarles e, por umas duas vezes, vi-o abordando su com palavras de ordem: "tomar no cu" e "Putava

Pedro se tornara homem feito, homem muito forte de mente e de corpo; fazia academia e, segundo ele, meditação; queria ter a tranquilidade de que precisava para tocar seus “negócios”, pois suas táticas eram complicadas para serem executadas de cabeça quente. Já falava em fazer o curso de Direito, mas havia abandonado a escola ainda no primeiro ano do segundo grau; ia cursar supletivo para adiantar as coisas. Eu, agora já no final do curso de Comunicação, tinha mais razões do que antes para continuar juntando aquele material com o qual ainda não tinha certeza do que ia fazer, mas já não tinha o medo de antes, e, caso o policial me abordasse, pelo menos teria um bom argumento para lhe apresentar: diria e provaria a ele que era estudante de comunicação e que já era quase um jornalista. Tinha a certeza de que ele se curvaria frente a esta desculpa. O jornalista precisa acreditar em sua credibilidade, especialmente ao lado de indivíduos como Pedro.

Com aquela história de Xarles andar comprando cocaína do grupo rival, a coisa se complicou para seu lado. Pedro já se mostrava impaciente e já estava quase desistindo da ideia de conservá-lo como seu vice; pensava, inclusive, em dar a ele o castigo que aplicara a alguns desertores do meio e àqueles que não seguiam as regras do jogo, ainda que desejassem continuar no grupo. Além disso, o que estava complicando ainda mais a vida de Xarles era o fato de Maria falar em chamar a polícia para corrigi-lo, uma vez que ele já ameaçava a própria família toda vez que se via sem dinheiro para saldar seus compromissos com os traficantes, aqueles traficantes rivais de seu grupo.

Por várias vezes, D. Gorete, Maria e até o namorado tiveram que desocupar a casa e fugir para a residência de uma vizinha, tamanha era a agressividade de Xarles que, com uma faca na mão, dizia: “Vou esquarterar vocês se não arrumarem dinheiro. Dinheiro! Preciso de dinheiro,

vocês entenderam?” Naqueles momentos ele era capaz de matar uma pessoa, até porque perdia totalmente sua capacidade de julgamento; ficava totalmente transtornado. Seus olhos lembravam os olhos de uma fera acuada e com muita fome.

Comecei a acreditar que Xarles fracassaria ainda mais. Como se não bastasse o uso desenfreado de cocaína, agora ele poderia, a qualquer momento, perder seu posto ou ser transformado por Pedro em um simples avião ou, pior, Pedro poderia mandá-lo para o bebeléu, como diziam no grupo.

Afastei-me um pouco dos meninos, mas não da casa de Dona Gorete; aliás, como já disse, eu me sentia um pouco como membro daquela família. Ao final de um ano sem ver Pedro, fiquei observando de longe as atitudes de Xarles e, por umas duas vezes, vi-o abordando sua mãe com palavras de ordem: “tomar no cu” e “Putá véia”, expressões ditas por ele sem o menor remorso. Nem parecia mais aquele menino criado com toda a proteção da família, mas, pensando bem, não posso dizer que aquilo fosse proteção.

Senti necessidade de abandonar aquela tendência de iniciar minha profissão de jornalista pelo caminho da confusão que virou a família Oliveira e Silva. Por causa de minha inexperiência e, por que não dizer, da minha imaturidade emocional, eu estava quase entrando naquela casa como parte do problema. Felizmente tal não ocorreu, embora eu continuasse segurando uma barra muito pesada com aquela mistura de mil sentimentos que me atormentavam. Tudo levava a crer que a vida de Xarles não teria mais jeito, que não daria em nada mesmo; os sonhos da família despencaram rapidamente la-deira abaixo.

Quando eu quis saber de novo a quantas andava a facção de Pedro, já era um jornalista. Voltei ao morro, tentei uma conversa com ele que, no entanto, não se mostrou interessado no que eu tinha para lhe falar. Inteligente como era, já havia desconfiado que aquelas con-

versas não lhe gerariam nenhum ganho. cursando Direito em uma faculdade particular, ele continuava com aquela postura inabalável. Severo como antes, só me recebeu depois da leitura das regras elaboradas por ele e impostas a quaisquer visitantes como eu, olhando bem nos meus olhos.

Embora Xarles continuasse sua escalada no uso de drogas – usava cocaína e já precisava de uma droga mais forte, o crack – e, apesar de não ter mais o mínimo respeito pelas pessoas de sua casa, andava na linha com Pedro, já não comprando cocaína de seu rival. Agora a cocaína já era vendida pela organização de Pedro que fornecia a droga a Xarles, com ressalvas: “Se você perder o controle, vai perder também o posto que ocupa aqui, e, a partir daí, você sabe, será tratado como cidadão comum, e cidadão comum aqui é formiguinha, avião, toma peia, cara! Sei que você já está se acostumando a ser pedreira, pois faz uso de crack e já não goza de nenhum respeito de sua família. É o que estou sabendo Xarles, entendeu?”

Xarles perguntou como ele sabia tanto de sua vida se não costumava ir à sua casa, ao que Pedro respondeu resumidamente como sempre: “Porque sei”.

A facção de Pedro já não era só ensaio como tive a oportunidade de ver em outra ocasião, agora, com ele já em idade adulta, manobrava uma rede de negócios que eu nem podia mais dimensionar recorrendo ao meu pensamento, ele comandava simplesmente, segundo ele próprio, mais de cem pessoas e não parecia estressado por isso. Xarles continuava sendo seu vice, mas servia apenas para “tampar buraco”, como me confidenciou Pedro, meio sem querer, em certa ocasião. Eu não conseguia compreender como Xarles ainda estava ali naquele grupo como vice; talvez por causa do dinheiro que dera a Pedro no início da organização ou por outro tipo de consideração por mim desconhecida. Àquela altura do campeonato, digamos assim, Pedro já não precisava do dinheiro da família Oliveira e

Silva, agora ele era o Rei em três morros de Belo Horizonte. Xarles, repito, era apenas “tapa buraco”.

começar a usar crack, Xarles escapava das leis de Pedro e negociava a droga com alguns dependentes químicos perto de sua casa. Ele precisava arrumar algum dinheiro enquanto não chegava o lucro que Pedro vinha prometendo dividir com seus colaboradores, e sua situação se complicava cada vez mais, porque, se Pedro descobrisse

XIII

XARLES ENTRA PARA O MUNDO DO CRACK

Xarles parecia não se dar conta de que praticava um crime criminoso e ruim para sua saúde, quando apontado como o maior ladrão da família; parecia não se importar com o dinheiro que também praticava roubos em sua própria casa, ainda a ameaçava de morte; parecia julgar isto como a coisa correta. Fato é que frustrou Xarles quando o

Enquanto gozava daquele prestígio com o rei Pedro, o que talvez nem ele mesmo fosse capaz de compreender, Xarles chegava perto do fim daquela escalada. A situação futura era de difícil previsão; sua família andava a mil; ele continuava com a ameaça de matar seus familiares e também já roubava, porque, apesar de já estar ocupando o posto de príncipe lá no morro, não era agraciado com parte dos lucros como era esperado para o posto de vice-presidente de uma empresa qualquer. Acontece, porém, que aquilo não era uma empresa e sim uma organização controlada por um homem que, mais tarde percebi, exercia seu alto poder de liderança, a partir de uma extrema austeridade, chegando até mesmo a ser meio sovina e peçonhento.

Além de começar a usar crack, Xarles escapava das leis de Pedro e negociava a droga com alguns dependentes químicos que moravam perto de sua casa. Ele precisava arrumar algum dinheiro enquanto não chegava o lucro que Pedro vinha prometendo dividir com seus colaboradores, e sua situação se complicava cada vez mais, porque, se Pedro descobrisse aquele seu comportamento, poderia até matá-lo. Mas será que Pedro mataria Xarles? Eu pensava, inicialmente, que não, porque Xarles, embora estivesse ali como peso morto para o grupo, não cobrava nada para ocupar aquele cargo. Agora, porém, Xarles já era hipoteticamente um concorrente de Pedro e de seu próprio grupo, pois vendia drogas também, em pequena quantidade, mas vendia. Vendia crack e isto Pedro não vendia, porque, segundo ele, era algo muito sem cancha para uma freguesia selecionada como a sua. Nem por isso deixaria de esgoelar Xarles, eu imaginava. Mas não foi bem assim e mais uma vez fiquei surpreso, pois Pedro, mesmo sabendo dos fatos, fez vista grossa.

Xarles já não se dava conta das coisas que fazia. Tanto em casa como na rua, agredia as pessoas, já não conseguia ligar seus atos às consequências desses; já não conseguia nem mesmo se aproveitar da falsa felicidade que de vez em quando lhe acometia. Suas ações não estavam

mais ligadas a nenhum tipo de julgamento, mas ainda preservava traços de sua formação original: era ainda bastante afetivo. Uma de suas principais marcas era não saber lidar com as frustrações que a vida lhe impunha – como se dá com qualquer pessoa. Houve momentos em que voltei a sentir vontade de intermediar sua vida; já não era fácil ver aquela situação. Então cometi um novo pecado: acabei entrando na brecha onde nem sua mãe nem seus irmãos conseguiam mais entrar e comecei a dar conselhos para Xarles, e, naquele momento, meu maior erro foi dizer: “Xarles, se você continuar a se comportar assim, vai perder o posto que conseguiu até agora; você parece nem perceber a importância do posto que assume na organização de Pedro...”. Eu mesmo me surpreendi com o que disse e fiz logo um conserto: “Desculpe, Xarles, não queria dizer isto, quero mesmo é que você saia desta situação e comece a trabalhar, procure viver uma vida mais digna; essas drogas vão levá-lo à morte; você já está morrendo, cara! Conheci você, ainda bebê, e sua mãe, apesar de ser temperamental, o ama. Será que nunca se deu conta disto?” Xarles respondeu com a rapidez que lhe era peculiar: “Sei que ela me ama, eu também amo minha mãe, só que, em vez de ficar me corrigindo, ela devia corrigir o José; ele anda roubando gado, anda dando golpe em todo mundo. Será que ela não sabe? Ele anda recebendo mercadorias roubadas e vendendo como se fossem dele, entendeu? Você já está enchendo meu saco, seu jornalista de merda, eu vou torcer seu pescoço, seu jornalista paia!”

Ao dizer que José andava roubando gado, Xarles estava atualizando em sua memória conversas antigas, de quando ouvia dizer que o irmão, às vezes vendia gado que não havia comprado.

Xarles parecia não se dar conta de que praticava algo criminoso e ruim para sua saúde, quando apontou José como o maior ladrão da família; parecia não se lembrar de que também praticava roubos em sua própria família e ainda a ameaçava de morte; parecia julgar isto como coisa correta. Fato é que frustrei Xarles quando lhe disse aquelas meias

verdades, porque aquilo que falei sobre o posto dele no grupo de Pedro foi o maior lapso que cometi em toda minha vida de jornalista. Talvez porque, naquele tempo, eu fosse apenas estudante de jornalismo e arriscava encarar traficantes e usuários de drogas sem o menor preparo. Como jornalista mesmo não me lembro de ter realizado nada parecido.

Embora tudo aquilo ocorresse com Xarles, ele continuava a ser a pessoa de confiança de Pedro e continuava sendo alvo dos sonhos bons de sua mãe, que, no íntimo, não desistia de ver o filho no mais alto dos postos profissionais. Ela sempre dizia que era preciso rezar, e rezava dia e noite, sem parar. Dona Gorete estava à beira da loucura e agora exigia dos filhos que rezassem também. Queria redesenhar uma nova caminhada com as mesmas mãos de ferro com que praticara todas as suas ações. Naquele momento via sair por entre seus dedos tudo e todos que tentara controlar a ferro e fogo. Rezava obstinadamente, não lhe sobrando tempo para pensar em algo mais para oferecer ao filho doente; só pensava em um milagre. E o príncipe estava muito doente.



三



三



3



34

Xarles julgava-se tão digna do milagre que não fazia nada; era só esperar que rapidamente as coisas tomariam um rumo certo. Gorete não usava a velha regra que “se você fizer sua parte eu lhe ajudarei”; suas rezas e choros, o que contaminava a todos, costumam a gente chegar a sua casa e encontrar

XIV XARLES ARRUMA UMA JOVEM MULHER

Mas voltemos à garota e seu romance com Xarles: ele sempre manifestava o desejo de arrumar uma namorada, mas, devido à sua inibição, nunca conseguia. Aquele seu jeito de falar tudo muito rapidamente, sem dar chances para a expressão do interlocutor, prejudicava incrivelmente suas relações com as garotas. Dificilmente uma moça ficaria com um rapaz impulsivo, autoritário e, além disso, com aquela inadequação

Xarles já estava quase em falência total de suas forças física e mental. Arrumar uma jovem namorada parecia tarefa quase impossível, mas ele arrumou. Júlia era o nome dela. Foi tomado por muitas dúvidas e tive um convencimento de que se tratava de uma obra divina, isto quando vi sua mãe rezando, acreditando e agradecendo a Deus pela conquista do filho; acreditava mesmo ter sido obra de Deus, essa de o seu príncipe haver sarado. Mas o que era complicado se complicara ainda mais, porque sua reza não obedecia à hierarquia que ela própria pregava como religiosa, ela não compreendia o porquê de ter que fazer sua parte para Deus lhe ajudar, se confiava tanto nele.

A mãe de Xarles julgava-se tão digna do milagre que não precisava mais fazer nada; era só esperar que rapidamente as coisas tomariam um rumo certo. Gorete não usava a velha sabedoria de que “se você fizer sua parte eu lhe ajudarei”; isolava-se entre rezas e choros, o que contaminava a todos. Era muito comum a gente chegar a sua casa e encontrar todos rezando ou todos chorando; quando Xarles aparecia, nas poucas visitas que ainda fazia à sua família e encontrava todo mundo chorando, ele se desesperava. É que ele não suportava mesmo ver nenhum tipo de sofrimento. E então usava drogas, acreditando que, assim, poderia passar mais tempo longe dos sofrimentos, se refugiando naquele mundo que ele criara. Xarles se considerava um semideus: podia criar e recriar outro mundo quando bem entendesse, bastando para isto delirar por algum tempo. Mas a vida não era um delírio, a vida de Xarles e a de sua família era a mais nua e crua realidade.

Mas voltemos à garota e seu romance com Xarles: ele sempre manifestava o desejo de arrumar uma namorada, mas, devido à sua inibição, nunca conseguia. Aquele seu jeito de falar tudo muito rapidamente, sem dar chances para a expressão do interlocutor, prejudicava incrivelmente suas relações com as garotas. Dificilmente uma moça ficaria com um rapaz impulsivo, autoritário e, além disso, com aquela inadequação

social. Ele era bem intencionado e carinhoso, mas seu carinho era dado em conta-gotas; suas declarações de amor eram feitas em segundos, mal dando para a moça dizer alguma coisa.

Xarles amou como ninguém aquela mulher e, em pouco mais de quinze dias de namoro, já esperavam um bebê. Certamente ela se deixou levar pela impulsividade que ele manifestava – até mesmo para amar e fazer filho ele se mostrou impulsivo. Também se apresentou muito ciumento e não tolerava as negativas da namorada. Júlia bem que tentou pedir calma, mas ele não suportava que suas atividades fossem interrompidas nem que suas atitudes fossem questionadas, assemelhava-se mesmo a um ditador, principalmente quando lidava com pessoas mais frágeis.

Assim, ele passou a sonhar quase todas as noites com aquele filho, e, em poucos meses, já parecia não se lembrar mais de Júlia que, então, entrou em verdadeiro desespero, porque Xarles só queria apalpar sua barriga para saber como estava a saúde do bebê ao qual deu o nome de Charles. Sim, Charles com Ch, porque além de ter mais instruções, do que seu pai, agora no cartório havia um escrivão mais instruído também.

Como membro privilegiado da facção de Pedro, mesmo com a saúde muito abalada pelas drogas, Xarles tinha que fazer viagens constantes para outras capitais – era uma espécie de guarda-costas de Pedro. E, confesso, eu mal podia entender como Pedro ainda confiava em Xarles para aquela posição. Como havia outros dois guarda-costas, imaginei que Xarles estivesse apenas fazendo o papel de “bode expiatório” ou simplesmente fosse uma figura decorativa. “Se todos fossem presos, pensei, Pedro jogaria tudo em cima de Xarles e falaria “pros cana” que ele era o patrão”. Se Xarles soubesse disto, aceitaria assim mesmo, não tinha quase nada a perder, ou melhor, tinha, mas tudo se resumia no filho Charles Júnior, ainda por nascer, e na “caixa” onde ele estava guardado, porque aquela bela garota só servia para acolher o fruto de Xarles, e, guardando o filho dele em sua barriga, servia-o. Sequer era mãe de aluguel, porque nada ganhava para aquela função – nem afeto, nem dinheiro.

Por conta de minha própria obsessão, eu estava sempre falando com Xarles, com alguém de sua família ou mesmo com Pedro. E me sentindo um membro de sua família ou de seu grupo, cheguei até a ficar um pouco comprometido nas duas situações: ora admirava Pedro pela sua astúcia ora tentava proteger Xarles pela história de sua família, lá na fazenda de meus pais. Isto era muito complicado, mas tinha lá suas vantagens: passei a ter a confiança de todos, um pouco menos de Pedro, mas o suficiente para continuar buscando material para, mais tarde, ver o que poderia fazer. Verdade é que eu ainda não havia desistido totalmente de usar aquelas informações; quase desisti, mas, depois, analisando bem, achei que seria melhor “matar dois coelhos com uma cajadada só”. O pior já havia passado: eu até me incorrera em maiores riscos no início, quando de minhas entrevistas com Xarles e com Pedro lá em seus mocós. O que eu precisava, agora, era organizar o material para com ele fazer minha monografia e defendê-la.

Júlia já me conhecia o bastante para me confidenciar algo de seu relacionamento, e então me procurou para perguntar coisas sobre o amante. “Sei que você é muito chegado à família de Xarles, goza da confiança dele e dos demais; por isto, acho que pode esclarecer algumas dúvidas que tenho quanto a Xarles. Começamos a namorar há muito pouco, mas o achei tão carente e também tão carinhoso que nem perdi tempo aguardando um pouco, para eu pensar direito antes de iniciar o relacionamento. Mas seu carinho desapareceu como éter, neste tempo de relação que não chega a oito meses sequer. Desde o primeiro momento em que nos conhecemos, ele passou a insistir, querendo um filho comigo, e até prometia mudar de vida se eu aceitasse. De fato mudou um pouco e até pensei que ele se afastara das drogas. Não sei onde estava com a cabeça que o aceitei e à proposta que me fizera. Então, tive um dourado sonho comigo, meu filho e Xarles, formando uma pequena família com o conforto que jurara nos dar. Mas quando falei que estava esperando um bebê ele se tornou frio e não mais me procurou para fazer

sexo, não disse nem mais uma só vez que me amava, como tanto fazia antes da gravidez. Passou a falar, o tempo todo, que eu tinha que cuidar do seu filho, como se tivesse arrumado uma empregada para gerar um filho que fosse só dele. Hoje me vejo grávida, já gosto muito do meu bebê, mas em nenhum momento me sinto segura a ponto de poder me ligar ao meu filho, só penso no amanhã. E que amanhã! Com a mesma rapidez que ele me fez sonhar, me fez ficar completamente desiludida”.

Fiquei escutando Júlia por quase quarenta minutos, tempo suficiente para Xarles chegar e me estranhar completamente. Chegou pisando de leve e passou por nós dois como se nunca nos tivesse visto; entrou na casa de Gorete, demorou uns dois minutos e voltou com uma faca na mão dizendo que mataria a mim e à Júlia naquele instante, atitude esta que, até então, nunca lhe ocorrera. Tentei segurá-lo, mas achei que seria melhor argumentar, tentar explicar o motivo da conversa, mas senti que ele não ia compreender. Não aceitaria sequer pensar que sua mulher houvesse me contado coisas do relacionamento dos dois, não a perdoaria. Então pensei que se eu fosse embora, deixando os dois ali, ele a mataria e conseqüentemente ao filho que estava em seu ventre. Entre o medo e o desejo de salvar Júlia, argumentei pedindo calma, pois eu explicaria o que estava acontecendo. Mas ele se aproximou de mim, riscando superficialmente minha barriga com aquela faca e gritando palavras de ordem. Insisti em meus argumentos e perguntei onde estava a nossa amizade de há muito tempo.

Tivemos – então uma tentativa de diálogo:

– Eu o vi crescer, Xarles, gosto muito de você, cara! E por que agora não aceita explicações? Não quero tomar sua mulher, não, sujeitinho! Estou apenas ouvindo o que ela queria me falar sobre o pai dela que está com uns problemas...

Sem entender direito o que eu tentava lhe dizer, ele retrucou:

– Que problemas, jornalista de merda?

– Espere, eu explico, guarde esta faca, garoto!

Para minha grata surpresa, ele baixou a mão, deixando a faca cair. Júlia estava lívida, tremia como vara verde. Felizmente ele não se lembrou e não mais falara sobre a desculpa que dei dizendo que o pai de Júlia estava enrolado. Sinceramente, dentro de mim fiquei vibrante por não ter que terminar aquela invenção sobre o pai de Júlia, porque mais uma vez ia me enrolar na frente de Xarles.

Ao passar aquela “tempestade”, Xarles me pediu para ficar mais um pouco e me contou, exigindo o sigilo de Júlia, algumas coisas de sua relação com Pedro: “Hoje ele jurou me matar, tentei enfrentá-lo, mas, como sempre, não consegui nem mesmo discutir com ele; seu jeito é tão esquisito que me sinto perdido quando tento desafiá-lo. Estou com ódio mortal dele, não sei como fazer para mostrar que ele tem que me respeitar”.

Enfim, vi Xarles falar de respeito. Aquilo para mim significava uma melhora. Naquele momento eu já pensava que terminaria meu curso, fecharia meu trabalho final sem ver nenhuma mudança favorável na família Oliveira e Silva, o que me gerava uma incrível frustração, pois eu queria mesmo era terminar tudo aquilo, o trabalho final, a primeira reportagem com final feliz. Até então eu pensava que o jornalismo era como as novelas: tudo tinha que terminar como conto de fadas. Aquele era mais um de meus pecados.

Ao ouvir o que me disse Xarles sobre Pedro, seu comparsa, procurei mostrar compreensão; tentei decodificar aquela fala complicada sobre o que para mim era seu fim como vice-chefe naquela facção ou até mesmo o fim de sua própria vida, pois Xarles mesmo me disse, meio disfarçadamente para Júlia não perceber, que Pedro já havia mandado um cara pro “beleléu”. Aquela fora a primeira de uma série de execuções que ele fizera, no intuito de manter o negócio que crescia a cada dia. Embora anteriormente eu admirasse Xarles, já não me interessava mais se ele morria ou se vivia, porque sabia que seu caminho já estava traçado. Embora fosse doloroso para mim, o final de Xarles eu já vislumbrava, pois ele apresentava sintomas mais ou menos graves pelo

uso prolongado de drogas e fora ameaçado de morte por Pedro, além de que poderia se tornar alvo dos rivais deste que, se tivesse que usar um último recurso, iria mesmo mandar Xarles para frente da batalha, como dono de todo aquele negócio, um “negócio” que, sem registro legal, daria aos outros barões dos morros a idéia de que Xarles era mesmo o dono. Então ele morreria e Pedro continuaria seu negócio, ou, se ele não morresse, Pedro, sem o menor esforço, continuaria como estava: dono. Se antes eu pensava que Xarles era príncipe sem rei para suceder, agora, ao ver Pedro como o Rei dos morros belo-horizontinos, concluía que o príncipe de dona Gorete nada teria a herdar, em qualquer hipótese.

Depois que me contou sobre seu conflito com Pedro, Xarles ficou um pouco mais relaxado e parecia ter se esquecido de que há poucos instantes tentara me matar a facadas.

Então falou mais abertamente sobre sua relação com Júlia:

– Quer saber, Francisco, eu amo muito a Júlia, vou construir para nós e nossos filhos – dando a entender que queria mais de um filho – uma família muito feliz. Charles Júnior será o meu príncipe e os outros filhos serão tão felizes quanto ele.

Ao proferir estas palavras, puxou Júlia, afagando-lhe a barriga e dizendo que cuidasse bem de seu primogênito.

Minha presença naquele momento encorajara Júlia que, pela primeira vez, enfrentou um argumento de Xarles, assim externando: “Olha aqui, seu Xarles, não sou nenhuma barriga de aluguel, não, ô cara! Se você pensa que sou apenas uma máquina de fazer filhos, tá enganado! Não quero mais ouvir esta sua conversa mole! Quando você me procurou, não me avisou nada disso, não me contou que eu seria só uma chocadeira. Se continuar com este pensamento não me procura mais. E dá licença, meu!”

E, subitamente, o Xarles revoltado se apresentou: “Hei! Hei! Espere, vou explicar direito! Você é muito sem compreensão! Se você age assim é

porque não gosta de mim. Então é melhor que vá mesmo! Mas este filho que tá aí vai ficar comigo, tá bão? Ele é meu, tá sabendo sua raparigazinha?!

Então, Júlia foi se retirando, mas, ao vê-la pelas costas, Xarles se desesperou e saiu em seu encalço: “Júlia! Júlia! Venha cá! Você não entendeu nada do que eu disse, volte aqui!”

Xarles, voltando-se para mim, fez uma exposição sobre sua relação com a amante: “Você viu aí, Francisco, ninguém é capaz de me compreender. Júlia, a pessoa que mais amo na vida faz assim comigo. Isto é desesperador! Me vejo sendo encurralado como sempre aconteceu na minha casa. Todo mundo pensa que tenho que ser o máximo. Eu não consigo ser o máximo. Sou só um homem! Você já conhece muito minha família e sabe que nada é fácil na minha casa. Minha mãe só quer que eu seja um grande homem e meus irmãos não querem mais saber de mim e agora tenho esta terrível desilusão”.

Pela primeira vez, vi Xarles em uma fala tão longa e cheia de ideias sequenciadas, embora com um discurso que não tinha muito a ver com sua prática de vida. Até então tudo o que ele dizia saía em no máximo uma frase; não construía sequer algo que mostrasse sentimentos genuínos. Não acreditei muito na sinceridade quanto ao que dizia naquele momento, mas, pelo menos, vi lágrimas em seus olhos, ainda que pudessem ser, na verdade, lágrimas de crocodilo.

Júlia passara longos dois meses sem sequer aceitar as visitas de Xarles; começara então a esconder tudo que se referia à criança, atitude que D. Gorete atribuía como algo ruim e que estava agravando os problemas mentais de seu filho. Dizia: “Quem é esta tarzinha para abusar de meu filho, quem ela pensa que é? Ele merece coisa melhor! Não criei meu filho para ser tratado assim, não. Será que esta menina pensa que tem o rei na barriga?”

Pela primeira vez, Gorete se enfurecia com Júlia, mas não porque fosse exatamente Júlia, ela se enfureceria com qualquer moça que convivesse com seu filho, seu “príncipezinho”, como costumava di-

zer. As frustrações de Xarles pareciam doer na mãe. Era como eu via tudo aquilo.

Durante o tempo em que Xarles passou sem ver a barriga de Júlia, ele se mostrou transtornado. Sempre que me encontrava dizia que estava com saudade do filho, mas este, na verdade, ainda nem completara oito meses de fase intra-uterina, um filho que, mesmo antes de nascer, se tornara motivo para demanda. Era evidente que Júlia estava apaixonada por Xarles, mas sua paixão não ocorria como todas as outras que até então eu presenciara: era preciso demonstração de carinho, por pequena que fosse, do ser amado, mas Xarles não lhe tinha consideração. Reencontraram-se, certo dia, e Júlia se decepcionara ainda mais; porém, passou a sonhar com a chegada do filho, enquanto Xarles brigava, com ou sem razão – e era quase sempre sem razão – e seu ciúme agora vinha em dose dupla: ciúme de Júlia e de Charles Júnior. Entre o tempo que se dedicava a vender e a usar drogas, dar satisfações a Pedro e ainda buscar diuturnamente recursos para cumprir compromissos assumidos com aquele grupo rival de Pedro – e por que não dizer dele também? – Xarles ia se desesperando por causa do menosprezo de Júlia. Ele se sentia sobrecarregado de preocupações, pois ainda tinha que pensar em sua vida de príncipe dos morros; sua vida era como vida de esquilo, sempre de intensa movimentação. Assim é que Xarles sempre vivera, mas Júlia não tivera tempo para essa descoberta e, por isto, caiu em sua armadilha.

usar crack, Xarles escapava das leis de
a droga com alguns dependentes químicos
to de sua casa. Ele precisava arrumar algum
quanto não chegava o lucro que Pedro vinha
dir com seus colaboradores, e sua situação se
cada vez mais, porque, se Pedro descobrisse

XV

NASCE

CHARLES JR.

Xarles parecia não se dar conta de que praticava
criminoso e ruim para sua saúde, quando apontou
como o maior ladrão da família; parecia não se le
de que também praticava roubos em sua própria
ainda a ameaçava de morte; parecia julgar isto co
coisa correta. Fato é que frustrei Xarles quando li

Charles Júnior não nascera mais privilegiado do que seu pai: a vida de seus pais era tão ou mais obscura do que a do Sr. Antônio Oliveira e Silva e de D. Gorete. Do ponto de vista estrutural, até pior. Na fazenda de meu pai, a vida não era fácil para o casal, mas lá não havia riscos de morte para o Sr. Antônio, como era iminente no caso Xarles. Os avós tinham um relacionamento de média qualidade, apesar das dificuldades que enfrentaram. Já Xarles e Júlia se desentenderam tanto, a ponto de não poderem nem mesmo discutir assuntos referentes ao filho. Ademais, lá na fazenda não havia riscos por todos os lados, como nos morros da capital. Os sonhos eram outros: O Sr. Antônio sonhava ser fazendeiro, talvez como meu pai ou, quem sabe, ser apenas um sitiante que pudesse dar o sustento aos filhos sem ter que tolerar as imposições do meu pai ou de outro fazendeiro qualquer. É bem verdade que D. Gorete sonhou outro sonho. Seu sonho era, vamos dizer assim, meio megalomaniaco, ela só pensava em ver sua família bem calçada, como dizia meu próprio pai referindo-se a uma pessoa que tinha muito dinheiro. Mas o sonho dela não era mal intencionado.

Se nada ocorrera como ela queria não foi por desejo seu, era “o destino”, como ela aprendera a dizer após tantos esbarrões. “E que destino!” , conforme proferia Seu Antonio em toda a sua vida. Ele não gostava de aborrecer a esposa. Sabia que o temperamento dela era também coisa do destino, e isto ele tivera que sustentar até à morte, sob pena de ter que dar explicações à própria consciência, uma vez que fora advertido muitas vezes por seus pais e por sua irmã, Dona Malvina. Mas Seu Antônio não era homem de voltar atrás; sustentaria o casamento, como faziam todos os homens e mulheres de nosso tempo e região. Casamento era para sempre. Isto eu cansei de escutar ao longo do meu tempo de roça. “Veja bem, meu filho, antes de casar tem jeito, mas depois do casamento, não dá pra separar; vêm os filhos, e filhos não são brincadeira, não!” Este era o discurso corrente na boca dos pais da minha região.

O filho de Xarles era um menino lindo, mas o que se formava em torno dele não era muito bonito: a avó materna lamentava a ausência do pai na vida do neto, ainda pequeno. Mas Xarles andava com Pedro naquelas viagens que ninguém sabia direito para onde. Para mim, ele estava no uso de drogas fortes e apresentando sintomas cada vez piores, sem contar que era refém de Pedro e dos Barões da outra facção criminosa. Todavia, dona Gorete não percebia isto. Quando a criança nasceu, ela foi ao hospital, mas sua expressão não era de alegria, apesar dos elogios feitos, achando o bebê muito parecido com o pai. Após, no entanto, proferiu aquela expressão de quem não via futuro na vida do neto: “Tadinho”!

Júlia, ainda no hospital, admitira que deixaria o pai visitar Charles, mas adiantou que a relação de ambos chegara ao fim. “Não porque chegamos a um consenso, mas por absoluta impossibilidade de qualquer acordo”, dissera.

E assim se encerra o primeiro capítulo da vida de Charles Júnior, o “Príncipe de Xarles”.

ca sofrerá nenhum abalo na estrutura de seus negócios, teve sua ação denunciada de forma anônima, e se complicou para ele e para aqueles a quem, orgulhosamente, ele dizia estar dando emprego. Assim Pedro disse ao seu vice na facção: "Comecei os negócios com apenas o amigo Xarles e mais uma meia dúzia

XVI

REVIRAVOLTA NA FACÇÃO DE PEDRO

Talvez fosse este um dos motivos pelos quais ele esquentava a cabeça, nunca se desesperava. Lógico, ele devia ter uma personalidade muito forte, muito "estruturada", mas só isto não bastaria para um homem se manter tão tranquilo em situações tão complicadas como era a dele e a de seus comparsas. Ninguém

Pedro nunca sofrerá nenhum abalo na estrutura de seus negócios, mas teve sua ação denunciada de forma anônima, e a coisa se complicou para ele e para aqueles a quem, orgulhosamente, ele dizia estar dando emprego. Assim pensando, Pedro disse ao seu vice na facção: "Comecei os negócios com apenas o amigo Xarles e mais uma meia dúzia de companheiros. Hoje damos mais de duzentos empregos diretos e nem sei quantos indiretos. Naquele tempo eu vendia apenas alguns bagulhos e nossos mocós eram todos pobres. Hoje digo que o trabalho honesto não tem erro, estamos aí contribuindo com o desenvolvimento do país dando tantos empregos; ainda vamos crescer mais, vamos crescer junto com a cidade, fora o crescimento de nossas fazendas onde criamos o gado e exportamos muita carne para o exterior, e você, Xarles, precisa melhorar sua saúde para entrar melhor nos negócios das empresas, você precisa deixar esta fissura por drogas e ser mais fissurado pelos negócios. Vejo você tão envolvido com família, criança, mulher e com este consumo exagerado de drogas... que tenho certeza de que, a continuar assim, não vai chegar a lugar nenhum. Homem de negócios não deve usar drogas, somos fornecedores, e o consumo deve ficar por conta dos outros. Você me entendeu?" E continuou: "caso não mude este seu jeito paia de ser, garoto, vou te jogar no meio da rua e, se você tentar atrapalhar nossos negócios, vamos ser obrigados e te mandar pro beleléu, como fizemos com o Ricardão, já esqueceu?"

Xarles não parecia entender nada daquilo que Pedro dizia, ele já não mais conseguia concatenar as ideias, ele estava quase um robô. Sua vida se resumia em flashes do passado, prometendo a seus familiares, inclusive à Júlia, um futuro melhor, mas já não sabia sequer o que seria este futuro melhor. Ele estava quase morrendo. Eu também continuava não entendendo o porquê de tanta insistência de Pedro em querer que ele se tornasse um homem de negócio tão especialista quanto ele. Ou Pedro não tinha noção do que estava dizendo ou simplesmente estava

testando a inteligência de Xarles para ver se já não era tempo de mandá-lo para o tal beluléu.

Eu, que na ocasião desta conversa encontrava-me atrás de um muro, ouvi a sirene do carro da polícia e saí disparado, conseguindo escapar daquele local sem ferimentos e sem comprometimento com a lei. Afinal, eu não podia ficar ali, uma vez que ainda não estava exercendo o papel de jornalista nem fora convidado pela polícia para documentar aquele que foi o estouro de um dos maiores depósitos de drogas de que se ouvira falar na capital de Minas. Talvez um dos maiores do Brasil.

Pedro não costumava usar a força para se livrar de seus problemas. Naquele dia não foi diferente; a princípio cheguei a pensar que teríamos um grande combate entre o exército que eu imaginava que Pedro possuía e as forças policiais. Já sabia de seu jeito de negociar, mas, naquele momento, confesso que nem pude raciocinar direito e foi por isso que saí em disparada.

Na semana seguinte fiquei sabendo que Pedro havia se safado de ser preso, mas quem me contou não soube explicar como conseguira. Certo é que, na semana seguinte, ele continuava a negociar seus produtos como se não tivesse nenhum tipo de oposição. Cheguei a imaginar que ele tivesse discretamente, alguma proteção. E devia ter mesmo! Devia ter! Pensei que aquela organização não escaparia de uma grande perda após a abordagem assustadora como a que vi acontecer. Quem será que estava por trás de Pedro? Mas a esta indagação, dizia Xarles: “A voz do mato me disse que por trás de Pedro tem uns homens muito ricos”. Eu lhe pedi para explicar melhor, mas não deu para levar avante aquele papo. Ele foi saindo, não antes de retrucar, no seu jeito ultra rápido de se expressar. “É só isto que eu sei”. Insisti: “Sabe o que, Xarles? Me fala cara!” Ele saiu rapidamente e eu fiquei imaginando que ele estava blefando. Mas após aquela batida policial fiquei pensando cá com meus botões: “O Xarles tinha razão, não é que deve ter mesmo alguém forte por trás de Pedro?”

Talvez fosse este um dos motivos pelos quais ele nunca esquentava a cabeça, nunca se desesperava. Lógico que ele devia ter uma personalidade muito forte, muito bem “estruturada”, mas só isto não bastaria para um indivíduo se manter tão tranquilo em situações tão complicadas como era a dele e a de seus comparsas. Ninguém consegue ser tão forte sem nenhum suporte; as coisas funcionam em cadeia, e com Pedro não poderia ser diferente, ele estava muito abaixo na hierarquia do negócio que tocava; abaixo dele só havia Xarles, os aviões e os consumidores. Foi Xarles, com sua limitada capacidade de encadear ideias quem abriu meus olhos para este fato. Como antena ele era bom; a paranóia que lhe causara o uso de drogas lhe dera este poder: o poder de “estar ligado”, como eles diziam.

Embora ainda pertencesse à organização “América do Sul”, como Pedro rebatizara seu grupo, Xarles continuava roubando objetos da família e até cometendo pequenos assaltos para arrecadar dinheiro e continuar comprando as drogas que consumia. A esta altura, Pedro já não atendia nenhum de seus pedidos e insistia, por repetidas vezes, que quem vende um produto não deve consumi-lo. “É preciso manter-se lúcido para não vacilar na Hora H”, frisava.

Xarles sabia que ali, fora de seu ambiente familiar, não havia nenhuma chance de forçar a barra como fazia em sua casa com aquela costumeira manipulação, uma mistura de doença e de manha. Na facção havia um limite muito bem estabelecido, e de seu lado, Xarles até parecia gostar daquelas regras. Gostava tanto que, mesmo correndo todos os riscos, não a abandonava.

Certa vez, em conversa com a tia de Xarles, a Malvina, ouvi dela o seguinte: “O comportamento de Xarles não mudou, o que mudou foi a forma de ele se apresentar, seus modos de agir são muito exacerbados; agora ele tem mais força mental e física para dominar sua família e para fazer uma vítima acreditar que ele é realmente forte. Até à adolescência, Xarles já aprontava muito, mas era um pouco covarde, como, aliás, ain-

da o é. Veja como ele lida com a autoridade do tal Pedro de quem você me falou; nem o conheço, mas deve ser um cara violento e determinado mesmo. Quando a cerca é fraca, Xarles avança contra ela, mas, quando o outro o aborda com coragem, ele retrai. É tanto que, como você mesmo me disse, ele continua trabalhando. Trabalhando? Que seja, não sei se isto é trabalho, mas vamos lá! Está ajudando aquele sujeito apenas pelo título que recebeu de príncipe do morro. Príncipe coisa nenhuma! Ele nunca foi príncipe! Este é um título falso que ele traz desde a infância, e isto o faz ficar lisonjeado, achando-se o tal. Então pensa que pode tudo. Você acredita que a mãe dele ainda faz tudo o que ele pede, conforme fazia quando ele era bem pequeno? Às vezes ela lhe dava dinheiro para que saísse para a rua e não a perturbasse enquanto trabalhava; ele se acostumou tanto com isto que não sabe se comportar de outra forma. Faltou-lhe o ensinamento do bom agir, e, portanto, não aprendeu essa lição. Lembro-me bem de que meu irmão nem queria tanto ter mais filho, mas Gorete precisava de mais um filho para descarregar nele tudo que não dera aos outros três primeiros, e foi aí que a coisa se complicou: deu de mais a ele. Bem que minha avó dizia que água demais mata a planta. Ela não matou a planta, mas a tornou muito frágil. Embora o Xarles pareça tão forte, Francisco Júnior, ele é muito frágil, mais frágil do que uma plantinha pequena, do que um pintinho novo”.

Foi por um longo tempo que fiquei ouvindo dona Malvina, e, como sempre acontecia quando tentava falar com aquelas pessoas, elas é que falavam muito e eu quase que só ouvia. Mas era bom assim mesmo, pois eu precisava: meu ego já não se sustentava com poucas informações, tudo que eu queria era ter muito material para escrever mais do que uma monografia, queria escrever um livro.

membro da família dos Oliveira e Silva, eu não
r de ir àquele casamento; até porque Maria já
xido com meu coração, inaugurando em mim
de amar alguém; foi a primeira vez que senti
a ser o começo do amor. Só não levei à frente
to porque imaginei mesmo que não seria bom

XVII O CASAMENTO DE MARIA

O casamento de Maria ocorrera em uma situação
privilegiada; José, seu irmão, era agora um homem
dispensou vultosa verba para a festa. Lá estavam
Antônio Filho e Marina, vindos dos Estados Unidos.
Antônio permanecia solteiro e Marina estava com
sujeito ruivo e mal encarado, com quem não tive

Como quase membro da família dos Oliveira e Silva, eu não poderia deixar de ir àquele casamento, até porque Maria já havia um dia mexido com meu coração, inaugurando em mim o sentimento de amar alguém; foi a primeira vez que senti algo que deveria ser o começo do amor. Só não levei à frente aquele sentimento porque imaginei mesmo que não seria bom lutar contra o preconceito de meus pais e de toda a comunidade de Santa Bárbara, onde morávamos. Mas isso não foi o fim, consegui estudar e ser o jornalista que pretendia ser e, quem sabe, um dia terei outra pessoa em quem depositarei todo aquele sentimento que ficou guardado dentro de mim.

O casamento de Maria ocorrera em uma situação privilegiada; José, seu irmão, era agora um homem rico e dispensou vultosa verba para a festa. Lá estavam também Antônio Filho e Marina, vindos dos Estados Unidos. Antônio permanecia solteiro e Marina estava com o noivo, sujeito ruivo e mal encarado, com quem não tive oportunidade de conversar, pois, além de ele parecer temperamental havia outro obstáculo: o inglês que eu não dominava e que Marina agora falava com desenvoltura.

Passsei algum tempo daquela festa assistindo discretamente, de forma quase imperceptível, ao papo dos dois e mesmo sem entender quase nada do que eles falavam e, confesso, tive vontade de também viajar para os Estados Unidos. Enquanto eu lutava para arrumar emprego com meu curso de jornalista, Antônio Filho e Marina exibiam comportamentos sociais acima do que eu esperava para quem dizia estar lavando pratos lá fora. Mas este sentimento passou de repente e voltei a me concentrar, buscando conversar com Antônio. Ele me contou que, a princípio, não viria ao casório da irmã, mas, conversando com Marina, resolveram vir.

“Tínhamos certeza de que aqui nada havia mudado, mas viemos pela nossa irmã; é um momento nobre a que não poderíamos perder”, dissera Antônio.

Nos doze dias que sucederam ao casamento de Maria, conversei bastante com Antônio e contei a ele sobre minha atitude em relação a Xarles e seu grupo de traficantes. Ele fez cara feia no começo, mas depois reconheceu que minha ação não estava de tudo devastadora. Concluí que a vida do irmão em si mesma já estava tão ruim que nada poderia torná-la pior. Disse-lhe que eu mudara de ideia quanto ao que faria com aquele material: escreveria um livro baseado nas entrevistas que consegui realizar com as pessoas de sua família, inclusive com Xarles e com Pedro, o Rei dos Morros de Belo Horizonte. Ele foi se acostumando com a ideia e, no décimo segundo dia, o encontrei no aeroporto onde embarcaria para os Estados Unidos da América, ocasião em que demonstrou isso. Mostrou-se bastante tranquilo e me apoiava. Fez-me apenas uma ressalva: “Vá em frente Francisco Júnior, quero lhe ver um grande jornalista, mas proteja o nome de minha família, ok?”, com o que assenti.

Depois desse encontro, novamente entrei naquele meu impasse: como vou poder proteger o nome de uma família ao fazer reportagens? Afinal, jornalista protege os nomes de amigos quando vai fazer uma reportagem? No livro posso proteger, mas na reportagem não posso. De que serve colher tanto material e depois não poder usar? Como fazer uma reportagem sem poder dizer o nome do criminoso? Então poderia escrever o livro, mas não uma reportagem. “A continuar assim, entrevistando gente amiga e da família de ex-colonos do meu pai, não poderei ser um jornalista a contento. Serei mesmo aquele ‘jornalista de merda’, conforme Xarles falou repetidas vezes”.

No dia do seu casamento Maria estava muito bonita, e meu coração chegou a bater mais forte, mas lembrei-me daquela coisa que ela sentia – nem saúde nem doença – e então me acalmei. Meus pais estavam lá, mas não pareciam achar muita graça naquele casamento sem o senhor Antônio Oliveira e Silva; eles podem até ter sido maus patrões, mas não tinham consciência do que faziam, explorando muito os co-

lonos. Agiam como os demais fazendeiros. O que era praxe em toda a região não era visto como um erro; então meu pai até se vangloriava de dar muitos empregos, principalmente na época da panha do café, fruto abundante em nossa região.

Tive uma ligeira preocupação com o casamento de Maria, embora aquilo não fosse nem correto de minha parte, mas me incomodava pensar que seu noivo não soubesse que ela apresentava aquele quadro que nem mesmo o médico confirmara, mas que era insuportável para um leigo lidar com ela na hora em que a tal crise se apresentava. Era assim que denominavam o momento da doença. Certamente ele também iria fazer a mesma pergunta que fiz ao ver Maria tendo aquela crise: “Crise de quê? O que é que você tem? O que o médico acha que você tem?”, perguntaria ele. Se ela não conseguisse responder, como aquilo ficaria na cabeça de Vanderley? Então, ambos vivenciariam o quadro que acometera o senhor Antônio e dona Gorete, embora com menos intensidade, pois Maria era mais honesta do que a mãe, embora omitisse sua doença. Omissão é apenas meia mentira e, meia mentira não merece a mesma punição. Ademais, Maria e Wanderley eram pessoas mais esclarecidas.

Enquanto o pensamento sobre o mal de que Maria era vítima me atordoava, ouvi gritos de pedido de socorro e fui para perto do tumulto que se formara em torno de Vanderley e Maria. Maria, que caíra ao chão, já estava agachada, enquanto sua mãe procurava botar panos quentes, dizendo: “Calma, gente, isto não é nada, ela está muito cansada, deixem ela em paz, a menina precisa descansar, o dia hoje foi muito apertado para os noivos”.

Pelos dizeres de Dona Gorete, ficou estabelecido em minha mente que Vanderley fora mesmo enganado. “E agora?”, perguntava-me. Mas a resposta não era tão necessária naquele momento, até porque não era a mim que deveriam contar sobre o que Maria tinha, era para Vanderley, e ele poderia nem reagir negativamente àquele fato, poderia ser diferente de mim. Afinal, ele era também filho de colonos, como Maria, então a

diferença seria menor; já, se fosse comigo, haveria a diferença do ponto de vista de status.

Imediatamente àquele ataque que Maria tivera, em pleno casamento, minha mãe se aproximou de mim e disse: “Agora você está mais tranquilo, né, meu filho? Agora você pode arranjar uma namorada e se casar; você vai ser muito feliz!” Mas a isto nada respondi, tamanha foi a minha estupefação frente àquele despautério de minha mãe. Achei-a comparável à dona Gorete. Percebi que aqueles meus pensamentos sobre casar com a moça doente, casar com a moça pobre, filha de colono... percebi que para tudo aquilo havia uma razão: eu era, provavelmente, cópia do que meus pais me ensinaram.

Naquele dia nem fui para a pensão onde se hospedavam meus pais; preferi dormir na minha república para dar tempo ao pensamento: aquilo veio ao encontro do meu próprio preconceito e desnudara minha mente, de forma tão rápida e surpreendente, que tive um cansaço mental por muitos dias. Talvez aquela fala de minha mãe tenha se associado ao meu sentimento, embora leve, da perda que tive quando vi Maria se casando. Tudo veio à minha mente e tudo se misturou em minha cabeça. Confesso que tive saudade do tempo em que morava na fazenda de meus pais e tinha por perto os filhos de Seu Antônio. A vida no interior era simples, porém éramos felizes, porque, como diz a voz da experiência, “para ser feliz ninguém precisa de tanto”, ninguém precisa da parafernália de que nos apropriamos na chamada vida moderna. “A felicidade é simples!” Lembrei-me, ainda, de Antônio Filho, de Marina com sua dificuldade para se relacionar com a mãe, lembrei-me de Maria, quase igual à mãe em suas atitudes. Maria tinha firme desejo de ser muito parecida com a mãe: era ainda menina e já cozinhava como nenhuma outra menina daquele lugar. Tive saudade até mesmo de José, aquele menino inibido e arredio, que não gostava de brincar, mas que com poucas palavras me demonstrava seu afeto. Xarles sequer sabia o que era mundo, de tão pequeno que era quando mudaram da então San-

ta Bárbara de Caratinga para Governador Valadares. Sua inocência lhe dava uma vantagem: a de não saber que a viagem que faziam da fazenda de meu pai para Valadares era tão incerta. Xarles era o passageiro mais tranquilo daquele “barco”, ou melhor, daquele velho caminhão do senhor João de Souza.

Certo é que, com aquela fala de minha mãe, descobri de onde vieram as raízes de meu preconceito, um sentimento que custou o prolongamento de minha vida de solteiro até os 36 anos de idade. Com a ajuda que busquei nos profissionais da saúde para compreender Xarles e a dinâmica de sua família, descobri que poderia também arrumar quem me ajudasse na resolução de tantas coisas que estavam guardadas dentro de mim, causando-me tanto desconforto emocional.

Após o casamento e passada aquela crise que acometera Maria, o casal se despediu, indo para Governador Valadares onde residia a família do noivo. Diferentemente do casamento de Gorete e Antônio Oliveira e Silva, os pais de Vanderley aceitaram bem o casamento do filho. O resto ficaria por conta de como eles procederiam quando descobrissem que Maria tinha aquelas crises para as quais nenhum médico dera um diagnóstico definitivo, até então.

príncipe!" disse a avó materna, dona Raimunda, quando os primeiros passos, instante mesmo em que falou as primeiras palavras. Mas ela sentiu-se triste quando o pequeno se dirigiu ao avô Sr. Adão, de "papá". Também ele se sentiu constrangido com a Raimunda tão chocada com aquilo. "Ai, meu

XVIII CHARLES JR. DÁ OS PRIMEIROS PASSOS

Jamais alguém poderia dizer por onde andava Xarles. Ninguém mais esperava que Xarles tomasse juízo, e se tal acontecesse, ninguém poderia garantir que ele não morreria por causa do desgaste provocado pelas drogas. Além disso, se escapasse de morrer das drogas, muito difícil acreditar que não morreria pelas ar-

“Ele está um príncipe!” disse a avó materna, dona Raimunda, ao ver o neto dando os primeiros passos, instante mesmo em que ele também falou as primeiras palavras. Mas ela sentiu-se chocada quando o pequeno se dirigiu ao avô Sr. Adão, chamando-o de “papá”. Também ele se sentiu constrangido ao ver dona Raimunda tão chocada com aquilo. “Ai, meu Deus, que coisa mais triste, ele deveria neste momento estar mostrando suas proezas para seu pai, e nunca estar chamando o avô de pai! Maldito Xarles! Maldito moleque que faz minha filha e meu neto serem tão infelizes!” Disse isto, mas telefonou imediatamente para Gorete, dando-lhe a notícia que ela classificou como sensacional. Naquele instante, as duas avós, que andavam indiferentes uma com a outra, iniciaram uma amizade, notadamente por causa do menino. Júlia também já não estava tão resistente como antes ao convívio do garoto com a família do pai; ficou enternecida de amor e alegria ao ver seu filho andando e falando, e chegou até a manifestar pesar por causa da ausência de Xarles naquele momento que ela julgou tão importante na vida do filho. “Coitado do meu filho, ó meu Deus! Por que isto me aconteceu? Como pude me apaixonar por Xarles, aquele sujeito desmiolado? Como, meu Deus? Ainda bem que tenho meu filho que não me deixa ficar sozinha!”

Jamais alguém poderia dizer por onde andava Xarles. Ninguém mais esperava que Xarles tomasse juízo, e, se tal acontecesse, ninguém poderia garantir que ele não morreria por causa do desgaste provocado pelas drogas. Além disso, se escapasse de morrer das drogas, estava muito difícil acreditar que não morreria pelas armas dos rivais de Pedro, seu chefe, ou pelos próprios colegas de grupo, que iriam desbancá-lo e assumir seu posto. Ninguém mais poderia prever nada a respeito de Xarles. Só uma coisa parecia certa: existia alguém por trás daquela facção criminosa que mantinha Xarles ali, “só para tapar buraco”.

Ao visitar Charles Júnior, certo dia, achei-o muito bonito e engraçado, mas cortava meu coração vê-lo sendo criado por uma mãe tão an-

gustada e sem a presença do companheiro. Como ocorrera várias vezes, quando eu saía do papel de “jornalista” e entrava no papel de familiar de Xarles, agora me chocava a história de Charles Júnior. Aquilo que eu sentia parecia o prenúncio de um possível fracasso na carreira que eu escolhera. Era-me repugnante pensar que Xarles tinha razão quando me chamava de “jornalista de merda”. A sorte foi que, de um momento para outro, ganhei um poder que até então não tinha: em vez de continuar me sentindo impotente, senti forças para procurar um profissional da área de saúde, que me ajudou a separar os sentimentos de um cidadão comum dos daqueles que são próprios de um jornalista no exercício de sua função. Misturados, aqueles conteúdos internos traziam-me a ideia de fracasso iminente quando envolvido com personagens alvos de minhas reportagens. Com meu psicoterapeuta, aprendi também que o que eu sentia não era nenhum pecado, desde que separasse minha capacidade relacional afetiva da capacidade profissional que de fato eu possuía.

Então resolvi que poderia reconhecer em Xarles e sua família, assim como em todas as pessoas sobre as quais eu escrevia, as qualidades e defeitos que de fato pudessem possuir e, ao mesmo tempo, desenvolver um trabalho jornalístico capaz de mostrar, sem nenhum sentimento de culpa, a insensatez presente, por exemplo, na vida de alguns membros da família Oliveira e Silva, mostrar ao público, de forma imparcial, o que ocorria no mundo das drogas. A partir de então, apostei todas as fichas em meu trabalho e, assim, nem mesmo a severidade que eu recebera e internalizara de meus pais foi capaz de enfraquecer dentro de mim a promessa de ser um comunicador que contasse as histórias da forma mais aperfeiçoada e fidedigna possível. Então, conversei comigo mesmo em longos solilóquios, e aquele diálogo solitário me fez concluir que para eu me tornar um jornalista respeitado era uma questão de tempo e de muitas buscas. Não queria ser um Sherlock Holmes, queria, sim, poder realizar um sonho livre de tanta contaminação, principalmente aquela que me fizera agir compulsivamente, forçando entrevistas com

Xarles e Pedro. Naquele momento já conseguia melhor postura e até podia escolher com que caso trabalhar. Alguns indivíduos já desejavam que eu os entrevistasse, e Pedro é exemplo desta minha afirmação. Ele passou a confiar em mim de tal forma que todas as notícias referentes a seu grupo eu é quem as obtinha, em primeira mão.

E agora o leitor desta história deve estar se perguntando o que um grupo criminoso tem interesse em noticiar, e, com licença de nosso narrador personagem, digo que a resposta é simples: assim como Francisco tinha o maior interesse em se tornar famoso com seu jornalismo investigativo, Pedro também se interessava em ficar famoso, a partir dos crimes que praticava. Sempre foi assim: histórias como a de Lampião e seus cangaceiros mostram o desejo que os bandidos têm de serem famosos.

Voltemos agora a Francisco, pois ele continua seu relato:

Pedro e eu trabalhávamos respeitando-nos mutuamente: ele fazia aquele trabalho que julgava sério, alegando ser um grande empregador, e eu fazia o meu trabalho julgando que minhas notícias eram tão originais quanto todas as notícias dadas por jornalistas renomados. Lembro-me ainda, como um filme a rodar, do dia em que Pedro fora abordado pela polícia, aquele dia em que saí correndo por medo de comprometer-me com a lei. Pensando bem, aquela minha retirada galopante era também para não ver Pedro ser algemado e jogado em camburões como qualquer um, como qualquer traficante sem a categoria de Pedro.

Em minha função de jornalista, ouvi – e você também já deve ter ouvido muitas e muitas vezes – alguém dizendo que certas pessoas ficariam mais seguras se estivessem sob custódia da lei. Era o caso de Xarles. Cheguei a torcer para ele ser preso e acabar de vez com os riscos de morte tão comuns em seu dia a dia. Eu não me preocupava tanto assim com Pedro. Este era autônomo, suposto dono de toda aquela engrenagem lucrativa; era, até certo ponto, simpático, embora lesando muita gente,

desestabilizando famílias, matando pessoas, driblando o fisco e, ainda mais, escravizando centenas de jovens que, ao trabalharem para sua facção, se entregavam à ilusão de que teriam e poderiam dar um bom futuro para suas famílias; retirando da escola muitas crianças e adolescentes, transformando-os em mulas, aviões, sei lá o que mais, condenando-os a viverem em mocós e com toda sorte de más companhias. Mas não posso me esquecer de que Pedro era tão carismático que chegava a ser admirável e bastante convincente para seus comandados, a ponto de tudo conseguir sem as famosas guerras conhecidas no comércio de drogas. Pelo menos era o que dava a entender.

Charles Júnior fazia suas graças para os avós maternos e para a avó paterna, enquanto seu pai continuava caquético e aumentando os intervalos em que costumava visitar a casa da mãe. Até Júlia já se incomodava com seu sumiço. Marina e Antônio Filho quase não davam notícias. José quase não aparecia; quando isso ocorria era somente à noite. Maria e o esposo Vanderley fixaram residência em Governador Valadares e Dona Gorete cumpria seu papel de avó, partilhando Charles Júnior com os avós maternos e uma infinidade de pessoas que achavam o menino um amor. Após o nascimento do neto, Gorete quase nem se lembrava mais da árdua tarefa de fazer do filho caçula o príncipe da família. Ela já apresentava sinais de luto pelo filho que não correspondera a seu sonho e aos sentimentos comuns de quem tem seus filhos espalhados pelo mundo, fora do controle tão rígido. Sua pressão de mãe fora tamanha que não deixou espaço para uma sobrevivência saudável entre ela e os quatro filhos.

Dona Gorete passou a viver uma espécie de tristeza à qual, como as crises de Maria, não consegui dar nome. Quase sempre em minhas visitas semanais à sua casa, via-a olhando pela janela como que a procurar, ao longe, algo que eu pensava ser seus filhos já tão distantes de seu coração. José era o que mais me intrigava, pois nem mesmo daria para fazer uma ideia da distância que ele conservava da família. Assim, Go-

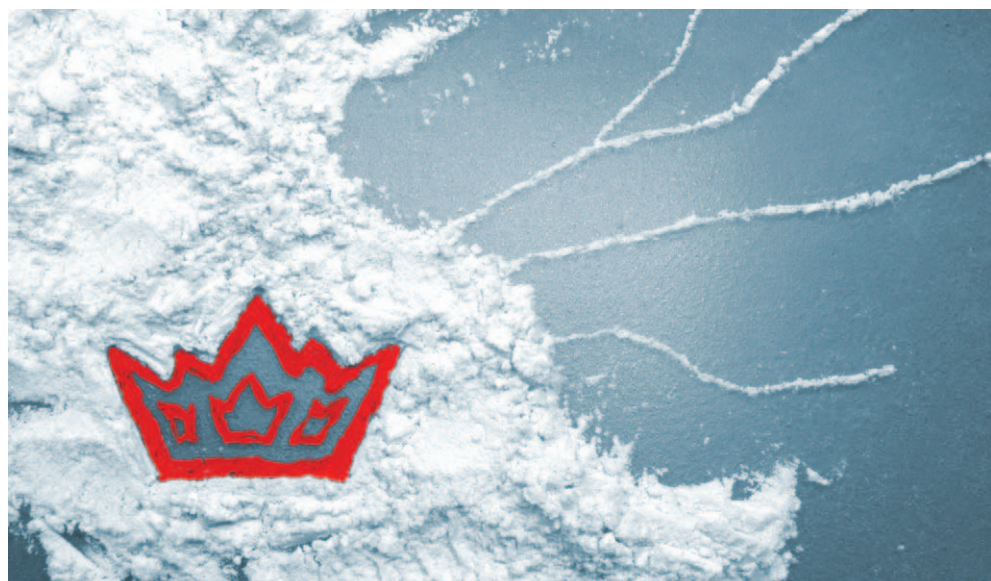
rete entrou definitivamente na era dos remédios: para depressão, para ansiedade e muito mais, tanto que ela nem sabia direito onde doía. Fato é que doíam o seu corpo e sua mente. Eram dores mal localizadas, mas suficientes para torná-la mais queixosa a cada dia.



47



43



2/3



43

se tão doente que nem ele mesmo conseguia papel teria no grupo de Pedro ou qual era o seu o, como deveria ser seu papel de pai e, menos eguia se localizar no papel de amante da bela mais uma formiguinha do que avião, mula ou s coisas. Não era sequer a menor imitação de

XIX

XARLES É PRESO COM PAPELOTES DE DROGAS

Gorete hoje chora, chora por dentro e por fora, se parecido com o da terra, com água correndo na s e em seu lençol freático. Certo dia, quando Xarles estava na prisão, ela me disse: "Ai, Francisco, minhas lágrimas pareciam haver secado, mas, agora com príncipe preso, elas voltaram: eu choro dia e noite

Xarles tornou-se tão doente que nem ele mesmo conseguia definir que papel teria no grupo de Pedro ou qual era o seu papel no mundo, como deveria ser seu papel de pai e, menos ainda, conseguia se localizar no papel de amante da bela Júlia. Ele era mais uma formiguinha do que avião, mula ou quaisquer outras coisas. Não era sequer a menor imitação de príncipe, vice de Pedro ou coisa assim. Agora ele era simplesmente um caco de gente em todos os sentidos, fora preso e estava numa prisão tão desorganizada quanto ele.

Como Xarles se encontrava sujo naquela prisão e como me causou má impressão! A vida levou-o para onde bem quis, sem que ele fizesse qualquer coisa para mudar seu rumo. Xarles jazia ali, naquela prisão, tão superlotada quanto sua cabeça hiperativa, quanto ao número de planos que ele tinha para o futuro; quanto às numerosas mentiras que pregou em si próprio.

Em minha última visita quando da sua prisão, vi-o dormindo profundamente, como que entregue à estafa causada por aqueles anos em que driblara a si mesmo, retirando-se de todas as possibilidades de obter sucesso; driblara a mãe, porque não seria possível realizar tantos sonhos construídos por outrem. Xarles agora se comportava quase como um leão velho que perdeu seu domínio territorial.

Gorete hoje chora, chora por dentro e por fora, seu feitio é parecido com o da terra, com água correndo na superfície e em seu lençol freático. Certo dia, quando Xarles ainda estava na prisão, ela me disse: "Ai, Francisco, minhas lágrimas pareciam haver secado, mas, agora com meu príncipe preso, elas voltaram: eu choro dia e noite sem parar, meu sonho vai se enterrando. Como Xarles me decepcionou e como a vida é ingrata para mim neste momento! Francisco, como dói meu coração!"

Procurei dar ouvidos a tudo que ela me dizia; eu já estava mais fortalecido com toda a ajuda que recebi durante minha psicoterapia,

portanto mais capaz de compreender aquele emaranhado de coisas que se passavam na família de Gorete. Então, aquilo só doía em mim até o limite de minha humanidade; já ao fundo de minha alma quase nada mais invadia.

esperar, Xarles saía da cadeia direto para um hospital público de saúde. Ele piorara tanto que já não era mais capaz de reconhecer a própria mãe: teve agravadas suas doenças físicas adquiridas ao longo do tempo em que utilizara drogas e também agravara sua doença mental. Xarles agora delirava e se via, então, como o rei do morro,



AGRAVA-SE O PROBLEMA DE SAÚDE DE XARLES

Pedro com todo seu aparato, querendo-o morto. Ele no mesmo instante em que ria, por sentir-se uma pessoa poderosa, chorava por causa das ameaças contidas nessas mesmas alucinações. Ele era simplesmente um bicho, uma fera louca, sem domínio de suas próprias palavras e de sua agressividade. Quase não era m

Como era de se esperar, Xarles saía da cadeia direto para um hospital da rede pública de saúde. Ele piorara tanto que já não era mais capaz de reconhecer a própria mãe: teve agravadas suas doenças físicas adquiridas ao longo do tempo em que utilizara drogas e também agravara sua doença mental. Xarles agora delirava e se via, então, como o rei do morro, comandando todos os traficantes de drogas e, em sua alucinação, via, à sua frente, Pedro com todo seu aparato, querendo-o morto. Portanto, no mesmo instante em que ria, por sentir-se uma pessoa poderosa, chorava por causa das ameaças contidas nessas mesmas alucinações. Ele era simplesmente um bicho, uma fera louca, sem domínio de suas próprias palavras e de sua agressividade. Quase não era mais uma pessoa, era simplesmente um moribundo. Agora era uma questão de tempo e ninguém sabia de verdade se ele recuperaria sua saúde; ademais, não se tratava de uma simples doença. Desta feita Xarles adoecera pra valer no corpo e na mente.

e Charles Júnior continuava a perguntar pelo pai, à medida que foi crescendo, parecia se contentar com os amigos da família de Júlia, chegando a chamar os colegas dela de papai. O amigo se sentia um pouco estranhado com a situação, mas Júlia agia com naturalidade, explicando ao filho que aquele era apenas um



COMO FICOU CHARLES JÚNIOR SEM O PAI?

Quem se sentia perturbada com o fato de o neto chamar aquele jovem de pai, era D. Gorete, pois aquilo para ela significava uma perda: ela interpretou que Xarles estava perdendo o filho. Ficou então desesperada, exacerbando sua agressividade, desta vez com Júlia. Acreditava que a ex-nora estava contribuindo para desintegrar o que restara de sua família.

À medida que Charles Júnior ia crescendo, sentia a mesma curiosidade de todas as crianças: ele queria saber por onde andava o pai. Mas Júlia des-conversava e o levava para brincar ou para o convívio das avós. Ambas, D. Raimunda e D. Gorete, faziam como fazem todas as avós, mas as duas estavam tão angustiadas quanto todas as avós que vivenciam experiência como a que viviam por causa dos filhos Júlia e Xarles, respectivamente.

O tempo passava e Charles Júnior continuava a perguntar pelo pai, mas, à medida que foi crescendo, parecia se contentar em conviver com os amigos da família de Júlia, chegando a chamar um dos colegas dela de papai. O amigo se sentia um pouco constrangido com a situação, mas Júlia agia com naturalidade, explicando ao filho que aquele era apenas um amigo. Era Júlia tão cuidadosa que, em nenhum momento, tentou excluir a figura do pai ou denegrir a imagem dele perante o filho; apenas lhe dizia: “o papai ainda não pode estar com você, mas quando puder ele vem”.

Quem se sentia perturbada com o fato de o neto chamar aquele jovem de pai, era D. Gorete, pois aquilo para ela significava uma perda: ela interpretou que Xarles estava perdendo o filho. Ficou então desesperada, exacerbando sua agressividade, desta vez com Júlia. Acreditava que a ex-nora estava contribuindo para desintegrar o que restara de sua família. Na verdade, Charles Júnior estaria sujeito a trilhar o mesmo caminho do pai, se continuasse vivendo sob o desejo de Dona Gorete. Com cinco anos de idade ele já possuía algumas características de Xarles e, com frequência, alguém fazia previsões muito pessimistas a respeito de seu futuro. Claro que não precisaria ser nenhum profeta nem especialista em desenvolvimento humano para prever o futuro obscuro daquele menino, caso não fosse retirado daquele pernicioso meio familiar. Naquele período D. Gorete mergulhara na mais profunda depressão, por quase dois anos, tempo suficiente para Charles Júnior crescer um pouco mais e sair daquela idade que fazia de sua relação com a avó uma situação de risco. A dinâmica de funcionamento da família Oliveira e Silva era um

risco até mesmo para pessoas adultas e, em menor grau, a da família materna também.

Tempos depois, quando Xarles voltou para casa, recebeu de sua mãe a falsa notícia dada, nos moldes Gorete: “Meu filho, você perdeu seu filho, aquela bruxa da Júlia e um amiguinho dela estão virando a cabeça do menino, ele nem se lembra mais de você, já anda chamando o tal amigo da mãe de papai. Você sumiu, e eles estão fazendo a cabeça de meu neto. O que você pretende fazer agora?” Xarles que andava meio levitando com aquela vida que construía, apresentou, mais uma vez, seu misto de raiva e alegria, e mal sua mãe pôde compreender tal atitude. Ela saiu a passos largos e foi parar na casa de uma amiga sem deixar endereço para o filho. Pensava em abandoná-lo de vez; já não mais suportava conviver com ele. “Você me enoja, meu filho, nunca esperava isto de você, um homem de meia tigela, homem de merda!”, dissera enquanto se afastava.

Xarles ouvira da mãe tudo aquilo que ele me dissera um dia, quando tentava entrevistá-lo. Mas sua energia não lhe permitira reagir, como eu fiz, sua carcaça física e mental não apresentava mais capacidade para tal reação. No meu caso, ao ser chamado de “Jornalista de merda”, busquei força em minhas estruturas para o impulso que me levaria a acelerar meus estudos e concluir a faculdade de Comunicação, tornando-me um jornalista, e, por que não dizer, um jornalista respeitado. Xarles, porém, ao ouvir a mesma crítica vinda de sua mãe, murchou como uma bexiga cheia de vento que recebe uma agulhada: murchou, murchou, até quase desaparecer nas entranhas de sua insanidade.

“Vou recuperar, minha mãe! Vou torcer o pescoço daquele sem vergonha que tá roubando meu filho! Vou matar a miserável daquela Júlia, vou criar meu filho e fazer dele um doutor, a senhora vai ver! Escuta o que eu estou falando. Ouviu?” Dona Gorete, em uma magreza que tornava expostos os seus ossos, retrucou xingando o filho, e para isto se valeu de mais uma meia dúzia de palavras de baixo calão, indo logo no caminho de um beco que a levaria à casa da tal amiga. Com sua retira-

da, livrou-se de escutar por mais meia hora os gritos de Xarles, que não poupava palavras para rebaixar sua mãe e todos os seus irmãos. “Estou assim por causa de vocês! Vocês roubaram minha infância, vocês não me deram a educação que eu precisava! Se meu pai estivesse aqui as coisas seriam diferentes! Entenderam?” Xarles se exaspera e até chora, mas suas lágrimas parecem lágrimas de crocodilo; seu choro não é genuíno; sua reação era mais um teatro ensaiado como fazia em sua meninice frente a uma mãe equivocada em seus atos.

Não aguentando o calor que a agressividade de Xarles lhe impusera, uma hora depois Gorete, passos firmes, volta para casa e desafia o filho caçula a tomar uma decisão que pusesse Júnior, ali, em poucos dias, sob pena de aumentar os adjetivos que desqualificariam de vez aquela estrutura desgastada pelas drogas e pelas chicotadas da vida. Xarles simplesmente “arriou” em cima de um sofá rasgado, com a sujeira do tempo de sua infância e cheio de lembranças do pai e dos irmãos; do tempo em que a família ainda permanecia com alguma estrutura; tempo que bem podia ter proporcionado à família Oliveira e Silva melhor ingrediente para aquele futuro que se estampava à frente de mãe e filho naquele momento. Um futuro que já estava presente. E então também ela foi se deitar.

Gorete dormira por vinte e quatro horas ininterruptas e acordara com seu ninho vazio. Mais uma vez Xarles saía de casa sem dizer para onde e nem quando voltaria; Xarles repetia o velho desenho da vida de sua família, agora sem a plateia composta por seu pai e seus irmãos.

Possivelmente Charles Júnior ficaria com algumas cicatrizes em sua personalidade, mas nada que uma convivência com a adequada Júlia não conseguisse amenizar. Enquanto isto, Gorete, de sua janela, como naquele dia em que olhei para trás e vi seus olhos perpassando minha pessoa, ela olhava procurando Xarles. Talvez estivesse ainda pensando naquele passado já meio distante, de quando seu marido admirava a família real da Inglaterra, quando tomou o Príncipe Charles como fonte

de inspiração para o nome do filho caçula, grafia que só não deu tão certo pelo motivo já nosso conhecido.

Naquele instante, Charles Júnior era o melhor sinal do futuro, futuro que estava presente, mas um futuro ainda de pouca evolução para os Oliveira e Silva.

Entrementes, Charles Júnior ia se desenvolvendo muito bem, à revelia de seu pai que continuava sua vidinha sem graça – uma vida insignificante era o que ocorria nos intervalos em que seu organismo conseguia ficar sem o consumo de drogas, e para Xarles podia-se dizer que isto era muito. Ele tentava realizar tratamento, mas sua situação não era nada boa, nem do ponto de vista da dependência química nem das inter-relações; seus surtos paranóides repetiam-se constantemente e, quando ocorriam, ele passava boa parte de seu tempo escondido, dizendo-se perseguido por seres extraterrestres e, de vez em quando, conversava com Pedro, ainda que lhe tivessem dito que este fora morto. Na conversa com Pedro, Xarles pedia, pelo amor de Deus, para ele não deixar que os meninos da favela do Taquaril o matassem. Também ficou cismado com os alimentos e achava que estariam colocando veneno em sua comida, a fim de o liquidarem: “Eles querem me liquidar porque sabem que sou o novo Rei dos Morros de Belo Horizonte”, dizia.

Aquele delírio transformou-o em pele e osso, até para andar estava difícil, mas nem assim ele deixava de usar o crack; costumava dizer que aquela droga era a única coisa que lhe fazia ficar alegre. A situação tornou-se tão complicada que ele foi levado para um hospital psiquiátrico, permanecendo lá por um mês, mais ou menos, e, ao receber alta, estava totalmente voltado para a espiritualidade. Dizia ter se tornado pastor e convidava a todos para participar de uma grande caminhada contra a violência em Belo Horizonte; estava, na verdade, arrumando um jeito de ficar mais protegido, porque, além dos delírios, corria de fato o risco de morrer pelas mãos dos meninos do Taquaril. Para todos os efeitos, ele ainda era sócio da organização de Pedro dos Anjos. Se não

era homem forte como pensavam os meninos do Taquaril, pelo menos em seus delírios o era, pois ainda esperava a promoção para Rei do Morro, como seu colega Pedro.

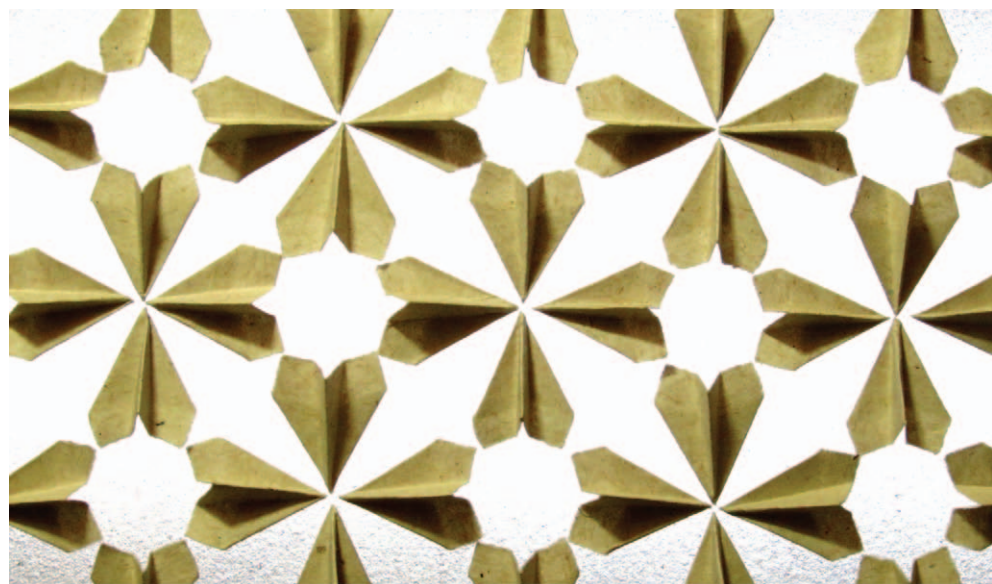
Em uma das poucas vezes que dera acesso à sua mãe para uma conversa mais demorada, Xarles lhe dissera que estava se preparando para uma guerra da organização da qual era vice-comandante, contra os traficantes do Morro das Pedras. Sua mãe ficou tão apavorada que pensou em contratar um detetive para acompanhá-lo, só não o fez por causa de sua situação financeira e porque Xarles não aceitou a ideia; dissera estar protegido pelos bons espíritos. Gorete vira seu sonho de transformar o filho caçula em salvador da família tornar-se um delírio. Mas quem pode garantir que ela também não estivesse delirando quando idealizou tanto o filho, colocando sobre ele aquela carga? Será que também não era um delírio quando Dona Gorete montou aquela farsa para fazer Antônio Oliveira e Silva se casar com ela? O nascimento de Xarles ocorrera por causa dos delírios de sua mãe, mas como ele não se constituiu na base para construir tudo que sua família esperava, agora sucumbia no momento mesmo em que, pelos cálculos de D. Gorete, estariam todos salvos pela suposta força de seu filho.

Gorete se torna ainda mais deprimida e Charles Júnior volta a manifestar o desejo de ter uma família parecida com as de seus colegas, constituída por pai, mãe e filhos. Isto ele manifestava por meio de seus constantes desenhos, nos quais todos os membros da família eram desenhados. De certa feita, quando Júlia e eu conversávamos, ela passou um bom tempo com o olhar distante como que desligada deste mundo. Ao retornar de seu longo pensamento, virou seus olhos para os meus e me disse: “tenho pena de meu filho. Embora ele pareça tranquilo, passa seus dias a desenhar seus próprios pensamentos e sentimentos. E quem não gostaria de ter uma família como a que ele sempre desenha?” Em seguida, percebi que seus lindos olhos verteram lágrimas, tornando evidente seu sofrimento.

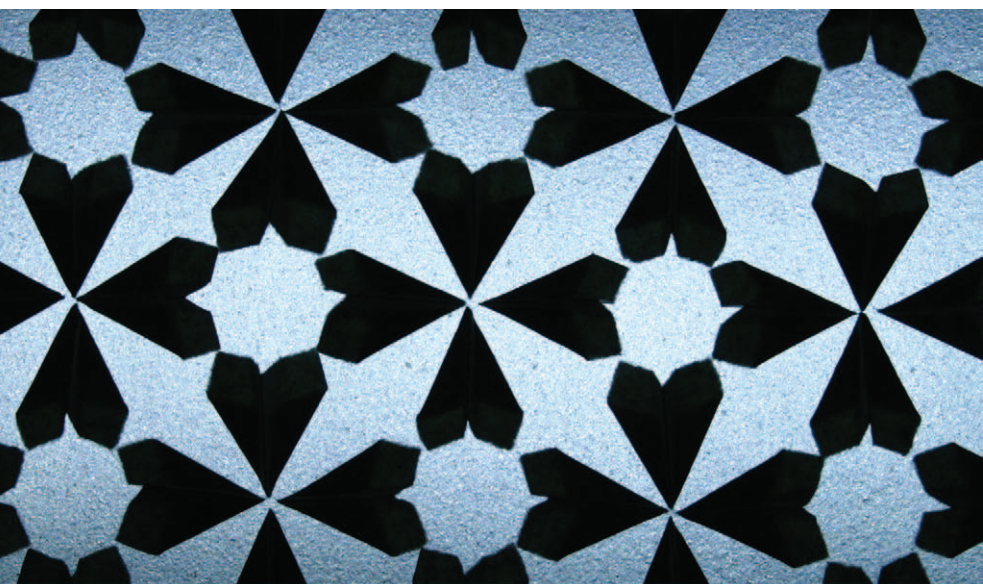




58

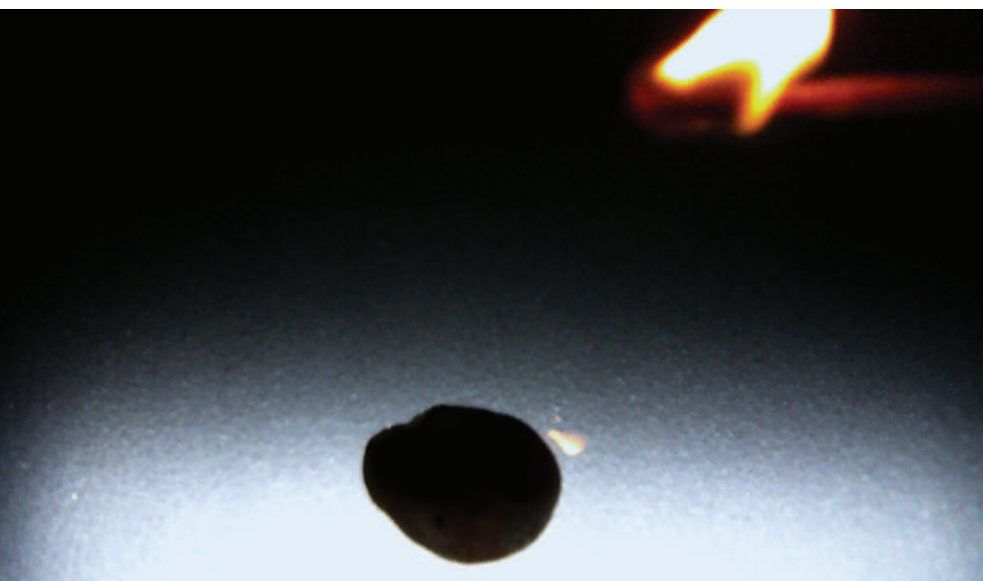


58



88





em novo conflito: agora o filho digladiava com a mãe e tentava impor a ela sua crença: queria-a em sua casa. Dona Gorete se zangava e dizia não poder “cometer tamanho pecado”. José Neto não mais dera notícia, Marina e Maria estavam muito bem nos Estados Unidos e não queriam mais voltar para o Brasil, e

XXII MAIS PROBLEMAS NA FAMÍLIA OLIVEIRA E SILVA

Dona Gorete acabou chegando com uma quantia para negociar com os traficantes, mas eles anunciaram que Xarles ainda lhes devia a última prestação do grupo de sua saída do grupo; então, argumentavam que ele não cumprira a promessa de martírio para Xarles e/ou alguém da família. Ainda estava de pé. Pegaram o dinheiro e saíram

Xarles estava cada dia mais fanático com sua nova forma de viver. Pregava em todos os lugares por onde passava e continuava convidando o povo para a tal cruzada contra a violência em Belo Horizonte, enquanto, de seu lado, sua mãe rezava sem parar e pedia à Virgem Maria que livrasse o filho de todos os males.

A família entrou em novo conflito: agora o filho digladiava com a mãe e tentava impor a ela sua crença: queria-a em sua corrente, mas Dona Gorete se zangava e dizia não poder “cometer tamanho pecado”. José Neto não mais dera notícia, Antônio Filho e Marina estavam muito bem nos Estados Unidos da América e não queriam mais voltar para o Brasil, e também Maria já quase não aparecia, permanecendo bem com o marido. A vida de Gorete e Xarles estava cada vez mais delirante.

Certo dia, quando mãe e filho debatiam suas crenças religiosas, chegaram dois antigos conhecidos de Xarles e agiram de forma violenta, falando palavras de ordem e dando-lhe o prazo de vinte e quatro horas para saldar seus compromissos com a organização deles, sob pena de matá-lo e “jogar para os urubus”. Mas Xarles já não se lembrava mais do que eles falavam, aliás ele não se lembrava mais de quase nada. Sua memória estava muito comprometida por tantas drogas e sua mente era quase uma ruína. Dona Gorete, mesmo estando sem forças por causa de sua depressão, tratou de correr à procura dos poucos amigos que lhe restavam para arrumar a verba e evitar a morte do filho; conseguira esboçar a parte de seu ser que ainda não estava comprometida: seu lado maternal. A quantia não era pequena para o parco salário que ela recebia, mas não pôde evitar e se endividou ainda mais. A dívida do tempo em que Xarles a ameaçava de morte em busca de dinheiro para o pagamento aos traficantes se somava a mais esta, e a situação financeira já se tornava periclitante. Antes, José Neto ainda dispensava alguma quantia para solucionar tais problemas, mas naquele momento ele continuava “desaparecido” em um mundo o qual ninguém da família sabia.

Dona Gorete acabou chegando com uma quantia razoável para negociar com os traficantes, mas eles anunciaram que Xarles ainda lhes devia a última prestação do pedágio de sua saída do grupo; então, argumentavam que a promessa de martírio para Xarles e/ou alguém da família ainda estava de pé. Pegaram o dinheiro e saíram correndo, deixando muita dúvida e medo em Gorete e Xarles. Só uma dúvida Dona Gorete não tinha mais: havia nela a certeza de que Xarles continuava comprometido com dois grupos distintos – o de Pedro dos Anjos e com aquele outro, do qual comprava drogas sem a permissão de Pedro. Naquela hora ela ajoelhou e pediu com veemência à sua Santa de fé: “Dai-me, Senhora, o amor de sua santidade; livrai-me deste terrível mal; coloque sobre nós o seu manto; intercedei por nós junto ao seu Filho, nos faça ser de novo filhos de Deus; não consigo entender tanta injustiça que nos acomete neste momento; traga de volta meus filhos para me ajudarem a enfrentar este terrível momento de minha vida. Ó alma do Antônio, me perdoe por tudo de errado que fiz ao longo de minha vida; não nos deixe neste sacrifício sem fim; me mostre um caminho, meu Deus!”

Xarles escutava toda aquela fala sem dar uma só palavra. De seus olhos não saía sequer uma gota de lágrima, nem mesmo as falsas lágrimas, outrora derramadas. Ao contrário, terminada a prece da mãe, ele pronunciou as palavras duras que costumava usar nos morros de Belo Horizonte, e desafiou: “Você só fica com suas rezas baratas! Você precisa se converter ao grupo da cruzada contra a violência em Belo Horizonte! Que mané Santa, que nada! Eu não aguento mais estas suas rezas!”

Gorete já não reagia às provocações de Xarles e continuava suas orações, adquirindo até a mania de andar pelas ruas de Belo Horizonte, rezando terço, e dizia que era a única coisa que lhe dava um pouco de alento.

Como já disse, eu misturava o papel de jornalista com o papel de cuidador daquelas pessoas, misturava os alvos de minhas possíveis re-

portagens com questões mais fraternais. Eu trazia em mim uma verdadeira salada de elementos que ora me sacudiam como um furacão ora me deixavam deprimido e impotente frente a tanta confusão que, a bem da verdade, meu pai ajudara a começar. Ajudara, sim, pois aquela família fora impulsionada para uma viagem tão arriscada porque estava descontente com a forma tirana com a qual os fazendeiros administravam suas fazendas, e meu pai era um deles.

As rezas não resolveram os problemas da família, porque até as rezas de Gorete eram ilícitas. Antes recorrera a meios ilícitos para se casar com Seu Antônio, depois depositou enorme carga sobre os ombros de Xarles, desde a tenra idade, e, naquele momento, tentava arrancar um milagre, sem para isto fazer nada mais que rezar.

Até posso estar sendo injusto com ela, e não descarto que ao relatar esta história sou tomado, de vez em quando, por uma emoção que suplanta minha razão. Isto até me dá a capacidade de reconhecer que uma mãe, ao agir sob forte emoção, pode vir a ter sua relação com Deus irracionalmente.

D. Gorete já era capaz de escutar um pouco mais o que as pessoas lhe falavam, mas não o suficiente para compreender que os problemas de Xarles tinham a ver com suas atitudes. Assim, a cada vez que se via pressionada, corria atrás de dinheiro para dar ao filho, uma coisa que além de ilícita era muito perigosa; cada vez mais financiava os tortuosos caminhos do filho, dando-lhe dinheiro ou pagando as dívidas que ele contraía com os traficantes. Fato é que Xarles, até àquele momento, ainda agia e era tratado como um bebê, nada precisando fazer para solucionar seus problemas. Sua mãe se encarregava de os resolver. Ele nem mesmo pensava em assumir papéis mais assertivos para sua vida de pai de um menino que estava crescendo sem sua presença. Mas isso felizmente não era tão ruim, porque Charles Júnior aos poucos ia se acostumando com a relação de Júlia com um rapaz do sul que mais tarde viria a se casar com ela. Paulo era bastante adequado e tratava o futuro enteado

com muito tato. Era o início do suporte que Charles Júnior precisava para se desenvolver de forma saudável.

Xarles de Oliveira e Silva não chorava mais pelo filho, como já fizera, nem chorava pelo amor perdido de Júlia; sequer compreendia, em seu trono da ilusão, que de fato nunca fora príncipe.

Xarles e Gorete divergiam-se e esperavam que Deus lhes desse a oportunidade a que jamais fizeram jus, a oportunidade da PAZ. Eu também, àquela altura, utilizando um dos lados de minha inteligência, perguntei que justiça me fazia, entretendo-me com aqueles problemas que pouco tinham a ver comigo. Então, naquele diálogo interno, meu outro lado respondia que eu teria que continuar fazendo reportagens com aquelas pessoas, conhecidas e tão credoras de meu pai como eu pensava que fossem os Oliveira e Silva. Eu percebia, assim, que quem falava mais alto era minha obsessão por furos de reportagens, eu pensava ser o único capaz de realizá-las no jornalismo. Todavia, em meus momentos mais racionais, pensava mesmo é que estava me metendo numa roubada.

da capital de Minas noticiaram em uma manhã de o que acontecera com Pedro. Uma gangue do morro o Cristóvão vinha seguindo-o, havia muitos meses, e, ele dia, não lhe deram nenhuma chance de usar sua a para convencer seus rivais de que “a coisa não era assim e que deviam conversar para chegarem a um

XXIII

PEDRO É
PEGO 
EMBOSCADA

Como jornalista que era, e agora não mais quando comecei minha carreira, tive que dar notícia. Era um pouco doloroso, mas já não aquele excesso de humanidade e, no momento, não tremia mais para escrever minhas reportagens. Eu me sentia mais tranquilo ainda, uma vez que Pedro não era meu amigo, diferentemente de Xarles e de seus familiares; sequer eu conhecia sua família.

Jornais da capital de Minas noticiaram em uma manhã de agosto o que acontecera com Pedro. Uma gangue do Morro de São Cristóvão vinha seguindo-o, havia muitos meses, e, naquele dia, não lhe deram nenhuma chance de usar sua diplomacia para convencer seus rivais de que “a coisa não era bem assim e que deviam conversar para chegarem a um consenso”, como ele costumava dizer aos seus rivais e também a seus companheiros. Também não quiseram escutar sua outra fala de “não vale a pena brigar, companheiros”. Os adversários não queriam mais ser “enganados por Pedro”. Diziam: “Pedro, com aquela conversa mansa, nunca briga, mas nunca nos deixa em paz; ele está tomando nossa clientela e, se tudo continuar como está, em breve vamos ter desemprego no morro, vamos mandar mais de cinquenta por cento de nossos empregados para o olho da rua, vocês escutaram?” E puseram fim à vida dele.

Como jornalista que era, e agora não mais o amador de quando comecei minha carreira, tive que dar aquela notícia. Era um pouco doloroso, mas já não havia em mim aquele excesso de humanidade e, no momento, não tremia mais para escrever minhas reportagens. Eu me sentia mais tranquilo ainda, uma vez que Pedro não era meu amigo, diferentemente de Xarles e de seus familiares; sequer eu conhecia sua família.

Pedro parecia viver absolutamente só no mundo: jamais falara em qualquer parente, nem mesmo para reclamar como fazia Antônio Filho, nem mesmo para maldizer como fazia Xarles. Pedro era realmente uma pessoa aparentemente fria, não se abalava com nada, nem mesmo com as ameaças costumeiras que recebia enquanto comandante do tráfico de drogas. Talvez pudéssemos compará-lo a José. Os dois eram verdadeiros túmulos ambulantes.

“O REI DOS MORROS É BRUTALMENTE
ESPANCADO NA MADRUGADA”

Pedro está entre a vida e a morte no hospital da Santa Casa de Misericórdia: foi espancado por vários membros de um grupo rival de traficantes estabelecidos no Morro de São Cristóvão. Ele foi abordado pelo grupo ao sair de uma festa na Pampulha, bairro nobre de Belo Horizonte; os indivíduos gritavam palavras de ordem: “Hoje você tem que falar o que anda fazendo, seu comandante de merda! Queremos ver se você vai continuar tomando nossa clientela! Hoje vamos te matar, seu idealista sem causa! Cadê sua turma? Você vai se ver conosco, seu comandante de meia tigela! Hoje você vai virar presunto!”

Assim é que se iniciou, na capital mineira, o mais espetacular massacre de que até então se teve notícias; espancaram um dos maiores traficantes de drogas de BH. Testemunhas contaram que Pedro estava apenas com sua namorada e dois amigos; havia dispensado os seguranças por não entender que a região da Pampulha fosse perigosa para uma pessoa como ele. “Pedro não tinha nenhum inimigo, é muito correto em tudo que faz, isto foi uma tragédia, pois ele não merecia esta injustiça. Ele era bom patrão, bom namorado e, se vocês ainda não sabem, muito bom filho”, relata consternada, Kátia, sua namorada, embora mentindo quanto a Pedro ser bom filho, pois ninguém sabia a respeito.

À entrada do Hospital onde Pedro estivera internado, ficara uma forte guarnição policial. Perguntei se tinham algum boletim sobre a situação do paciente e um funcionário me disse que estava proibido de dar qualquer informação sobre o “comandante”. “Só a polícia poderá lhe dizer alguma coisa sobre ele”, dissera o funcionário da portaria. Em seguida, cochichou em meu ouvido e me perguntou: “É verdade que este paciente comanda mais da metade dos morros de Belo Horizonte?” Respondi que não sabia e que estava apenas procurando alguma informação sobre o paciente para dar ao grande público. Jornalista que eu era, estava apenas cumprindo o dever de informar. Nada mais. O que eu sentia era semelhante ao que aquele moço também sentia; minha curiosidade esta-

va ao nível daquela curiosidade de quando comecei a pesquisar a vida da família Oliveira e Silva, mas com um diferencial: agora eu era jornalista de verdade. Da frase, “Você é um jornalista de merda”, eu só me lembrava quando contava minha experiência para os amigos, ela não mais me incomodava. Mas, com a morte de Pedro dos Anjos, meu coração estava disparado, porque, apesar de tudo, estranhamente eu me tornara seu admirador.

Naquele dia consegui entrar no quarto de Pedro e lhe fiz algumas perguntas:

– Por que você anda tão desprevenido, sem seguranças, se você já é considerado uma celebridade?

Ele já não conseguia responder muito claramente a nenhuma pergunta, estava quase dando adeus ao mundo, mas, com esforço, disse-me que não sabia de tais inimigos.

– Sou uma pessoa boa, cumpridora de meu dever e ainda emprego muita gente nesta cidade. Quem poderá ser meu inimigo?

– Quem está por trás desta organização que você dirige tão bem, Pedro? – perguntei-lhe ainda. E acrescentei:

– Xarles já me contou que você é apenas um testa de ferro do irmão dele, o José Neto. É verdade?

A esta pergunta, não usou a voz, somente levantou os braços num gesto que mostrava a falta de sentidos daquela informação. Em seguida, pediu para eu sair, usou apenas a mímica porque já não conseguia mais falar. Suas forças se esgotaram. Sei que fui muito ousado, mas concordo que o jornalista precisa de ousadia para conseguir notícias que não sejam convencionais. Embora saibamos das nossas dificuldades, estamos sempre à procura de uma utopia.

Saí do hospital muito frustrado por não haver conseguido colher as informações de que eu necessitava. Achei que seria possível, uma vez que Pedro não sentia nenhuma “nóia” – termo utilizado por ele e pelos seus comandados quando algum deles se sentia perseguido.

Apesar de o momento não ter sido muito apropriado, estava otimista ao encontrá-lo, por considerar que ele parecia me respeitar mais e pudesse revelar, por isto, fatos relevantes para o meu trabalho, pois eu me tornara jornalista experiente.

“Morre o Rei dos morros belo-horizontinos” – Esta foi a manchete que escrevi, na manhã seguinte, referindo-me a Pedro e, desta vez, me doeu profundamente, porque, embora meu vínculo com ele não fosse lá tão grande, era o bastante para desejar outro final para sua história. “Se Pedro usasse a inteligência para outros fins, teria dado mais certo, tão ou mais certo quanto os negócios no ramo do tráfico” – pensei.

O aparato policial na porta do hospital era grande, sendo vedada a entrada até para a maioria das autoridades, mas, em relação a mim, tal não acontecia. O tumulto foi geral: enquanto os colegas de Pedro tratavam de tomar as devidas providências, seus adversários aprontavam, chegando a afrontar a própria polícia. Os comandados de Pedro seguiram sua linha: em nenhum momento fizeram baderna e tentaram manter a calma. Digo, inclusive, que tiveram um comportamento compatível com a pessoa que Pedro era para eles, mas isto só foi possível até o momento em que a ousadia dos desafetos de Pedro atingira seu ápice. Daí, iniciou-se um combate nos moldes dos melhores filmes de faroeste, o que só terminou com a chegada de mais reforço policial.

“Enterro super concorrido para o Rei dos morros de Belo Horizonte”. Com esta manchete, encerrei minha relação com Pedro. Como jornalista leigo e finalmente como jornalista profissional, me relacionei com pessoas de todos os níveis e descobri que traficante como Pedro era muito raro; encobrendo suas atividades criminosas, apresentava-se como indivíduo de fino trato. Em nenhum momento perdera a linha comigo ou com seus “funcionários”, conforme ele denominava seus liderados, ou ainda com qualquer outra pessoa. Se de fato andou matando alguém, como me contou Xarles, foi às escondidas, não deixando que

sua brutalidade chegasse a ser notícia policial. Aliás, ele não poupava elogios às próprias atitudes: sempre dizia que ajudava o Brasil, dando emprego para centenas de pessoas. “Estou ou não estou ajudando o governo com esta minha providência?”, vangloriava-se.

O funeral de Pedro foi vigiado de perto por um grande aparato da Segurança Pública e muitos homens públicos o visitaram. Tive até a oportunidade de ouvir o seguinte de um político importante: “Pedro era uma pessoa exemplar, dificilmente a gente via seu nome em páginas policiais, mesmo fazendo tantos negócios como ele fazia, sei que ele era um contraventor, mas contraventor como esse não prejudica em nada o país; o governo faz vistas grossas porque sabe que o que ele tira do país, devolve em empregos para os necessitados, o senhor me entende?”

O tal político me pediu segredo para suas infelizes declarações e, novamente, me vi envolvido em material potencialmente jornalístico o qual acabei prometendo não tornar público. Mas fiquei pensando que, afinal, ninguém consegue ser tão correto que nunca cometa deslize e, se eu tornasse público aquele discurso, meu deslize seria infinitamente menor que o deslize do deputado.

A situação que se me apresentou fez-me refletir mais um pouco. Às vezes é assim mesmo que as coisas funcionam, pois, mesmo quando certos políticos se tornam inimigos de seus adversários, apoiam seus projetos e fazem em conchavos que, a princípio, julgamos impossíveis. Assim é que declaram, por exemplo, serem apenas “inimigos políticos”, ser tal projeto “politicamente correto” e necessário para o país, frisando ainda que “o Brasil está acima de nossas brigas políticas”. De outro lado, alguns jornalistas inescrupulosos deixam de tornar pública uma determinada matéria para que este ou aquele político lhe forneça informações mais bombásticas do que a que têm sobre ele em mãos. Então entram em certas negociações que parecem lícitas mas que, quase sempre, são imorais. O certo é que vão dando descontos para suas atitudes e, no fim das contas, passam a acreditar que são lícitos.

Mas voltando ao episódio com Pedro, segundo cálculo da polícia local, o enterro foi acompanhado por aproximadamente duas mil pessoas, mesclado de políticos – os que falavam abertamente da “grande perda” e aqueles que tentavam ficar no anonimato – e pessoas de baixo poder aquisitivo.

A polícia, por sua vez, se manteve alerta, mas discretamente, sem se comprometer com manifestações emocionais. Muita gente ligada a Pedro cantava a música “Abra as asas sobre mim, oh! senhora liberdade...”, o que me fez acreditar na consideração que aquelas pessoas devotavam a Pedro: para elas, Pedro era promessa de liberdade, promessa financeira ou, talvez, um outro tipo de liberdade, quem sabe.

Xarles não comparecera ao enterro, mas em um pequeno momento em que não delirava, lamentou profundamente a perda daquele que lhe aparecia, às vezes, como patrão ou mesmo como líder. Seria Pedro testa de ferro de seu irmão José? Disto, só Xarles e eu suspeitávamos, porque as coisas no grupo de Pedro eram tão sigilosas que nada era possível afirmar.

Procurei seguir à risca meu dever de informar e este caso não poderia ficar sem a devida cobertura jornalística. Afinal, esse acontecimento constituía-se na minha primeira reportagem.

Verificou-se que os morros de Belo Horizonte ficaram de luto por muitos dias e quase não víamos manchetes sobre guerras do tráfico. Isto mostrava que por trás do silêncio e da discrição de Pedro morava uma fera dissimulada, capaz de conduzir não só os negócios daquele grupo, mas também capaz de comandar, com muita malícia, os maiores conflitos daqueles morros. Descobri que Pedro era capaz de chicotear seus desafetos, por meio de mãos alheias, mãos de pessoas que não eram permanentes em sua companhia. Eram free lancers que apareciam na calada da noite ou que faziam os serviços em determinados momentos do dia, desaparecendo subitamente. É o que fiquei sabendo em longa

conversa com Xarles, num momento de desavença entre os dois. Aquela talvez fosse mais uma das razões para Xarles manter-se sempre apagado na vice liderança. Ele sabia que Pedro não era fácil quando se sentia desafiado por alguém. Tal argumento, porém, ainda não era suficiente para me fazer desistir da ideia de que por trás de Pedro havia uma grande organização. Para mim, havia homens fortes dominando Pedro e tudo que Pedro dominava e administrava: Xarles, todos os outros “funcionários” e também a compra e venda de drogas.

Ao fim de aproximadamente vinte dias, quando Xarles já havia saído de mais um tratamento de desintoxicação, no auge de seu sonho de ser o sucessor do Rei dos Morros, foi convidado para uma reunião. O convite viera cheio de códigos secretos, marcando dia e hora para uma eleição, também secreta, ocasião em que seria escolhido o sucessor de Pedro. Fiquei mais ou menos em seu encaço e consegui colher, não de sua boca, mas de suas expressões corporais, que ele estava radiante de felicidade. Não lhe perguntei se estava esperando uma nomeação para suceder o Rei, mas sua expressão era de autoconfiança. “Amanhã vamos ter novidades, você vai estar lá, Senhor Jornalista?, expressou entre um tom de brincadeira e de gozação mesmo, sem que eu tivesse os mesmos arrepios de antigamente. Xarles agora sabia de minha competência.

Em minhas reflexões, pensei que talvez Xarles, com seus deslizes e enquanto sócio do empresário da droga, tenha motivado a morte de Pedro por causa de suas idas a grupos rivais para adquirir drogas para seu consumo, no auge da dependência química. O próprio Pedro deu a grande mancada de sua vida se negando a fornecer drogas para Xarles, embora soubesse que um viciado não seja capaz de ficar sem a droga quando as células pedem. Pedro não foi sábio o suficiente para notar este detalhe. Decerto, caso soubesse que Xarles passaria seus segredos para os rivais, teria, no seu melhor estilo, pago a melhor quantia pelo assassinato de um “companheiro”. Ele mandaria matar Xarles. “Neste campo quem vacila morre”, dizia Pedro a seus companheiros. Pedro teve

excesso de confiança, talvez imaginando que seus rivais acreditassem em sua benevolência e no bom caráter que supunha ter. Parecia acreditar que conseguiria de fato passar para os desafetos uma imagem de bonzinho. Cheguei a pensar que Pedro não acreditava em seu próprio discurso, vacilando tremendamente, faltando-lhe, então, a sabedoria para se defender na hora exata.

Chegada a hora da reunião, Xarles trajava sua melhor roupa – a roupa de Príncipe – esperando ser coroado Rei, com o que negaria minha escrita; afinal, eu mesmo disse que “ele era príncipe sem Rei para suceder”, deve estar se lembrando o leitor. Queria que minha previsão fosse verdadeira, pois assim Xarles procuraria outra coisa para fazer, enquanto sua vida fosse se esticando. No que se refere à sua vida, minha previsão já fora contrariada, porque pensei que morreria, sem demora, quando o vi moribundo e ainda correndo o risco de ser desintegrado por traficantes.

Quando se confirmou a tal reunião, mencionei sobre a minha participação e Xarles quis me desiludir com um “não”. Mas, àquela altura do campeonato, eu já sabia que os traficantes sentem prazer com a divulgação pela imprensa. Quando diziam não, seus olhos mostravam um certo pesar, pois eles precisavam ser divulgados, como todos os comerciantes do mundo e, se o negócio das drogas crescera tanto, foi porque os compradores sempre foram encorajados pelo marketing, feito, sem querer ou não, pela mídia. Só para ilustrar, pensemos, por exemplo, no futebol que, sem a mídia, até continuaria sendo a grande paixão, mas continuaria pequeno, como antigamente. Assim sendo, Xarles, que antes dissera “não”, repensou sua posição e procurou conversar o mais rápido possível com os controladores da reunião para que eu pudesse entrar e reportar para a comunidade o que ocorresse naquele dia de votação no luxuoso mocó da “Companhia de Pedro”, nome com o qual homenageavam a Pedro.

Registrei cada detalhe de tudo que ia sendo discutido naquela assembleia, e, já bem tarde da noite, entrou um homem com estilo muito

parecido com o de Pedro e deu fim à reunião com as seguintes palavras: “A partir de hoje, serei o comandante desta organização e quem quiser falar alguma coisa, posso escutar, só não garanto que vou poder atender a qualquer reivindicação de vocês. Entenderam?”

Aquele “entenderam?” me lembrou Pedro, um homem de postura firme e ditador de normas, e o nome do que acabava de chegar, fiquei sabendo mais tarde, era Alfredo Cunha.

Xarles havia se preparado e apresentava uma força que nem parecia coisa sua, força que teve para se levantar e gritar bem alto como que reivindicando aquele posto:

– Como eu fico nesta, meu compadre?

O Senhor Alfredo Cunha respondeu de forma “curta e grossa”:

– Você será meu auxiliar, já está determinado

Xarles não se deu por vencido e foi ainda mais enfático:

– Qual é a sua, cara, o que você pensa que é?

O senhor Alfredo Cunha teve uma certa paciência, coisa também demonstrada por Pedro nas horas de decisão:

– Escuta aqui, seu Xarles, as coisas nesta organização já vêm, de cima, resolvidas. Não adianta ninguém tentar mudá-las e eu vim para dizer que serei o comandante desta organização, entendeu?

– Não entendi, preciso de mais explicações! – retrucou Xarles.

Mas o assunto morreu ali e o Sr. Alfredo Cunha tornou-se tão poderoso quanto Pedro.

Seguindo o velho raciocínio, a partir do modo como Pedro dirigia a pseudo instituição, imaginei que, por trás de Alfredo Cunha e de toda aquela engrenagem, existia alguém que não só dava o dinheiro para financiar o movimento de compra e comercialização daqueles produtos, mas sim uma pessoa que criava e fazia cumprir todas as leis que regiam o grupo. Até mesmo o fato de Xarles se manter sempre naquela mesma posição já devia estar traçado por um grupo bem organizado que, por sua vez, seguia ordens do mesmo “manda-chuvas” do tempo de

Pedro. Ninguém podia sequer lamentar por causa do que achavam ser uma derrota; quem chorasse não era digno de permanecer na organização, organização que, a bem da verdade, Xarles ajudara a construir com aquele dinheiro que arrancava de seus familiares quando o grupo estava se formando. Aquilo era complicado para todos, principalmente para os que trabalhavam em funções mais arriscadas. Então, naquela reunião, viveram a incerteza: eles sequer sabiam quem era aquele patrão.

Assim, inicia-se mais um capítulo na história de Xarles que continuava no posto de segundo comandante, mas não comandando ninguém; seu papel era simplesmente tampar buraco como antes. Desolado, ele ameaça sair da organização e chama Alfredo Cunha para uma longa conversa a respeito de sua possível dissidência, mas, como era de praxe, o chefe não conversava mais que cinco minutos com nenhum membro do grupo, mesmo que fosse o príncipe, ou melhor, o vice-presidente.

Passados apenas dois minutos de conversa, Alfredo revelou que, “se alguém saísse do grupo haveria de pagar um enorme pedágio”. Perguntei qual seria o valor do pedágio e ele respondeu de forma “curta e grossa” que teria que pagar com o martírio de um familiar ou com a morte do dissidente. Perguntei se havia outra alternativa de castigo que não fosse tão drástico e, desta vez, Alfredo pediu licença e saiu sem dizer mais nada. Então, começa uma nova etapa de insegurança para a vida de Xarles, e a sua esperança de comandar aquele grupo cai por terra. Ele volta a usar cocaína em alta escala, com o argumento de que a droga era o remédio para esconder suas mágoas.

Nesse tempo, Charles Junior, já maior e agora mais próximo dos familiares, ainda não podia ver o pai, por causa do sumiço dele, motivado pelas constantes reuniões e sobressaltos nos quais ele e os outros colegas viviam no grupo, mas também porque Júlia tinha medo de ela e o filho serem envolvidos em questões que diziam respeito ao crime.

A vida de Xarles tornava-se cada vez mais complicada e ele não conseguia mais nenhum momento de sossego; assim, mesmo se quisesse,

não conseguiria aliar-se à Júlia para educar o filho: teria como barreira a dependência química e o fato de não ser aceito pelos familiares. Até mesmo sua mãe, que outrora o defendia veementemente, já transferira seu apego para Charles Júnior que, agora, era nas fantasias de Júlia e dos avós, o novo príncipe da família. Gorete já não investia na carreira de Xarles, nem emocional nem financeiramente; não oferecia mais qualquer quantia para ele cobrir as dívidas que continuava contraindo com os traficantes. Gorete descobriu que não estaria renunciando ao amor do filho, colocando limites; concluiu que a reza por si só não era o remédio para tanto desespero. Então, decidiu fazer sua parte, e sua parte era buscar orientação e agir adequadamente, dando limites e respeitando a si própria. Os novos conhecimentos fizeram-na entender que, sem querer, financiava o consumo de drogas para o filho e, sem jamais ter percebido, ajudou a financiar a montagem daquela organização que Pedro administrava e que agora estava nas mãos de Alfredo. Porém, ela ainda não sabia que todo o dinheiro que ela arrancara da família para dar a Xarles contribuiu para agigantar o comércio de drogas na cidade de Belo Horizonte. Aquela organização poderia ser o fim de Xarles e até mesmo dela ou de outra pessoa de sua família. Era assim que a engrenagem funcionava, era assim que muitos jovens haviam construído o próprio caminho para a sepultura; era daquela forma que muitos familiares de traficantes haviam perdido tudo que possuíam para livrar os filhos das garras dos criminosos – o pior é que nunca tiveram a certeza se de fato os livraram.

Xarles tentara escapar daquela organização, mesmo com as ameaças de Alfredo, mas fora apanhado muito mais rápido do que ele e sua mãe pensaram. O silêncio que mantiveram em torno de sua mudança para uma rua da periferia de Governador Valadares não foi suficiente para livrá-lo de ser pego pela organização que ajudara a criar. Tornou-se livre da prisão e do hospital que tanto odiara, mas virou refém dos colegas que outrora o ajudaram a desafiar a lei e a ordem.

Em um dado momento, Gorete passa boa parte de seu tempo pensando em Charles Júnior, e a saúde, já debilitada, torna-se cada vez mais avassaladora. Antônio Filho e Marina não mais voltaram da América para a casa materna, e também Maria, havia muito, não aparecia. Casada, Júlia permanece no sul do Brasil e seu esposo assume mesmo Charles Júnior, como filho, e Xarles, após se livrar também de seus colegas do tráfico, volta para Belo Horizonte e fica perambulando durante alguns anos pelas ruas da capital. Seu caminho de todas as noites era entre a Rua Guaicurus e a Avenida Santos Dumont, uma região onde funciona, permanentemente, uma zona boêmia.

Em uma de minhas conversas com D. Gorete, ela dissera que o filho havia melhorado um pouco e que o risco de morte por traficantes era menor, uma vez que ele já não incomodava Alfredo nem os rivais da organização. Um dia, ao entardecer na capital, encontrei Xarles na região do baixo meretrício. Apresentou-me uma mulher que, posso garantir, tratava-se de uma prostituta profissional com quem dissera estar vivendo maritalmente, mas o que de fato fiquei sabendo é que ele era seu gigolô. No entanto, percebi que ela o amava, mas ao modo da vida que levava, estando com ele e, ao mesmo tempo, com seus fregueses.

pensava em ter novo relacionamento, queria, recursos para sustentar Charles Júnior e dar a hora, melhor do que ela própria tivera e que os e Silva sonharam em vão. Mas, numa tarde quando procurava emprego na cidade de Belo e, foi alvejada pelos olhos de Paulo Gomes, de

XXIV

A HISTÓRIA DE JÚLIA E PAULO GOMES

Ao aproximar-se de Júlia, Paulo perguntou se pod conversar com ela, ao que ela respondeu negativamente, afinal, aquela menina “assoreada” pelo pequeno tempo em que amara, estava ainda fora de forma, porque tinha sido brutalmente esmagada pelas consequências que tivera ao dizer sim para Xarles. Mas Paulo entendeu?

Júlia já não mais pensava em ter novo relacionamento, queria, sim, procurar recursos para sustentar Charles Júnior e dar a ele uma vida melhor, melhor do que ela própria tivera e que os irmãos Oliveira e Silva sonharam em vão. Mas, numa tarde ensolarada, quando procurava emprego na cidade de Belo Horizonte, foi alvejada pelos olhos de Paulo Gomes, de Curitiba, ao se aproximar do hotel onde ele estava hospedado. A jovem tinha, então, os olhos quase desarmados pela ação de uma relação mal digerida, mas era aquele o exato momento em que provavelmente o destino – se é que existe o tal destino – a fez elevar seu rosto encontrando os olhos de Paulo, baixando-o automaticamente. No entanto, Júlia dissimulou seu sentimento em relação à beleza que presenciara no rapaz naquele instante. Mas Paulo, tomado por um sentimento meio estranho, uma força que o atraía fortemente, resolveu descer as escadas do hotel e acompanhar a menina-mulher. Júlia ao perceber-se acompanhada por Paulo sentiu-se um pouco temerosa, olhou para trás também um pouco assustada e constatou tratar-se da mesma pessoa que avistara na janela do hotel.

Ao aproximar-se de Júlia, Paulo perguntou se poderia conversar com ela, ao que ela respondeu negativamente; afinal, aquela menina “assoreada” pelo pequeno tempo em que amara, estava ainda fora de forma, porque havia sido brutalmente esmagada pelas consequências que tivera ao dizer sim para Xarles. Mas Paulo entendeu que sua linguagem corporal falava o contrário. Então insistiu em lhe falar. Júlia não era uma moça extrovertida, por isto tentou se desvencilhar de Paulo. Pensara, certamente, nas decepções que Xarles lhe causara e quem sabe se não pensara também que “todos os homens são iguais”, pensamento com o qual comungam muitas mulheres mal amadas tantas e tantas vezes. Mas Paulo não desistiu e foi logo falando de forma mais veemente, diálogo este que lhe apresento a seguir.

– Oi, moça, preciso lhe falar uma coisa muito importante, é uma questão muito séria, é um caso urgente, é quase de vida ou morte, entendeu?

– Não, não posso, estou com pressa, preciso ir a um compromisso.
– É rápido, se eu não falar agora talvez não lhe fale nunca mais, porque não sei se a encontrarei noutra hora. O que quero lhe dizer é muito importante.

– Então fala moço!, disse apoiando-se na parede de uma loja de roupas, como se estivesse com medo do rapaz.

– Posso começar dizendo que estou seriamente alucinado com esta sua imagem. Você é a coisa mais monumental que já vi. Qual é seu nome?

– Meu nome é Júlia, mas por que este desatino, moço? Você me amedronta!

–Vamos conversar, você verá que minha intenção é das melhores.

Apesar de ter achado o discurso de Paulo um tanto quanto imaturo, Júlia resolveu entrar em uma lanchonete com ele e lá ficaram por umas duas horas. De lá Júlia saiu com um conflito maior ainda. Agora, além de um fracassado amor, de um filho para criar e nenhum meio para subsistir, teria também que decidir algo tão sério sobre uma relação que poderia, segundo o que pensava dos homens, levá-la a mais uma ruína. Perguntava-se, a todo momento, qual era a justiça que faria a si mesma, envolvendo-se noutro relacionamento, ela que já se decepcionara tanto com Xarles. Júlia sabia que sua relação com Xarles fora apenas um grande incidente, um passo em falso; assim, ela pensava, embora sem convicção, que nenhum outro homem poderia ser tão inadequado quanto Xarles. Mesmo assim não conseguia retirar de sua cabeça a ideia de que poderia de novo malograr no amor. De seu lado, Paulo, como Júlia, já havia se relacionado com outra pessoa e até se envolvera num fracassado casamento sem filhos com uma moça carioca, mas, em nenhum instante, pensou como Júlia. Ele tinha certeza do que estava fazendo, era a certeza de quem não admitia ficar sem aquela pessoa que amou tanto à primeira vista.

No primeiro encontro, Júlia contara a Paulo que tinha um filho chamado Charles Júnior, mas o fato não o incomodara, pois sua atração

era tamanha, e isto de tal forma que nada, nada mesmo, poderia desviá-lo daquela rota – a rota de sua maior descoberta.

Mas, após alguns minutos, Paulo se deu conta de que, se existia Charles Júnior, existia também Xarles pai. Então perguntou à jovem por onde andava o pai da criança.

Júlia, como era de seu feitio, foi muito honesta com Paulo e lhe contou todas as verdades do relacionamento anterior e externou que mais diria se houvesse um próximo encontro.

No segundo encontro, Júlia disse ao seu pretendente que, apesar de ainda jovem, estava bastante esfolada por causa de sua primeira relação e que por isto não tinha interesse em se envolver com mais ninguém. “Só se for com uma pessoa muito séria, mas isto a gente nunca sabe, né?”

De todas as formas, Paulo busca explicar que, apesar de seu fracasso no primeiro casamento, ainda pensava em amar alguém de verdade e formar uma família. Isto pareceu animar Júlia que, após um sorriso travado, disse que teria que pensar muito mais, e, então, foi logo mostrando a Paulo quais eram as regras que pretendia colocar para se relacionar novamente. Com isto deixou claro que poderia aceitar a proposta do rapaz, e ele era vivido o bastante para compreender tal comunicação.

– Homem para ficar comigo, agora, tem que ter muita seriedade. Não estou disposta a tolerar mais nada do que já lhe contei.

– Mas, Júlia, você parece querer me julgar mesmo antes de estabelecermos um relacionamento definitivo.

– Não é nada disto, você sabe que gato escaldado tem medo de água fria?

– Mas, Júlia, não pense que quero maltratar você como fez esse tal Xarles, quero mesmo é formar uma família bonita, tendo-a como esposa.

– Mas como vou me comprometer com um homem que encontrei apenas duas vezes? Será correta essa atitude? Não, não, vou para minha casa e pensar direito no que devo fazer. Não quero sofrer tantas dores no peito como já sofri.

Júlia parecia tão atraída por Paulo quanto ele por ela, mas evitava demonstrar seu sentimento, pois tinha mesmo motivo para ser cautelosa. Saiu dali querendo pensar no que fazer, mas dentro dela havia uma força maior exigindo que ela aceitasse as propostas de seu pretendente. Ao chegar em casa, antes mesmo de dizer à mãe o que fizera em sua busca pelo trabalho, foi logo dizendo da proposta de Paulo. E então contou tudo que ocorrera entre ambos. Mas sua mãe que também estava escalada por tantos problemas de Júlia com Xarles, foi logo rebatendo as palavras da filha com um “Não, Não, Nãããã”, tão alto e comprido, que não houve mais como se falar do acontecido naquele dia. A mãe ficara realmente assustada com a possibilidade de Júlia novamente se dar mal num próximo relacionamento.

– Mas, mãe, como podemos conversar, se a senhora me recebe com estes gritos. A senhora pensa que todos os homens são como Xarles?

– Não, não é que eu pense assim, seu pai sempre foi um exemplo a seguir, mas não sei, minha filha, passamos tanto apuro por causa de sua história com Xarles que até me esqueci que nem todos os homens são um Xarles da vida. Se bem que uma coisa não posso negar: Charles Júnior foi o maior presente que recebi, depois de você e seu irmão. Nem sei como eu poderia viver se este neto não existisse.

– Ainda bem que a senhora vê assim, tem hora que acho que Charles é uma flor que nasceu em uma grande pedreira. Xarles Oliveira teve esta grande vantagem, ele não deu em nada, mas me deu este grande presente.

Após a fala da mãe sobre sua relação com o neto, Júlia percebeu que sua relação com Paulo seria aceita e, se a mãe aceitasse, o pai também aceitaria, era uma questão de tempo – e pouco tempo. E de fato, rapidamente Júlia deixou de ser a musa de Paulo, tornando-se-lhe uma realidade. Uma grande e boa realidade.

E Júlia ainda precisava dizer a Paulo o que ela pensava, e isto até com certo radicalismo: um dia prometera a si mesma que o homem que

quisesse se casar com ela deveria, em primeiro lugar, jurar que trataria Charles Júnior como filho, prometendo também ajudar a educá-lo dentro de um modelo que não fosse parecido com o da família Oliveira e Silva nem com o de sua própria família. Ela queria, junto do companheiro, tratar a relação pais e filhos de forma diferente.

Entrementes, em menos de três meses após o início daquele namoro, Júlia foi surpreendida com o anúncio do pai de que a família não continuaria morando em Belo Horizonte; iriam para o interior de Minas Gerais, mas o nome da cidade não fora anunciado naquele momento, pois ainda não sabia ao certo para onde mudaria. Aliás, embora muito elogiado pela esposa, o Sr. Adão não era tão bem orientado assim na vida; talvez fosse esse o motivo de Júlia não querer constituir uma família com modelo semelhante ao da sua.

O Sr. Adão anunciou que mudariam para São João del Rei, notícia que Júlia recebeu como uma bomba, pois ela já vislumbrava o seu casamento com Paulo feito um grande presente de Deus, a saída para o tão sonhado futuro do filho. A bem da verdade, ela gostava muito dele e já o imaginava educando Charles; segundo ela pensava, naquele momento só Paulo conseguiria tirá-la do marasmo que construía em torno de sua vida um obstáculo iniciado por Charles e concretizado por ela própria quando o aceitou como namorado, fato que fazia com que seu futuro parecesse tão obscuro.

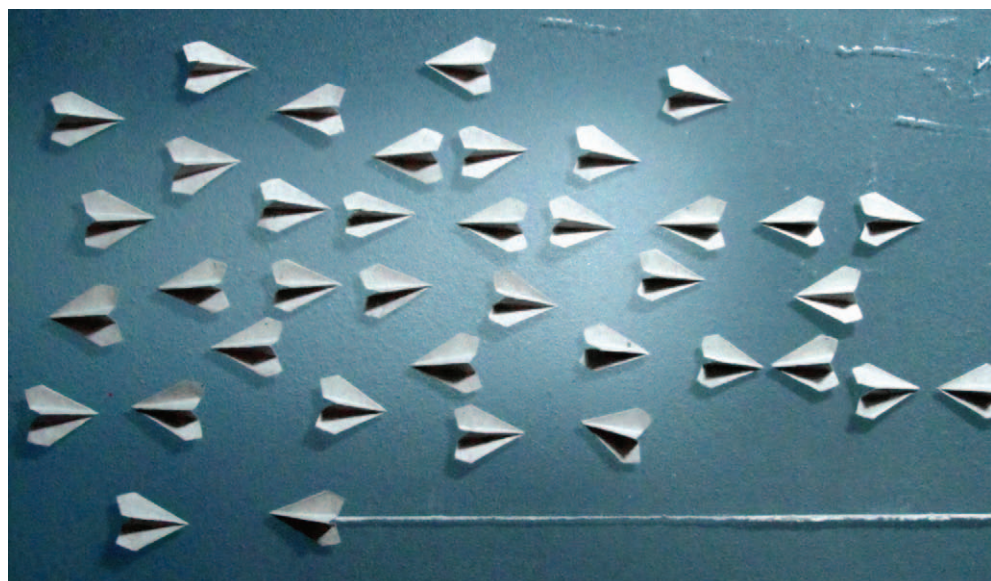
A partir de então, Júlia parecia ainda mais atraída por seu pretendente e já dava sinais de estar verdadeiramente apaixonada por ele, Paulo. Assim, tão logo soube para onde mudariam, telefonou para o coibiçado pretendente, solicitando sua visita para o dia seguinte, convite que foi recebido e atendido imediatamente, uma vez que Paulo andava temeroso de que sua investida naquela conquista não gerasse os frutos que queria colher, temendo que houvesse algum impedimento por parte dos pais que não estavam menos escaldados do que Júlia. A mãe, especialmente, logo demonstrara que não estava mais disposta a enfrentar

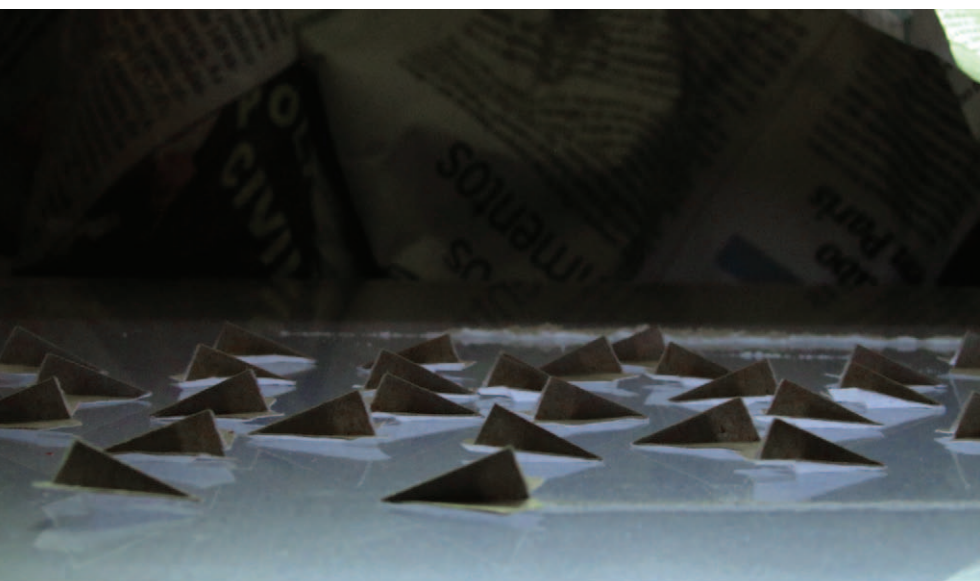
outra desventura da filha. “De Xarles basta um”, resmungara – desabafo que Paulo escutara e que tanto o desagradara.

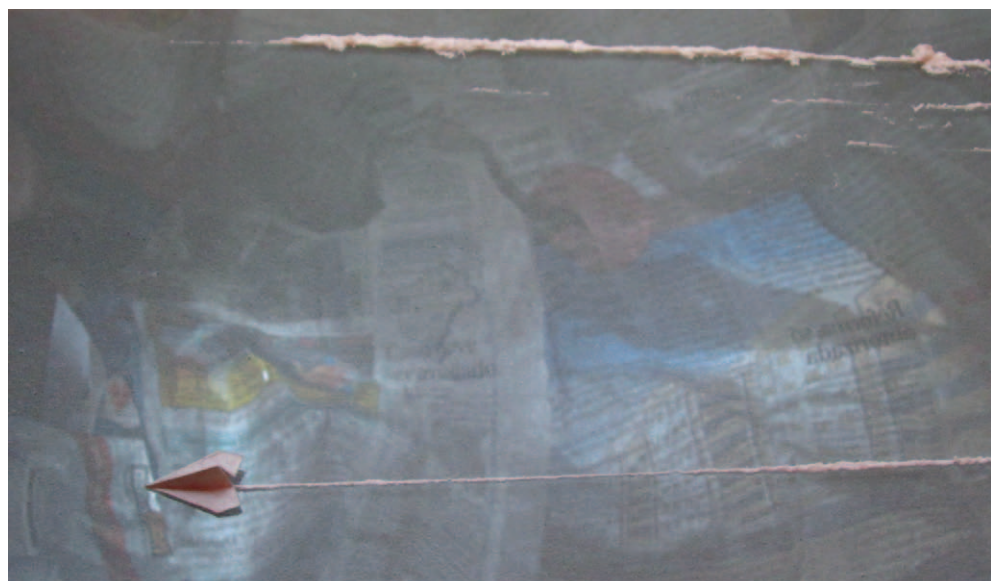
Não tardou e veio a confirmação da mudança e a data: iriam mesmo para São João del Rei que, embora uma cidade famosa e bem conhecida, se constituía um obstáculo a mais para a nova e esperada fase de vida que Júlia tanto queria. Seu pai não tinha emprego fixo, era um negociante de pequeno porte, comprava e vendia qualquer coisa, e, lá em São João del Rei, certamente passaria a negociar com objetos próprios para turistas. Mas será que, ao contrário de tantas outras vezes, ele agora teria sucesso?

E se mudaram para um subúrbio da cidade histórica, sendo a mudança levada de trem de ferro; o subúrbio ficava às margens da linha férrea, perto mesmo de uma pequena estação. Lá é que o Sr. Adão iria armazenar os objetos que compraria para vender aos turistas e, lá, também tentaria fabricar, junto de dona Raimunda, sua esposa, os docinhos, nos quais ela era especialista.

E foi com a venda dos doces que o casal viveu seus melhores momentos. São João del Rei parecia ser o que faltava na vida daquela família. Foi com aquela atividade e com a venda de alguns produtos para turistas que passaram a sonhar com o melhor futuro para Júlia e Charles Júnior.









da família para a cidade de São João del Rei, passara mais de dois meses sem dar notícias a situação não era das mais tranquilas. Ele já em reconstruir sua vida e para isto precisava o, programando estratégias seguras para que ar ao ápice com sua amada Júlia. Mas estava

XXV

NA TRILHA DO FUTURO

Enfim, chegou o dia da tão esperada visita de Paulo Júlia. Numa manhã orvalhada, ela acordou com o trem de ferro. Seu sono era insistente, porque naquela noite havia passado um longo tempo analisando a vida, como que fazendo as contas para tentar vislumbrar um futuro mais promissor. Suas caminhadas à procura

Com a mudança da família para a cidade de São João del Rei, Paulo Gomes passara mais de dois meses sem dar notícias direito, pois sua situação não era das mais tranquilas. Ele já pensava em reconstruir sua vida e para isto precisava trabalhar dobrado, programando estratégias seguras para que pudesse chegar ao ápice com sua amada Júlia. Mas estava difícil para Júlia compreender o porquê de o apaixonado homem, como demonstrava Paulo, demorar tanto a viajar ao interior para vê-la.

Enfim, chegou o dia da tão esperada visita de Paulo à Júlia. Numa manhã orvalhada, ela acordou com o apito do trem de ferro. Seu sono era insistente, porque naquela noite havia passado um longo tempo analisando a própria vida, como que fazendo as contas para tentar vislumbrar um futuro mais promissor. Suas caminhadas à procura de emprego encerraram-se com uma grande decepção, mas havia de se considerar que era ainda jovem e inexperiente no campo profissional, nunca recebendo qualquer instrução que facilitasse aquela jornada. Sua necessidade de arrumar emprego veio antes da instrução acadêmica, e o envolvimento com Xarles a tirou dos trilhos, sendo colocada numa plataforma onde só deveriam estar mulheres mais amadurecidas.

Júlia assemelhava-se, em tal situação, a fruto que amadurece pelo poder da química – amarelado por fora e endurecido por dentro. Era visível o descompasso entre seu corpo de mulher e a mente de adolescente que ainda possuía. Não havia conseguido fixar-se em nenhum projeto de vida que garantisse o sustento para si e para seu filho.

Nesse contexto e sensibilidade, ao ouvir o apito da Maria Fumaça, lembrara-se de Xarles e, sozinha, resmungando, lamentou não poder contar com ele para levar avante a educação do filho.

Naquela manhã, como em outros raros momentos, Júlia deixou rolar uma lágrima, secando-a com sua delicada mão, enquanto alguém batia à porta. Ela fingia dormir, mas as insistentes batidas, acompanhadas pelo barulho de chaves, obrigaram-na a se levantar e ver do que se

tratava. E que surpresa: ao abrir a porta, viu Paulo Gomes que num ímpeto, logo tentou um carinhoso abraço, o que ela aceitou por um instante. Logo o empurrou, como se reagisse naquele momento a Xarles com o qual sua relação deixara apenas lembranças desagradáveis.

Meio sem jeito e ainda sob o efeito de uma noite mal dormida, disse:

– Eu não o esperava hoje, não preparei nada para sua chegada, Desculpe! Desculpe! Deixe-me escovar os dentes, lavar as mãos, lavar meu rosto...

– Não fique assim, Júlia, vim apenas vê-la e nada mais, e, olhe, você está bonita assim tão natural, você é bonita de qualquer jeito. E onde está o Charles Júnior?

Antes que Júlia respondesse, sua mãe, que se incomodara com aquela conversa muito cedo, veio para a sala e ficou como Júlia, estupefata, e um tanto quanto desalinhada, tentou voltar para o quarto, mas Paulo se antecipou nos cumprimentos.

– Como vai a senhora? Demorei um pouco, mas aqui estou, ontem me deu um grande desejo de vir. Peço-lhe desculpas por ter chegado assim tão cedo, sem aviso.

– Não, não tem problemas, vou à padaria para comprar alguma coisa para o nosso café da manhã. – E frisou: O senhor não repare nossa casa, fique tranquilo, já volto.

Paulo teve certeza do quanto impactante e desconfortável fora sua chegada ao ver Júlia retornar pouco depois. Ela fora escovar os dentes e arrumar os cabelos cor de mel e também recompôs seu belo rosto, mas veio para a pequena sala de estar sem trocar a camisola com a qual dormira.

Novamente Paulo se levantou, aproximando-se de Júlia, mas ela, numa visão do próprio corpo, percebeu que estava de camisola e voltou correndo para o quarto.

O namorado que já se incomodava com o desarranjo que causara, imaginou-se descartado, mas, se tal fosse verdade, o que faria para viver

sem Júlia, a quem amara desde o primeiro dia em que a avistara lá em Belo Horizonte? Felizmente, ele estava enganado. Após um tempo de aproximadamente dez minutos, Júlia saiu do quarto, vestida em sua melhor roupa e, desta vez, desinibida, passou a conversar com Paulo. Pouco depois, após o café que a mãe de Júlia preparara, tiveram o diálogo que mostro claramente ao caro leitor.

– Como estou? Puxa vida, achei que minha casa não estava arrumada como você merece, fiquei com vergonha.

– Que nada, nem vejo direito sua casa, e sei que é muito cedo, mas tudo que quero na vida é você, quer dizer, você e toda sua família. Mas você é especial, especialíssima, bem o sabe.

– Você também é especial, mas ando meio para baixo, tenho procurado emprego, mas parece que só agora estou acordando para o fato de que para arrumar serviço é preciso me qualificar primeiro. É a vida, né!

– Vamos parar com esta conversa nada agradável, deixe-me abraçar você, quero beijá-la... amanhã tenho que ir embora bem cedo. Júlia, você é o melhor que me aconteceu nesta vida, deixe-me viver a eternidade deste dia, joguemos tudo que deprime para o alto.

Paulo insistia na ideia de que só Júlia o interessava, que não teria nenhum problema para aceitá-la desempregada. Estava definitivamente apaixonado, disposto a se casar com ela e levá-la e também Charles Júnior; queria constituir uma família. Porém, Júlia não conseguia compreender bem o tamanho interesse de Paulo por ela. Então argumentou:

– Afinal, Paulo, não tenho nada para lhe oferecer além de mim, estou desempregada e ainda com um filho para criar.

– Não diga mais essas coisas, Júlia, eu a amo incondicionalmente e, claro, Charles Júnior. Com certeza vamos levá-lo conosco e ele será também meu filho. Neste momento nada mais povoa tanto minha mente quanto você e a ideia de estarmos casados, construindo juntos um belo futuro para nós e nossos filhos.

– Nossos filhos? Você pensa em ter filho? Estou tão escaldada com minha história que em mim não há espaço para pensar em começar tudo de novo. Quem me garante que não vou embarcar em outra canoa furada?

Ao ouvir o discurso de Júlia, Paulo se calou e se encolheu, assim permanecendo até a hora de sua saída dali, rumo à cidade de Curitiba, para onde havia jurado levar consigo a sua grande pequena Júlia.

Ao perceber o desapontamento de Paulo, Júlia descobriu a força de suas palavras e o quanto elas foram arrasadoras para a relação que, embora lhe causasse desconfiança, era o que mais queria: um porto seguro como o que prometia Paulo para ela e seu filho Charles Júnior; quase derrubara de vez o castelo ainda em construção pelo seu pretendente. Esquecera que, em meio à sua desconfiança e tanto silêncio, estava também fazendo parte daquela grande construção. Assim, após ligeira reflexão, perguntou ao rapaz:

– Dá pra você ficar mais um dia aqui em casa?

– Como mais um dia? Sinto-me desmoronar e também o sonho que sonhei até agora, parece até que estou voltando de um sonho bom, sonho que é apenas sonho e nada mais.

– Acho que precisamos conversar. Sinto que você quer mesmo ficar comigo e eu quero me dar mais esta oportunidade, mas, antes de lhe dizer um sim definitivo, precisamos conversar um pouco mais.

Paulo, não dando a entender a felicidade que lhe envolvera com aquelas palavras de Júlia, ficou calado por quase um minuto e perguntou:

– O que você quer mais que eu diga? Meu repertório não é tão grande assim, não posso ficar aqui parado se tenho que voltar e tocar meus negócios no Paraná. Lá, vou reconstruir minha vida.

Em sua maturidade já de trinta e poucos anos, Paulo compreendia que uma vida de fracasso no amor não seria esquecida tão facilmente. Por isso acabou ficando e terminando aquela emperrada conversa, saindo dali noivo de Júlia, que agora haveria de sonhar sonhos de conteúdos mais agradáveis.

A partir daquela data nada mais seria obstáculo para Júlia realizar seu maior sonho, nem mesmo a falta de dinheiro da família para comprar seu enxoval e preparar uma festa, o que, naquela região, era de responsabilidade da família da noiva. Paulo Gomes gostou de ter passado mais uma noite na cidade de São João del Rei, porque agora ele também respirava aliviado. Sabia que a pequena Júlia era sincera em tudo que falava, embora a conhecesse houvesse pouco tempo.

O casamento aconteceu exatamente um ano após aquela data, em uma cerimônia muito simples, porque o casal pensava muito mais em um auspicioso futuro do que num casamento festivo.

Após a cerimônia, viajaram para Curitiba onde iniciaram a nova vida. Levaram com eles Charles Júnior, com o que deixaram D. Raimunda chorando, porque o neto se constituía em uma joia rara, saída dos escombros do pai. Se Charles Júnior vinha se mostrando uma joia, era porque estava sendo bem criado; amor não lhe faltara, nem dos familiares de Júlia nem mesmo dos familiares de Charles nos raros momentos em que ainda era levado até eles, não sendo permitido o excesso de carinho e superproteção antes dados a seu pai. Com Júnior, porém, isto não acontecia, ele vinha crescendo tão bem quanto uma planta criada em sua própria natureza.

er preso foi Xarles, porque seu nome constava numa como sócio do Grupo Pedro dos Anjos e mo usuário de drogas que comprava do grupo Então a polícia não teve dúvidas: levou-o preso deu castigos para que contasse tudo sobre as nizações. Sem nenhuma explicação o nome de

XXVI

OPERAÇÃO CHACOALHADA

Durante o tempo em que acompanhei a história do narcotráfico em Belo Horizonte, percebi que no p em que a guerra entre traficantes era mais frequ das inúmeras organizações criminosas não se digladiavam, jamais travaram conflitos, a não ser de fachada, trocando insultos e fazendo ameaças

Numa madrugada do mês de agosto, a Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, de posse de inúmeros mandados de prisão, se mobilizou de forma integrada – Polícia Civil e Militar – e desencadeou uma operação jamais vista no estado.

O primeiro a ser preso foi Xarles, porque seu nome constava em duas listas: numa como sócio do Grupo Pedro dos Anjos e em outra como usuário de drogas que comprava do grupo rival de Pedro. Então a polícia não teve dúvidas: levou-o preso e ainda lhe deu castigos para que contasse tudo sobre as duas organizações. Sem nenhuma explicação o nome de Xarles aparecia de novo como vice-presidente da organização que Pedro havia construído.

Naquele momento as coisas estavam complicadas para os traficantes, não era fácil levantar qualquer instituição ligada ao tráfico, porque o choque policial havia abalado a estrutura não só do Grupo Pedro dos Anjos, mas também de quase todas as organizações do tráfico em Belo Horizonte. A ação da polícia foi tão grande que atingira até à organização de José Neto que se constituía de um luxuoso escritório de importação e exportação, localizado na Avenida Afonso Pena, ocupando o andar inteiro de um edifício. Na porta da presidência estava o nome de José Oliveira e Silva Neto, escrito com letras folheadas a ouro. De fato era um luxo só. Os policiais entraram no escritório e deixaram-no completamente revirado, mas saíram sem levar nada nem ninguém.

Como jornalista que gostava de investigar organizações criminosas, eu já sabia que aquela empresa não era idônea e que José Neto estava, no mínimo, envolvido em contrabandos de armas. Além do mais, para mim era ele o fornecedor de drogas para o Grupo Pedro dos Anjos.

Durante o tempo em que acompanhei a história do narcotráfico em Belo Horizonte, percebi que no período em que a guerra entre traficantes era mais frequente, três das inúmeras organizações criminosas não se digladiavam, jamais travaram conflitos, a não ser confli-

tos de fachada, trocando insultos e fazendo ameaças, o que para mim era uma forma de nos fazer crer que não eram afiliadas. Não saía da minha cabeça que José Neto era o dono daquelas três organizações, as quais, segundo comentários meus e de muitos jornalistas eram as maiores da cidade. Naquele dia muita gente foi presa, muitos depósitos de drogas completamente destruídos e centenas de pontos de vendas desarticulados. Como eu tinha o privilégio de poder entrar e sair da residência de D. Gorete à hora que quisesse, fiquei sabendo, naquela tarde, que José Neto viajara para o exterior um dia antes do desfecho da operação policial. Com isto, pensei mesmo que ele houvesse recebido informações privilegiadas sobre o que aconteceria às suas organizações e a todas as outras.

Naquela ocasião Xarles fora preso sem um motivo maior, talvez só pelo fato de seu nome constar naquelas listas, pois, a bem da verdade, ele não traficava nem pertencia a organização alguma, apenas consumia drogas e consumia a si próprio com aquela atitude. Quando contei à Dona Gorete sobre o que havia ocorrido com Xarles ela simplesmente exclamou: “Eu já sabia que isto ia acontecer; eu também não esperava mais nada deste meu filho, não; ele me enganou; tudo que pensava a seu respeito foi em vão; era tudo falso, tão falso como o casamento que fiz com o pai dele. Até eu mesma não sei quem sou e por isso vivo em tratamento psiquiátrico. Que ele pague por tudo que fez, ele merece!” Talvez aquela não fosse a expressão de seu coração.

Como Alfredo Cunha, o substituto de Pedro, havia morrido naquela mesma operação policial, em tese Xarles deveria ser de novo apontado para assumir o posto máximo, isso se ele ainda pertencesse à organização ou se ainda fosse capaz de tal tarefa, mas, para isto, deveria estar ativo e não em fim de vida. Então, por que manter um indivíduo como aquele na prisão? “Talvez porque ainda não haviam resolvido a burocracia para colocá-lo em liberdade”, pensei. Mas a situação não era bem assim. Ele permaneceu preso e, desta vez, apanhou como cachorro de rua. Cheguei

a me sentir mal quando o vi na cadeia, uma prisão fétida e tão cheia de gente que era quase impossível movimentar sequer os pés naquele lugar, onde havia homens de todas as caras, uns verdadeiros mortos vivos. Xarles já parecia completamente entregue e, mesmo assim, sussurrou no meu ouvido, querendo saber como poderia conseguir um papete ou coisa assim para resolver sua aflição. “Eu preciso Francisco, eu preciso, eu vou morrer se não conseguir!” – disse-me desesperado. – Fiz de conta que não ouvi seu pedido e, ao sair dali, continuei recalando em mim a ideia de me lembrar de seu apelo. Aquilo era tudo que eu queria que Xarles deixasse, embora gostasse de estar buscando notícias frescas sobre o grande problema por que vinha passando sua família.

Alguns meses depois, iniciei uma extensa pesquisa jornalística e mais tarde publicara uma grande reportagem sobre as condições das prisões de Belo Horizonte, mas tal me custou um processo que se arrastou por quase três anos. Todavia, não me entreguei e passei a denunciar aquela situação, até que as autoridades resolveram me escutar. A princípio, pensei que minhas reportagens resultassem positivamente, mas depois vi que, após anos e anos, as prisões, além de não terem melhorado, estavam muito piores. As pessoas continuavam sendo tratadas de forma desumana, o metro quadrado das cadeias estava cada dia mais denso, aumentou-se o número de encarcerados, além de que o número de presídios continuava praticamente o mesmo. As questões educacional e da saúde cada vez menos atendiam às necessidades das crianças – os adultos de amanhã. Está comprovado que, com a baixa qualidade dos sistemas educacional e de saúde, muitas dessas crianças fazem aumentar a densidade populacional dos presídios.

Com o castigo recebido pela denúncia que fiz, a partir das reportagens, fui graduado por mim mesmo. De repórter que tudo sabia a respeito da família Oliveira e Silva, passei a conhecer também tudo a respeito da situação carcerária de Minas Gerais. Era o resumo da situação nacional: cadeias habitadas quase que exclusivamente por cidadãos po-

bres como Xarles, com a qualidade de vida de quem não recebe nenhum preparo para enfrentar o mercado de trabalho e as demandas sociais, e a tendência era que tudo poderia ficar pior.

Numa segunda-feira, quando os jornais são menos procurados pelos leitores, arrisquei uma reportagem sobre Xarles e, apesar de ter desagradado em muito meu chefe, ele deixou que a tornasse pública. Coloquei uma chamada pequena em uma parte menos privilegiada do jornal, mas de forma que chamasse a atenção dos leitores:

“O vice-líder do tráfico está morto”

Quem lesse aquela manchete pensaria logo que de fato o vice-líder do tráfico de drogas teria morrido literalmente, mas ao lerem a reportagem veriam que tal não acontecera e que o mesmo não tinha o peso do posto que lhe atribuí em minha escrita. Na verdade, Xarles estava morto em vida, quase simplesmente em vida vegetativa, e, naquele momento, pensei que morreria, sem demora. Havia algum tempo que ele andava à procura do nada, tendo aumentado a sua inquietação, e seu corpo de atleta se transformara em algo estranho: “ele estava em pele e osso”.

“Corpo de brasileiro é encontrado em cidade do interior do Paraguai” – Assim um jornal de São Paulo anunciava o fim de José Neto. Sua morte ocorrera exatamente no dia seguinte à “Operação Chacoalhada”, em Belo Horizonte. Como numa confirmação de minhas suspeitas, conta o Jornal que ele tentava viajar disfarçadamente em um táxi, de Assunção para o interior do Paraguai, mas, possivelmente, estava sendo seguido pelos homens, ou a mando dos homens donos da organização da qual fazia parte, sendo alvejado por dez tiros, morrendo em poucos minutos. Tais informações foram dadas pelo motorista do táxi que, curiosamente, escapou do atentado. Era prova de que José Neto preocupava alguém do grupo dos traficantes que o mantinham na instituição até àquele momento da Operação. Seria ele um arquivo ambulante que

precisavam detonar? Talvez sim, não só ele como também seu ex-sócio que fora morto naquele mesmo dia. São coisas que jamais conseguiremos desvendar, uma vez que aquela organização deve ter lacrado todas as fontes de informação que estivessem ao alcance dos jornalistas.

Era o fim de um homem cheio de mistérios que nem mesmo seus familiares conseguiram desvendar. A morte pusera fim em José e em tudo o que ele queria ser: rico e controlador de muitas ações da vida, acima da autoridade de D. Gorete. Após muito trabalho da diplomacia brasileira junto às autoridades paraguaias, José foi mandado para o Brasil e enterrado em Belo Horizonte, sem nenhuma pompa, diferentemente do que ocorrera no enterro de Pedro. Nem mesmo alguns de seus raros amigos compareceram ao seu enterro; era uma espécie de indigência velada, como velada fora sua vida. O ex-sócio nunca foi encontrado, mas imagino que deve ter sido abatido e desovado em algum lugar daquele país. Se era mesmo José Neto quem mantinha o pequeno status que Xarles ainda possuía, agora acabaria de vez. Também Xarles não terá mais que um mês de vida.

A cada dia que passava, minha mente se tornava mais efervescente à procura de notícias sobre o crime na capital mineira, e, nessa obsessão, eu acabava me perguntando: “quem matou José Neto e por que o fizeram?”

Eu arriscava várias hipóteses em todas as reportagens que fiz sobre aquele emaranhado, caso no qual ninguém conseguia achar a ponta da linha, menos ainda desvendar tamanha organização que gerava tanta confusão na cabeça dos policiais e dos repórteres que cobriam o crime na capital.

Minhas hipóteses não se concretizaram totalmente, porque José Neto não era o dono da organização, mas andei perto da verdade, já que ele era o homem que comandava toda a organização que funcionava, havia tantos anos na cidade, sem que ninguém descobrisse o tamanho de sua ramificação. Pelo menos foi o que ficou entendido após tantas

buscas jornalísticas. Mas o insucesso meu e de mais um grande número de jornalistas não significou verdadeiramente um fracasso; de alguma forma contribuímos para o desvendamento do complicado esquema.

Após dois anos de investigação policial, concluíram que José de Oliveira e Silva Neto era um grande fora da lei, mas não era dono daquela organização e, sim, “testa de ferro”. Pedro dos Anjos fora muito bem pago para segurar toda a onda do tráfico de drogas e do contrabando de milhões de dólares, em produtos que vinham de várias partes do mundo para a organização que, aparentemente, possuía como responsáveis diretos dois homens estrangeiros. Fato é que, até hoje, ninguém conseguiu saber se os dois estrangeiros eram a ponta ou o meio do grande iceberg.

Com tantos anos fazendo meu trabalho, aprendi que tais organizações são infinitas e que jamais conseguiremos, como jornalistas, ir além de hipóteses quando pesquisamos esses verdadeiros impérios. Descobrimos ainda que o desmoroamento da organização criminosa, em um país, abala apenas uma pequena porcentagem do elevado numerário pertencente a uma verdadeira sociedade anônima.

Antônio Filho e lhe contei tudo o que estava se passando com sua família e o que ocorrera em Belo Horizonte, mas ele não se abalou; mostrou que sabia de tudo e muito mais do que eu. Adiantou-me, porém, que viria ao Brasil para ver o que poderia fazer por sua mãe e por Xarles que ainda estava na prisão. Marcou dia e hora e me pediu

XXVII

ANTÔNIO FILHO CHEGA DA AMÉRICA DO NORTE

– Xarles, também seu irmão, está preso sob a suspeita de que fazia parte de uma organização denominada “Organização Pedro dos Anjos”, que movimentava milhões de dólares em Belo Horizonte e que foi uma das principais causas da investida policial nos morros da capital. O que o senhor tem a dizer sobre isto? – Também não te

Liguei para Antônio Filho e lhe contei tudo o que estava se passando com sua família e o que ocorrera em Belo Horizonte, mas ele não se abalou; mostrou que sabia de tudo e muito mais do que eu. Adiantou-me, porém, que viria ao Brasil para ver o que poderia fazer por sua mãe e por Xarles que ainda estava na prisão. Marcou dia e hora e me pediu segredo: ele tinha medo que o problema de seus irmãos o afetasse e interferisse na sua volta para os Estados Unidos. Então marcamos de nos vermos na casa de um de nossos amigos de infância, no Bairro Vera Cruz. Não fui apanhá-lo no aeroporto para evitar alguma suspeita sobre nosso relacionamento, o que poderia até gerar notícias maldosas contra mim, como jornalista, e contra ele, por ser irmão de Xarles e de José Neto.

Dia e hora marcados e lá estávamos nós para uma longa entrevista. O único pedido de Antônio foi que eu só publicasse aquela entrevista após sua partida para os Estados Unidos, o que ocorreu. A entrevista foi assim transcrita para o Jornal onde eu trabalhava:

– Senhor Antônio, o que o senhor tem a dizer de tudo o que ocorreu com seus irmãos Xarles e José de Oliveira Neto?

– Não tenho condições de lhe explicar estes acontecimentos, Sr. Francisco, uma vez que moro nos Estados Unidos há muitos anos.

– O senhor tinha conhecimento sobre as ações criminosas praticadas por José Neto, em Belo Horizonte?

– Não. Depois que fui para os Estados Unidos, nunca mais vi meu irmão José, e só tenho a lamentar sobre esses acontecimentos.

– Xarles, também seu irmão, está preso sob a suspeita de que fazia parte de uma organização denominada “Organização Pedro dos Anjos”, que movimentava milhões de dólares em Belo Horizonte e que foi uma das principais causas da investida policial nos morros da capital. O que o senhor tem a dizer sobre isto?

– Também não tenho nada a dizer, senhor Francisco. Minha mãe sempre me contava, quando eu telefonava para ela, que Xarles era um

usuário de drogas e que sua personalidade já estava quase deteriorada por causa de tanto consumo. Vim a BH para ver o que posso fazer por ele e por minha mãe que também anda muito doente. Mas agora tenho mais um problema, tenho que ver como fazer para que Xarles seja libertado da prisão e possa tentar um tratamento em alguma instituição de saúde na capital. Agora as coisas se complicaram bastante: minha mãe doente, Xarles já quase em fim de vida com o uso das drogas, e nós, eu e Marina, tão longe! Queremos ajudar, mas não será fácil fazê-lo. Quanto a Maria, a minha irmã caçula, ainda não sei como ela está, mas quero crer que esteja bem, seu casamento, felizmente, está legal.

– Você pretende levar sua mãe e seu irmão Xarles para os Estados Unidos?

– Não, de forma nenhuma. Eles estão muito doentes e o que precisam é de tratamento. É o que pretendemos fazer por eles, mas aqui.

– O José Neto era também um dos donos da Organização Pedro dos Anjos?

– Não sei do que o caro jornalista está falando, não tenho conhecimento de nada quanto ao que José andou fazendo nesses anos em que não mais nos encontramos. Quanto ao Xarles, eu sei que ele é um doente que precisa ser tratado, é dependente químico faz muito tempo, mas, infelizmente, ninguém fez nada por ele; os traficantes só queriam ganhar seu dinheiro. Fiquei sabendo que minha mãe, para livrá-lo da morte, andou lhe entregando boa parte do dinheiro que eu e Marina mandávamos; ele entregava tudo aos traficantes. Dizia que assim agia, porque eles ameaçavam de sequestro e de martírio nossa própria mãe.

– O senhor já fez parte de alguma organização criminosa ou apoiou alguma delas, Sr. Antônio?”

Antônio nem bem me deixou terminar esta pergunta e pegou em minha garganta com tanta força que fiquei vários dias com hematomas feitos pelos seus dedos quase felinos, naquele momento. Na verdade, eu queria mesmo era ampliar minha reportagem e dar a ele uma chance de

explicar sua posição quanto àquela confusão preparada por sua família, ou melhor, por sua mãe e por seus dois irmãos Xarles e José Neto. Mas reconheci, embora tarde, que não deveria ter feito aquela pergunta a um homem já ferido em seu orgulho por tantas ilicitudes praticadas por seus familiares. “Com mais este pecado, perdi um de meus melhores amigos de infância e de adolescência”, pensei. Mas minha “navalhada” ainda teve conserto, pois pedi desculpas e contei a ele da minha obsessão por dar notícias e ele compreendeu. Na verdade não deveria ter entrevistado Antônio Filho; eu sabia que ele não acrescentaria nada ao meu trabalho, mas minha fome por material jornalístico era muito grande. Acho mesmo que desrespeitei meu amigo.

Logo depois daquela minha pixonada, reiterei minha hospitalidade e ele até aceitou passar um dia em minha casa. À noite, quando conversávamos sobre nossa história, nossa família e outras coisas de nossas vidas, ele fitou bem os olhos em meu pescoço e mostrou-se transtornado com o que havia feito em mim, pedindo-me desculpas, várias vezes. “Você sabe como é, Francisco, minha vida não anda muito bem: o Xarles consumindo drogas há tanto tempo, e o José morto por homens de rosto encoberto – isso me dá medo, esses caras podem nos matar a todos. Minha mãe está sem proteção, morando sozinha, esperando que Xarles melhore, mas é isto que ela espera há muitos anos. Meu trabalho e minha vida são nos Estados Unidos e não posso proteger ninguém. Marina agora vai se casar com um americano e tudo vai ficar mais difícil. Você me desculpe de novo, cara!” Respondi que não havia nada a desculpar, uma vez que a provocação surgira de mim, com aquelas minhas perguntas.

Tarde da noite, Antônio se levantou e deu várias voltas dentro de casa e, finalmente, bateu à porta de meu quarto. Perguntei se havia algum problema e ele disse que sim, que precisava falar de novo comigo sobre aquelas histórias que se passavam com sua família. Eu levantei imediatamente, mas tive medo de Antônio ter um novo ataque de raiva e me molestar, mas seu rosto já não expressava mais o mesmo ódio

que demonstrara naquele momento da entrevista. Então iniciamos uma nova conversa e, desta vez, ele foi espontâneo.

– Pois é, Francisco, não teria sentido eu voltar para os Estados Unidos sem conversar direito com você; sei que vocês jornalistas perdem a compostura e a consideração pelas pessoas quando o assunto é dar furos de reportagens; sei que vocês não são éticos quando querem atingir um resultado, mas, sente-se aí, que vou lhe dizer algumas outras coisas que sei referente à história dos meus irmãos.

– É e não é, Antônio. Aquilo que ocorreu ontem entre nós dois talvez seja a exceção e não a regra.

– Olha aqui, ô cara, se for para você ficar nesta lengalenga eu paro por aqui. Você pensa que todas as pessoas são bobas? Jornalista faz de tudo para cumprir suas tarefas e não leva em conta que os outros também são humanos. Vocês contam mentiras utilizando nomes alheios, eu sei bem como vocês são. Mas me arranje um copo d'água para beber este calmante já, pois estou de novo perdendo a linha.

– Ô, Antônio, desculpe-me de novo, eu não sabia que você está tendo problemas de saúde. Se não quiser me dizer mais nada, não precisa.

– Agora a obsessão é minha e não posso mais voltar e levar esta droga de história sem falar com alguém. Depois de conversarmos, você pode fazer o que quiser com minha história. Eu vou embora e pretendo não mais voltar a este lugar; aqui no Brasil só tive problemas até o dia em que fui embora.

– Se é assim, Antônio, pode começar, diga o que quiser; eu mesmo vou filtrar tudo para não comprometer sua família.

– Minha vida e a de todos de minha família você já conhece: minha mãe foi muito espertalhona para se casar com meu pai; ela sempre nos rejeitou e superprotegeu Xarles, transformando-o em príncipe. Depois de cultivar nele toda aquela história de uma espécie de sucesso futurista, passou a não mais compreender o mundo sem as benesses que achava que Xarles ia lhe proporcionar, mas se esqueceu de educá-lo. Ao contrá-

rio, transformou-o em um jovem arrogante que nunca soube lidar com as frustrações que a vida nos impõe no dia a dia. Então ele começou a entender que era dono do mundo, se transformando neste Frankstain que você conhece bem. A partir daí, nossa vida que já era terrível, se complicou mais ainda. A morte de meu pai foi o ápice de nossa desgraça. Ele nos ensinou o que é moral, nos ensinou o que é dignidade humana, mas nossa mãe ensinou a Xarles que o mundo era todo dele. Tudo que não desejou para nós, os outros filhos, desejou para Xarles, e, com isto, inundou-o de seus desejos. Porém, ele implodiu na hora de dar resposta ao mundo, na hora de dizer a que veio. Mas sobre este assunto já até lhe falei e é melhor passarmos ao que interessa, senão sairemos daqui amanhã de manhã e ainda será pouco.

– À hora que você quiser, pode começar, Antônio.

– Você conheceu o José e sabe que ele nunca foi chegado a nenhum familiar; o José sempre gostou de inventar coisas para dar resposta a seus sonhos malucos, sempre quis dominar o mundo, isto é o que ele dizia. O sonho dele era ser dono de uma grande organização, mas nunca foi chegado a estudos nem às relações com as pessoas; ele se negava a respeitar qualquer pessoa, mas nunca desistiu de procurar um líder fora de casa. Meu pai lhe disse, várias vezes, que filho devia seguir os exemplos dos pais, mas ele nunca engoliu nossa própria história; falava que nossa mãe havia enganado nosso pai, por isso não merecendo seu respeito: “Não vou desrespeitá-la, mas vou sair de casa e procurar o que fazer, alguma coisa que pareça comigo. Esta família não me pertence, eu não pertencço a ela também, e no dia em que eu desaparecer, espero não mais voltar aqui”, é o que ele nos dizia todos os dias. Minha mãe foi se aborrecendo com aquelas falas, até que um dia o expulsou de casa. Disse-lhe que, de fato, ele não tinha nada a ver com nossa família, e ele foi embora, não retornando mais.

José Neto foi para a casa de um de seus amigos e ali começou uma caminhada que acabou em sua morte. Ambos passaram a comprar pe-

ças de carro roubadas e a revendê-las; o negócio deu muito dinheiro porque compravam aquelas mercadorias muito baratas, revendendo-as a bom preço. Com o passar do tempo foram engendrando coisas maiores e chegaram a contrabandear produtos estrangeiros para vender nos comércios ilegais de Belo Horizonte. Eles continuaram tendo grandes lucros e não mais pararam. Mais tarde apareceram dois homens estrangeiros e fizeram uma proposta para que ambos deixassem seus próprios negócios e administrassem uma rede de contrabando que eles possuíam no Brasil, além de um grande comércio de drogas que eles pretendiam introduzir no país, começando por Minas Gerais. As drogas viriam camufladas em mercadorias legais, para que eles não corressem o risco de serem apanhados pela polícia, e assim fizeram José Neto e seu comparsa de quem jamais soubemos o nome. Encantaram-se com a proposta e abandonaram seus negócios, passando a controlar toda a rede de contrabando e venda de drogas da empresa que, ao lado de produtos legais, passavam as mercadorias, vamos dizer assim, sujas, para serem revendidas em Belo Horizonte. O negócio foi crescendo, chegando a atingir, de forma organizada, mais seis capitais do país. A intenção dos ditos empresários era chegar a comercializar seus produtos em todo o país, mas, com aquela mobilização da polícia mineira contra a organização e mais umas outras que também cresciam na região, o negócio foi por água abaixo. O negócio do José e de seu companheiro. Porque os negócios dos chefões jamais se desmoronariam, eles criaram uma organização internacional. José sabia que, em caso de ruir o território que ele administrava, perderia sua cabeça. Seu colega também morreu naquele dia, mas isso não foi noticiado porque ninguém encontrou seu corpo, o único a ser encontrado foi o de José; o outro talvez tenha sido jogado sei lá aonde. Certo é que seu corpo nunca apareceu.

– Como você soube de tudo isto, Antônio?

– Mãe nunca se engana e minha mãe andava desconfiada com os trambiques do José. Então, ela ligou de um telefone secreto para falar

com ele, ocasião em que José explicou todo o seu plano de vida, mas, segundo disse, ele falava em tom de desabafo, desaforo, sabe? Queria mostrar a ela sua capacidade de vencer longe de casa. Ele não mais a ajudava financeiramente, por isso ela passou daquela vida de classe média boa para a pobreza que você conheceu. Outra coisa que nunca engoli foi o fato de minha mãe aceitar ajuda de José, sabendo que seu dinheiro era mais sujo que galinheiro; isso me revoltava e muito. Ela manteve Xarles sob sua proteção, conforme já lhe falei, dando a ele o dinheiro de que precisava para entregar aos traficantes; depois começou a rechaçar Xarles quando ele deixou de ser a esperança de status para ela. Mais tarde aceitou o dinheiro de José e, com tudo isso, posso dizer que minha mãe não tem mesmo é juízo e nem escrúpulo. Agora vou ajudá-la e vou tentar ajudar Xarles, e espero que ele aceite.

– Mas, e Xarles, que história é esta de ele pertencer àquela organização?

– A história de Xarles é outro rolo: quando o José fez aquele contrato com os empresários internacionais, exigiu que eles dessem proteção ao nosso irmão, mas, para pessoas do porte de seus patrões, Xarles não passava de uma formiguinha. Então eles disseram: “Vamos arrumar a tal proteção para seu irmão, mas você vai se comprometer de não nos perguntar como ele terá esta proteção. É só proteção e pronto!” Talvez por isso Xarles até hoje não tenha morrido; às vezes uma organização respeita a outra. Foi o que aconteceu. Na verdade, Xarles já não vale mais nada pra eles nem pra nenhum traficante; se valesse, já o tinham apagado. Assim, não sei o porquê de a polícia tê-lo preso agora.

– Oh, me desculpe, Antônio, eu, como jornalista, sou obrigado a lhe perguntar de novo: você faz parte de alguma dessas organizações?

Antônio ficou branco, avermelhou, ficou roxo e me fez ironicamente outra pergunta em vez de responder à minha:

– E o senhor faz parte ou já fez parte de alguma organização criminosa, Sr. jornalista Francisco?

– Aqui sou eu o jornalista, Antônio, e você me desculpe de novo. Eu preciso perguntar, senão não posso trabalhar; eu trabalho fazendo perguntas.

Antônio ameaçou retirar-se e eu finquei pé em não responder à sua curiosidade, sua raiva, sei lá.

– Tá, tá, tá, disse ele, pergunta vai!

– Já lhe perguntei, Antônio, pode responder se quiser, mas se não quiser deixemos isto pra lá – eu disse.

Antônio não poderia deixar de responder à minha pergunta, uma vez que isto poderia colocá-lo numa posição incômoda, de suspeito. Ele até poderia suspeitar de mim também, porque não respondi ao que me indagou, mas o fato é que, como jornalista, eu não deveria mesmo responder a pergunta nenhuma, a menos que quisesse correr o risco de deixá-lo virar o jogo.

Achei que Antônio sabia de tanta coisa que era difícil não suspeitar que ele pertencesse a alguma organização daquelas.

– Nunca, Francisco, nunca. Do que participo sempre é do sofrimento de minha família; ela não merece tanto, mas sofro assim mesmo. Afinal, sou filho de Gorete e de Antônio de Oliveira e Silva. Preciso homenagear aquele homem de quem herdei o nome. Eu preciso fazer isso, sob pena de não merecer a vida que ainda tenho. Espero que os bandidos não se vinguem de meus irmãos nos matando a todos!

No dia seguinte, Antônio saiu bem cedo e foi procurar uma instituição para internar Xarles. Das três indicadas por um de seus amigos que também havia enfrentado problemas parecidos com os de sua família, deveria escolher uma para deixar o irmão. Voltou à tarde para minha casa e pediu desculpas por pernoitar lá novamente, dizendo que estava me dando muito trabalho, ao que respondi ser um prazer ajudar. Afinal havia passado a hora de jornalista, agora era hora de amigos de infância e de adolescência.

Ao voltar, Antônio estava animado com o que viu e que ouviu dos dirigentes da instituição; entendeu que Xarles e sua mãe poderiam se dar bem desta vez, mas não escondia o medo de ser abatido por alguém que nem sabia quem poderia ser, algum bandido que agisse na surdina. No dia seguinte foi ao presídio onde estava Xarles e tratou de levar um advogado indicado por mim. Depois de muitas explicações, retiraram Xarles da prisão com a promessa dele de que aceitaria ir direto para a casa de saúde, onde Antônio estivera no dia anterior e contratado os serviços para o tratamento do irmão e da mãe.

Mas aquilo tudo esbarraria, com certeza, em um grande problema: como Antônio deixaria o irmão e a mãe em um lugar onde não havia nenhuma proteção especial para pessoas, como eles, que tinham ligações de parentesco diretas com José, o encarregado de tão importantes negócios de homens supostamente muito maus e que ninguém sabia quem eram? Será que ninguém os mataria lá? O próprio Xarles, embora doente e sem força moral para causar danos a quem quer que fosse, tinha seu rabo preso com grupos de traficantes; ele fora jurado de morte por alguns maloqueiros da Favela do Taquaril.

Embora querendo exercer minha função de jornalista com imparcialidade, eu tinha mesmo ligação afetiva com aquela família e fiquei preocupado com o que poderia acontecer a Gorete e Xarles naquela clínica. Então chamei Antônio e sugeri que pegasse sua mãe e seu irmão e os levasse para uma clínica longe dali e que não desse nenhuma pista para ninguém. Só assim poderiam receber o tratamento sem perigo de serem mortos por mãos criminosas. E ele contratou logo o serviço de um taxista amigo meu e os levou para uma cidade no interior de São Paulo.

Depois de tanto problema com Antônio por causa de minhas perguntas como repórter, ele se acalmou e passou a confiar de novo em mim. Então me coloquei à sua disposição para fazer visitas periódicas aos seus familiares, durante o tempo que permanecessem em tratamen-

to. E de fato fiquei indo e vindo para o interior de São Paulo, durante seis meses, tempo suficiente para sabermos se o tratamento estava no rumo certo.

Dona Gorete se comportou como uma paciente, no sentido exato da palavra, e Xarles passou a receber doses de drogas lícitas ministradas pelos médicos, visando à sua desintoxicação. Mas ele urrava como um leão quando seu organismo sentia falta das substâncias das quais era dependente. Uma enfermeira chamada Mariângela, de quem fiquei amigo durante aquelas visitas, me contou que Xarles ficava tão agressivo que, mesmo com sua fragilidade física, precisava de três ou quatro pessoas para ser contido. Ao final de um ano de tratamento, os dois foram retirados da clínica e levados para os Estados Unidos. Para Dona Gorete foi mais fácil a entrada naquele país, uma vez que Antônio adquiriu cidadania americana, mas Xarles teve muita dificuldade. Vivia uma situação ilegal, o que lhe impedia a retirada de passaporte. Porém, conseguimos-lhe um bom advogado e adquirimos o documento. Afinal, Xarles conseguiu entrar nos Estados Unidos com visto de turista e nunca mais voltou para o Brasil, enquanto D. Gorete faleceu três anos após sua partida. Contou-me Antônio que ela estranhou muito a vida naquele país e mergulhou novamente em uma grande depressão, o que gerou nela outras doenças, mas a que deu fim à sua vida foi uma leucemia fulminante. Cinco anos mais tarde, Antônio Filho confidenciou-me que Xarles havia sido preso nos Estados Unidos por ter sido inscrito na INTERPOL, quando seu nome aparecera na lista da Polícia Federal como sócio proprietário da grande engrenagem criada supostamente por Pedro dos Anjos, com o apoio de José Neto, mas este fato nunca foi confirmado, tampouco desmentido totalmente.

José cresceu e morreu como uma incógnita. É importante lembrarmos que, apesar de todas as hipóteses a respeito das grandes organizações criminosas das quais participaram José Neto e Pedro dos Anjos, nunca ninguém soube de quase nada sobre o verdadeiro funcionamen-

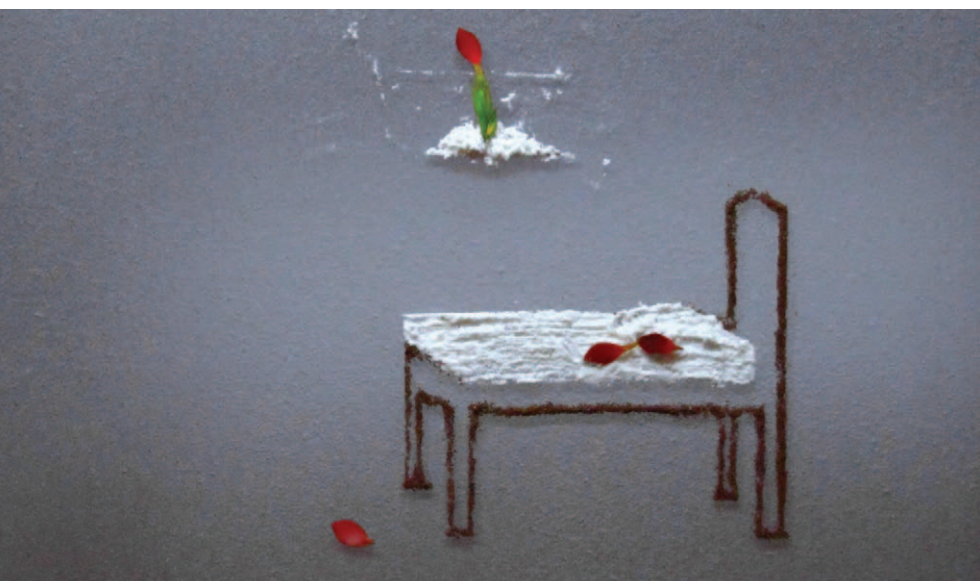
to daquela parafernália que só gerou muita confusão e sofrimento para muitos e sonhos para outros, como eu mesmo sonhei por longas noites em que meu sono cedia lugar às obsessões jornalísticas.

Os nomes dos estrangeiros, aqui tantas vezes objeto de nossas hipóteses, nunca foram identificados, pelo menos por mim ou por quaisquer jornalistas que eu tenha conhecido no exercício de minha função. Xarles ficou apenas alguns meses na prisão carcerária dos Estados Unidos, mas arrumou para si uma prisão perpétua ao se associar ao tráfico e ao usar tantas drogas, e, por isso, até hoje vive tipo meio pedra meio tijolo. Sua saúde melhorou um pouco, após os muitos cuidados recebidos por parte de Antônio e de Marina, mas sua inteligência se tornou ainda mais curta por causa dos efeitos nocivos das drogas. Marina mantém seu casamento estável apesar de, ao longo do tempo em que ajudou a cuidar da mãe e de Xarles, ter experimentado grandes conflitos com seu esposo. Eles são pais de dois filhos. Antônio Filho namorava uma moça que entrara ilegalmente nos Estados Unidos, e, por coincidência, trazia o nome Silva – Elizabeth Moreira e Silva. Até hoje ele não se casou, porque pensa que o casamento poderá lhe trazer as mesmas decepções que trouxera para seus pais, especialmente para seu pai. Maria continua morando em Governador Valadares e se comunica frequentemente com os irmãos nos Estados Unidos. Ela e o esposo Wanderley já foram à América do Norte por várias vezes em visita aos irmãos.













a situação já quase tomando nova e definitiva ação, decidi ir ao Sul para fazer minha última viagem com Júlia, Paulo Gomes e Charles Júnior. Ao chegar pelo casal, numa casa bonita, num bairro bom. Após uma longa conversa, me convidaram para o jantar, em seguida, para pernoitar na residência da

XXVIII

MINHA VIAGEM AO SUL DO BRASIL

“Sou uma pessoa feliz e devo isto à minha mãe, minha fibra, e ao meu padrasto Paulo; eles trabalham muito e sempre falam que o principal objetivo é investir em nossa formação. Querem que sejamos mais tranquilos, com uma vida mais estável que a deles, quando formos adultos. Tudo que quero nesta vida é ver quebrada a cadeia

Com a situação já quase tomando nova e definitiva configuração, decidi ir ao Sul para fazer minha última entrevista com Júlia, Paulo Gomes e Charles Júnior. Ao chegar, fui recebido pelo casal, numa casa bonita, num bairro de classe média. Após uma longa conversa, me convidaram para o jantar e, em seguida, para pernoitar na residência da família. Um outro filho do casal, meio irmão de Charles, estava em casa, quando cheguei e realizava sua tarefa escolar; mostrou-se polido, me cumprimentou de forma educada e, mais tarde, participou do jantar em família. Pouco depois, chegou Charles Júnior, assim nos acompanhando naquele jantar; viera dirigindo um carro usado, porém em bom estado. Trajava roupas modernas, porém singelas, e, ao entrar na sala de jantar, me cumprimentou como se fosse meu conhecido. Mais tarde, disse-me que, por várias vezes, ouvira falar sobre mim e sobre meu trabalho. Eu também disse que sempre ouvia alguém falar sobre ele e de suas boas ações. Falei de minha emoção vendo-o tão bem como estava. Charles agradeceu minha fala, pediu licença e foi se preparar para o jantar. A princípio, achei-o um pouco frio, pois não perguntou pelo pai nem por ninguém da família paterna, mas, no dia seguinte, me pediu tempo para conversar e então quis saber coisas sobre o pai e os tios. Também pediu para eu falar mais especificamente sobre seu tio José Neto e sobre a morte de sua avó Gorete. “Ela gostava de me chamar de príncipe e dizia que eu seria o orgulho de meu pai”, lembrou. Charles Júnior disse que estava com esperança de poder ajudar o pai, no intuito de que ele continuasse o tratamento de saúde na clínica americana, considerada por ele como muito onerosa.

“Sou uma pessoa feliz e devo isto à minha mãe, mulher de fibra, e ao meu padrasto Paulo; eles trabalham muito e sempre falam que o principal objetivo é investir em nossa formação. Querem que sejamos mais tranquilos, com uma vida mais estável que a deles, quando formos adultos. Tudo que quero nesta vida é ver quebrada a cadeia de coisas

ruins que vêm dos meus avós e que já ameaçam minha geração. Alguém precisa mesmo interromper essa corrente maléfica que vem assolando a vida da família Oliveira e Silva. Minha mãe e meu padrasto estão conseguindo fazer isto, pelo menos em nossa família, nós quatro, e este é mais um motivo para que eu os admire. Paulo sempre me tratou como filho e tenho muito orgulho dele; inclusive ele sempre fala que vai me apoiar no objetivo de ajudar meu pai, buscar uma vida melhor para ele”. E completa: “Atualmente tenho mais capacidade para reconhecer o valor do tio Antônio e da Tia Marina – eles foram e estão sendo muito importantes para meu pai e eu tenho conhecimento de que fazem quase o impossível, ajudando-o, todo o tempo. Sei que meu pai nunca vai ter a saúde que teve na juventude, mas agora o que interessa é a sua qualidade de vida”.

Com vinte anos de idade, Charles Júnior cursava o segundo ano do curso de Direito, morava com sua família constituída por Júlia, Paulo Gomes, ele e seu irmão Wiliam, de onze anos. Na oportunidade daquela visita, eu soube que no começo não foi fácil para Júlia e Paulo, mas que, após muito trabalho e dedicação, acabaram construindo uma vida confortável, tinham apenas os problemas normais de uma família. Possuíam, inclusive, um jeito peculiar de solucionar seus problemas, sempre procurando agir de modo consensual.

Charles compareceria à cerimônia e fiquei muito
ndo reencontá-lo, após muitos anos. Também
fato de saber que Antônio e Marina vieram ao
daquela vez, eu não teria mais necessidade de
guém da família Oliveira e Silva. A reportagem
Charles Júnior, sua luta e sua vitória, eu não quis

XXIX

CHARLES JÚNIOR
DESPONTA
PARA A VIDA
PROFISSIONAL

Ao final de seu discurso, vi correr dos olhos de An
uma lágrima que denunciava as lembranças
desagradáveis que vinham à sua mente naquele
Maria também parecia emocionada, mas limitou-
bater palmas e a despirar para não chorar; quan
Charles Júnior homenageou seus avós, Marina o e

Voltei ao sul do Brasil para a formatura de Charles Júnior, em Direito, pela Universidade Federal do Paraná. Àquela altura, as coisas haviam tomado um rumo definitivo.

Soube que Xarles compareceria à cerimônia e fiquei muito feliz, imaginando reencontá-lo, após muitos anos. Também me alegrou o fato de saber que Antônio e Marina vieram ao Brasil e, daquela vez, eu não teria mais necessidade de entrevistar ninguém da família Oliveira e Silva. A reportagem sobre Charles Júnior, sua luta e sua vitória, eu não quis realizar – pedi a um colega jornalista do meu jornal para fazê-lo. Preferi ficar livre e, daquela vez, não houve nenhum momento de tensão entre mim e Antônio, nem com mais ninguém de sua família. A infelicidade me chegou, mas foi por descobrir que Xarles não viera para coroar o esforço do filho. Conforme Antônio dissera, Xarles estava bem melhor de sua saúde, mas alegou que não se sentiria bem na festa de formatura de Charles Júnior. Entendia que iria passar vergonha em seu filho, não se achando digno de comparecer e colher frutos de árvore que não havia plantado, mas mandou um bilhete para o filho explicando os motivos da sua ausência. Pela caligrafia, percebia-se que suas mãos estavam um pouco trêmulas, e a forma como colocava o assunto no papel evidenciava seu estado depressivo do qual Antônio já havia falado, mas suas metas davam a entender que ainda havia alguns recursos internos para melhorar um pouco mais sua saúde mental. As sequelas de seu corpo e de sua mente eram irreversíveis, mas Antônio não se dispôs a se aprofundar muito nesse assunto.

Charles Júnior acabava de dar um passo importante para sua auto-realização, e, para tão importante ocasião, sua mãe e seu padrasto receberam parentes e amigos com formalidade, porém com a simplicidade de sempre. Em seu discurso como orador da turma, Charles Júnior destacou a importância da família na estruturação do ser humano, frisando que os obstáculos do cotidiano familiar nunca devem ser a causa para o jovem deixar de lutar por um futuro melhor.

Ao final de seu discurso, vi correr dos olhos de Antônio uma lágrima que denunciava as lembranças desagradáveis que vinham à sua mente naquele instante. Maria também parecia emocionada, mas limitou-se a bater palmas e a despistar para não chorar; quando Charles Júnior homenageou seus avós, Marina o elogiou e disse ao esposo que ele se despontava para um futuro jamais visto, em toda a existência da família. Maria o aplaudiu de pé por longo tempo, em reconhecimento pela homenagem que ele prestou aos avós.

Ao ver tantas manifestações, notadamente de Maria, imaginei que o seu entusiasmo estava relacionado à sua identificação com D. Gorete. Antônio, naquele momento, apresentava um misto de choro e de prazer por ver o sobrinho realizando aquilo que deveria ter sido realizado por Xarles, o pai. Ao receber o diploma do curso, Charles aproximou-se de Paulo Gomes e de Júlia, pediu o microfone e o ofereceu a eles como homenagem à fibra com que eles tocaram a vida. “A vitória é minha, reconheço, mas confesso que metade dela pertence a vocês, minha caminhada só foi possível devido ao desprendimento de ambos”, disse.

Também eu me senti verdadeiramente emocionado por ver que ali estava a prova de que aquele efeito cascata, de tantos desencantos, poderia, de fato, ser interrompido, que Charles Júnior anunciava o princípio de um novo tempo para a família Oliveira e Silva. E de uma coisa jamais me esqueci: da força de Júlia, realmente uma mulher de fibra, determinada, que deu a volta por cima e, ao lado de seu bem amado Paulo, ajudou na realização do grande sonho do menino Charles: “o Príncipe de Xarles”.

Alguns dias depois, Antônio me telefonou dos Estados Unidos e falou da reação de Xarles ao ver as fotos e o filme da formatura do filho. Disse-me que, silenciosamente, ele olhou uma a uma as fotos e depois assistiu ao filme. No final, soluçou e disse: “Ele é mesmo um príncipe!”, e acrescentou: “Obrigado, meu filho, por tudo que fez”.

Eu, há muito, concluíra meus trabalhos jornalísticos com aquela família, mas considero que ali encerrei uma caminhada que pôs fim à

minha obsessão por conhecer e compreender algo tão complicado quanto se tornara a família Oliveira e Silva.

Terminadas as atividades da formatura de Charles, tomei o avião de volta a Belo Horizonte e me desliguei do mundo lá de fora, conectando-me apenas ao vasto conteúdo que ficara gravado em minha mente. Pus-me a fazer extensos relatos para mim mesmo do acompanhamento que eu mantivera por tantos anos à vida de Xarles: casamento; rejeição; idealização; decepção; desejos para serem cumpridos por outrem; domínio; identificação; liderança do mundo do tráfico; impotência; ilusão; ilicitudes; envolvimento pelo dinheiro; ambição desordenada... e mais uma infinidade de coisas que até hoje se desenrolam em minha mente, constituindo-se em um verdadeiro filme de uma fase importante da minha história pregressa.

Chego a pensar que Xarles pode ter sido o que de pior D. Gorete recebera da vida; pode ter sido a negação de sua idealização, mas descobri também que o caminho de Xarles pode ser o caminho de qualquer menino, bastando para isto que os desejos familiares suplantem a capacidade responsiva da pessoa. Os sonhos podem ser saudáveis, podendo também cegar os sonhadores.

Tenho forte tendência a dizer que Xarles de Oliveira e Silva foi mesmo vítima dos sonhos de sua família. Não me importa o que pensarem do que estou dizendo, minha mente é que insiste em falar assim.

Xarles de Oliveira e Silva continua sendo um morto vivo, mas seu renascimento se fez verdadeiramente em Charles Júnior.

adversidade da vida, Júlia fez acontecer. Menina
hos bonitos e salientes, corpo pequeno, com a
ue a fizera se dar inteira a Xarles, crescera até
a essência da mulher. Equilibrara-se Júlia, por
sobre a corda bamba para, mais tarde, atingir
da mulher-mãe deseja: marido amoroso, filhos

XXX JÚLIA RENASCENTE

amoroso, filhos aplicados, posição socioeconômica
privilegiada, segurança e tudo mais que a transfo
uma mulher sem aquele medo que tivera de ser
novo no lixo da vida, como fora outrora por Xarle
agora Júlia desfruta da mais cristalina vivência a
seu bem amado Paulo Gomes e de seus dois filh

Driblando a adversidade da vida, Júlia fez acontecer. Menina morena, de olhos bonitos e salientes, corpo pequeno, com a inocência que a fizera se dar inteira a Xarles, crescera até atingir o ápice da essência da mulher. Equilibrara-se Júlia, por algum tempo, sobre a corda bamba para, mais tarde, atingir tudo que toda mulher-mãe deseja: marido amoroso, filhos aplicados, posição socioeconômica privilegiada, segurança e tudo mais que a transformou em uma mulher sem aquele medo que tivera de ser jogada de novo no lixo da vida, como fora outrora por Xarles. Mas agora Júlia desfruta da mais cristalina vivência ao lado de seu bem amado Paulo Gomes e de seus dois filhos.

Júlia nascera do ventre, / Júlia renascera das cinzas, / De Júlia brotou o amor que / em seu ventre guardou. / De Júlia ceifada / brotou um pequeno galho, / de onde nascera uma flor, / que virou fruto do amor. / Júlia encontrara o caminho, / amadurecida colhe seus frutos. / Júlia vive seu

PENSAMENTOS

PARA

JÚLIA

Júlia vive seu reinado, / ao lado de seu bem amado. / Júlia menina, / Júlia adolescente, / Júlia descrente, / Júlia crescente, / Júlia sábia, / Júlia amorosa, / Júlia bondosa, / Penada, / Honrosa, / Mal amada, / Bem amada, / Delicada, / Júlia árvore, / Júlia flor do hoje e do amanhã. / Júlia fruto e semente, / que gerou o amor ardente.

Júlia nascera do ventre,
Júlia renascera das cinzas,
De Júlia brotou o amor que
em seu ventre guardou.

De Júlia ceifada
brotou um pequeno galho,
de onde nascera uma flor,
que virou fruto do amor.

Júlia encontrara o caminho,
amadurecida colhe seus frutos.
Júlia vive seu reinado,
ao lado de seu bem amado.

Júlia menina,
Júlia adolescente,
Júlia descrente,
Júlia crescente,
Júlia sábia,
Júlia amorosa,
Júlia bondosa,
Penada,
Honrosa,
Mal amada,
Bem amada,
Delicada,
Júlia árvore,
Júlia flor do hoje
e do amanhã.
Júlia fruto e semente,
que gerou o amor ardente.
Júlia...

Que venha ao mundo / com um novo jeito de nascer.
Que lhe tragam ao mundo / com um novo jeito de
ser. / Que em torno de você / tenha nova matriz
social, / que seu jeito de chegar / seja tudo, menos
um mal. / Que em função de sua chegada / haja
uma mobilização. / Que não haja omissão, / nem

POEMA PARA QUEM VAI NASCER

Que em função de sua chegada / haja uma
mobilização. / Que não haja omissão, / nem mes-
ta ação. / Que sejam apenas medianos e / pa-
ra estejam disponíveis; / que lhe deem o necessário
sem tentarem o impossível. / Nem príncipe, nem
rei. / Que seja apenas uma pessoa, / que viva e descubra

Que venha ao mundo
com um novo jeito de nascer.
Que lhe tragam ao mundo
com um novo jeito de ser.
Que em torno de você
tenha nova matriz social,
que seu jeito de chegar
seja tudo, menos um mal.
Que em função de sua chegada
haja uma mobilização.
Que não haja omissão,
nem mesmo tanta ação.
Que sejam apenas medianos e
para você estejam disponíveis;
que lhe deem o necessário,
sem tentarem o impossível.
Nem príncipe, nem rei!
Que seja apenas uma pessoa,
que viva e descubra
uma vida que seja boa.

Marília Macedo Klotz
Psicóloga - Psicanalista

Em tempos, onde a estruturação subjetiva está tão comprometida e as questões familiares cada vez mais polemizadas, ler “Xarles, o príncipe” é um presente para uma reflexão sobre o assunto. Não poderia ser diferente vindo de quem veio. Jason, pessoa extremamente humana, comprometida e reflexiva, nos permite, através de sua obra, passear de forma romaneada sobre essas questões sempre em pauta para quem, digamos, “se liga no outro”, ou seja, de quem leva o outro na sua maior conta. É assim que este livro nos conduz ao mundo invisível, inconsciente, mas determinante para a constituição daquilo que chamamos ser humano.

Várias são as formas de abordar as questões temáticas e presentes nessa obra. Uma delas é a maneira como um sujeito se torna verdadeiramente sujeito humano, desejante e responsável pelo seu destino. Outra é a forma como isso acontece, ou seja, que elementos estão envolvidos nessa constituição. Outra, ainda, é a contribuição da família na origem da subjetividade, sua estruturação cultural e os efeitos sociais decorrentes. Enfim, entre tantos aspectos existe mais um que tem relação com o personagem Francisco, o narrador da história e com suas identificações inconscientes. Pode-se pensar que sua obsessão e proximidade à família Oliveira e Silva não era mero acaso. Havia uma determinação inconsciente, ou uma sobredeterminação, como queiram, por parte de Francisco, que enquanto não buscasse sua elaboração e satisfação pulsional não permitiria a si mesmo uma vida tranquila e sem pesadelos. A maneira como o jornalista descreve e percebe as vivências dos personagens envolvidos na trama, os diferentes interesses pessoais em jogo incitando sentimentos de rivalidade, admiração, inveja, compaixão, entre outros, a sua inclusão atravessada na história de Xarles e seus ideais de transgressão reprimidos, demonstram o porquê de seu determinismo em acompanhar

a trajetória daquela família, em especial de Xarles. Mais do que ter uma grande história e se tornar um bom profissional, a verdade estava em pagar imaginariamente uma dívida simbólica de seu pai, o grande fazendeiro mineiro. Em toda narrativa percebe-se como Francisco se sente constrangido pelo fato de pensar que seu querido pai possa ter sido, em parte, responsável pelo destino da família Oliveira e Silva. Fica claro que sua condição de vida, socialmente e pessoalmente privilegiada, faz dele um devedor eterno na busca incansável de entender e saldar essa dívida, reparando assim as injustiças sociais de uma cultura de desigualdades. Foi através de seu incômodo com as diferenças sociais desde cedo percebidas entre as famílias dos fazendeiros, onde estava incluído, e as demais, que sua obstinação apareceu. Uma obstinação, cujo objetivo não era apagar as diferenças com algum ato de sua parte, mas de testemunhar os efeitos e a consequente resultante desse fato social. Isso posto, acompanhar a trajetória da família Oliveira e Silva, em especial do menino Xarles, coloca Francisco num duplo lugar, ou melhor, de expectador e de ator do seu próprio destino, tanto quanto o da família observada.

Francisco, na maior parte da apresentação e descrição de seus observados e entrevistados não lhes dedica nenhum elogio e, nem a si mesmo. São todos uns sujeitinhos de merda, homens de meia tijela que ainda não se tornaram gente. Mas, como sabemos, tornar-se gente é complexo e depende de muita coisa. Todo ser humano só se constitui humano na relação com outro ser humano. Então, temos dois nascimentos: um biológico e outro simbólico associados à nossa estreita dependência do desejo do outro, da linguagem e da cultura que nos absorve. Nessa relação, cabe articular os elementos explícitos colocados em jogo pelo autor no “Xarles, o príncipe”.

Se estamos tomados pelo outro desde nossa origem faz-se importante pensar, como sugere o livro, na responsabilidade dos desejos e das projeções parentais sobre os filhos e seus destinos. Xarles não era um menino de rua. Tinha família formalmente composta com todos os ele-

mentos presentes, ou seja, pai, mãe, filhos. Entretanto, a forma como esses elementos estão constituídos, posicionados e funcionando é o que faz o enigma. Podemos pensar inicialmente, que é da articulação entre esses elementos fundamentais para a constituição humana que resulta os ditos filhos que “vingam” e os que “não vingam”. A questão é saber: vingam ou não prá quem?

Há que existir sempre um desejo recaindo sobre um recém nascido biológico para que ele possa nascer como sujeito humano, para além de seu nascimento físico. Nesse sentido as figuras parentais são, via de regra, responsáveis por tal acontecimento e D. Gorete não é exceção à regra. Ela exemplifica bem esse aspecto constituinte não apenas em relação a Xarles, mas aos demais filhos. Digamos que ela, nesse sentido, cumpriu sua função primordial. Para cada filho um desejo diferenciado, uma função particular, uma demanda explícita e um destino resultante. Artimanhas do inconsciente e, não havendo intencionalidade consciente, aliviemos a responsabilidade que cabe a D. Gorete nesse pormenor. Para Xarles, coube a tarefa de mudar a família, de transformar a vida de todos para melhor. Situação praticamente impossível, mas em nossas sociedades não podemos deixar de pensar: Quantos Xarles nascem com essa incumbência? Quantos nascem sob o signo da mudança familiar? Cada um na família Oliveira e Silva estava predestinado. Antônio, a ser filho do pai; José, a ser neto do avô paterno, e ambos inscrevendo-se pela via da nomeação numa filiação paterna. Mesmo Xarles e suas irmãs estavam nessa rota, cujos sobrenomes excluíram a referência materna. Segundo Francisco, jornalista narrador, essa conduta era justificada pelos costumes da região. Ora, se nada é por acaso, esse fato também não é. Como sabemos, para uma filiação simbólica com efeitos positivos na estruturação subjetiva, um reconhecimento dessa ordem, por si só não é suficiente. Tanto assim que havia uma D. Gorete para provar que apenas esse ato formal de registro civil, onde apenas a constelação paterna tem valor social não era suficiente. Não deixar que esse ato formal se trans-

formasse num ato subjetivo de valor determinante foi definitivo na vida e percurso da família Oliveira e Silva. Nesse aspecto não só D. Gorete tem mérito, mas seu Antônio também. É bem verdade que a contribuição de um ato dessa natureza na formação psíquica e no destino de cada filho não é desprezível, mas no caso da família de Xarles, o desejo de D. Gorete, sua forma de funcionar e sua especial posição na constelação familiar conduziu a subjetivação de cada filho, bem como seus destinos, suas fantasias, suas defesas e suas produções vitais.

D. Gorete era a lei com letra maiúscula, o poder e a regra firme que todos deviam seguir. Mas, para fugir dessa condição de subordinação, de alienação ao outro, de objeto e não de sujeito, cada um dos filhos arranjou uma estratégia particular para lidar com a situação. Afastamentos, somatizações, conversões históricas, silêncio, transgressão, inibição, drogas e agressividade. Foi assim que cada um dos membros da família Oliveira e Silva fez o que tecnicamente chama-se formação de compromisso, um arranjo inconsciente entre o desejo da mãe e o seu próprio. Xarles, mais do que ninguém buscou caminhos imaginários, poderes institucionais clandestinos, drogas, transgressões, frágeis afetos, semblantes de satisfação. Pois é, mas será que Xarles tinha outra alternativa? Que recursos subjetivos possuía para sair do lugar que estava? Foi uma criança, desde o início, rejeitada pela mãe que diante de uma gravidez não planejada e não desejada reverte seus sentimentos ao oposto, transformando a rejeição do filho caçula numa aceitação incondicional e sem limites. Ou Xarles aceitava esse amor da mãe e, assim, satisfazia seus prazeres imediatos ao preço de ser sempre o objeto de satisfação do desejo inconsciente da mãe, ou se excluía desse destino, virando um sujeito autônomo, independente, livre. Infelizmente, para Xarles era tudo ou nada. Ou era o príncipe da mamãe no reino da fantasia ou era um nada, um sujeitinho de merda, um homem de meia tijela. Nesse contexto, para ser homem e não objeto Xarles pagou inconscientemente um alto preço.

A religião, tanto para D. Gorete que não reconhecia nenhum terráqueo como capaz, como para Xarles, foi uma tentativa de buscar algum tipo de equilíbrio dentro de uma estrutura subjetivamente tão frágil e comprometida, mas, só um milagre para realizar as mudanças desejadas. Deus, entretanto, não agraciou a ninguém. Nesse sentido a busca pela religião era a tentativa de instalar e fazer reconhecer a triangulação edípica necessária ao bom funcionamento subjetivo, ou seja, metaforicamente o pai – Deus, a mãe- Maria, e o filho-Jesus. Isso não aconteceu na história de Xarles – nem na realidade, nem na fantasia – pois no primeiro caso tinha um pai morto em todos os sentidos, principalmente na sua função parental constituinte da subjetivação humana dentro da normalidade e, no segundo caso, na fantasia, não houve igualmente um pai capaz de contribuir efetivamente na estruturação subjetiva necessária a instalação de um verdadeiro sujeito humano. Por isso que o comportamento de Xarles era o mesmo no seio familiar ou no social, pois não possuía outra posição psíquica para se apoiar que não fosse a conhecida fragilidade da origem.

Por outro lado, a vida se renova e, foi através de Charles Jr, um outro filho coitado, que Xarles o príncipe reparou sua existência. Por sorte, desta vez não havia uma D. Gorete e sim uma Júlia, melhor posicionada psiquicamente, e capaz não só de reconhecer a existência de um pai para o filho, como regular suas expectativas sobre o mesmo, dividi-lo afetivamente com o pai biológico, com os avós e familiares, com Paulo seu marido, e com suas aspirações pessoais e sociais.

Finalmente, o “morto vivo” é aquele que está alienado no desejo do outro, sem possibilidade de independência e autonomia. Xarles e Charles Jr. nos mostram que há saídas para uma vida independente, cujo preço só a posteriore vamos saber.

ISBN 978-85-908755-3-6



9 788590 875536



Xarles

O PRÍNCIPE

por Jason Jair Frutuoso

Uma família em crise de fidelidade e isto era notável na relação de Dona Gorete e Xarles e, por que não dizer, entre toda a família e Xarles? Sobre esse péso o sonho da família. Começaram tanto as ameaças sobre o garoto que ele "conseguir um emprego em mais nada. Enquanto Antonio e Marlene tentam pensar, indo à procura de emprego sem poder estudar, José realizava negócios ilícitos, Maria vendia roupas de usar dentro e à família, como um todo, estava vivendo sua mais desastrosa vida.

Mas, enfim, José continuava a sonhar cada vez mais alto e a mãe já não suportava mais a vida dele naquele mundo de negócios, negócios que ela não tinha a menor ideia de como fazer. Chegou a imaginar que aquilo que José produzia poderia ser usado para a fabricação de produtos de limpeza e higiene em grandes, pequenos mercados ou até mesmo em grandes fábricas. Ela não queria mais que ele se tornasse um empresário, mas sim um comerciante. Ela queria que ele se tornasse um empresário, mas não queria que ele se tornasse um empresário. Ela queria que ele se tornasse um empresário, mas não queria que ele se tornasse um empresário.

Certo dia José disse a mãe que estava mudando de ideia e que queria trabalhar com a fabricação de produtos de limpeza e higiene em grandes, pequenos mercados ou até mesmo em grandes fábricas. Ela não queria mais que ele se tornasse um empresário, mas sim um comerciante. Ela queria que ele se tornasse um empresário, mas não queria que ele se tornasse um empresário.